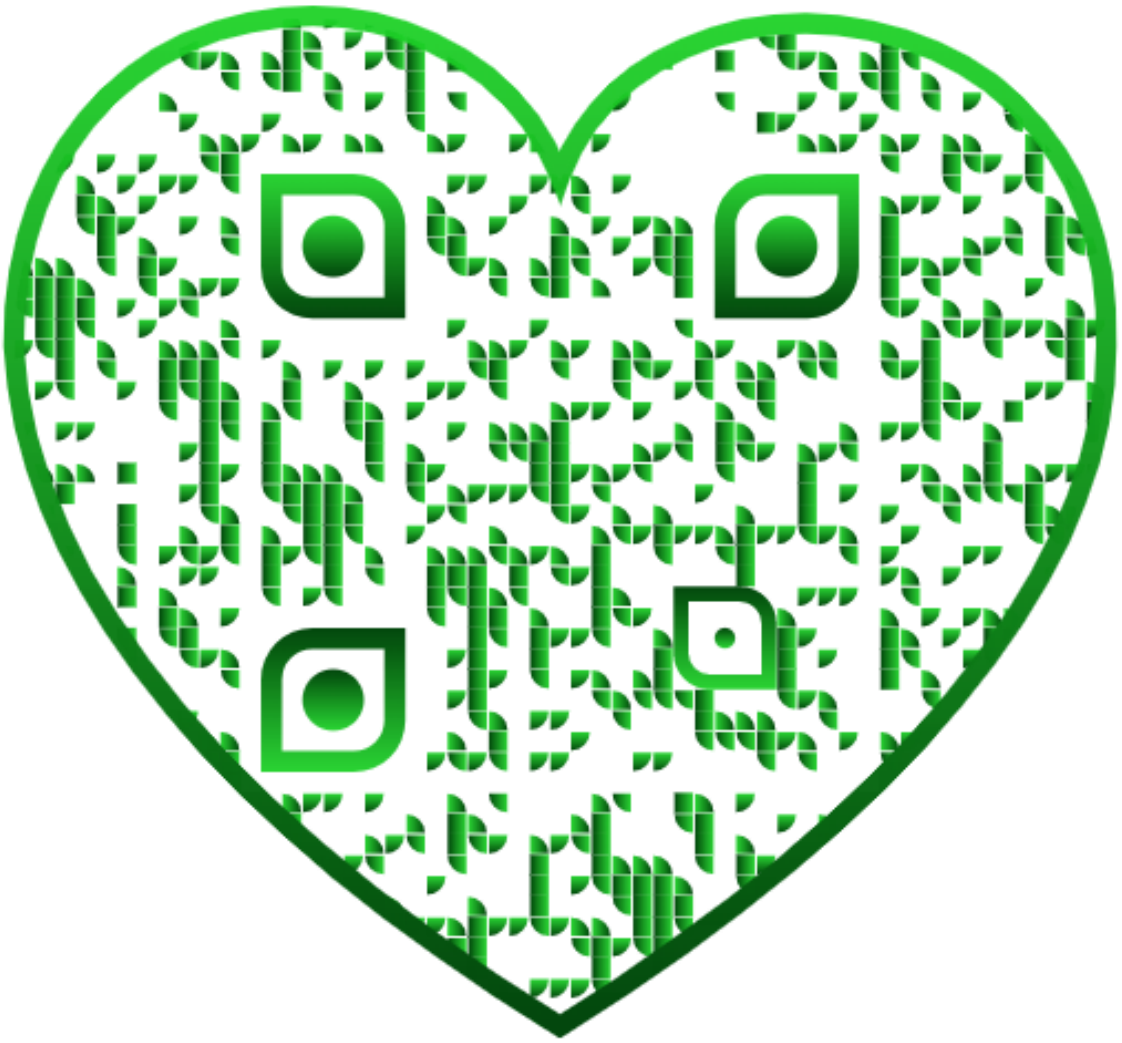
GENERAL
FERDINANDO DE CARVALHO

OS SETE MATIZES DO ROSA

BIBLIOTECA
do EXÉRCITO
EDITORA



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO Publicação 478

COLEÇÃO GENERAL BENÍCIO Volume 157

Copyright (c) 1978 by Ferdinando de Carvalho
Copyright (c) 1978 Editora Artenova

Capa:
STUDIO ARTENOVA

Revisão:
ALBERTO DE OLIVEIRA
JORGE AGUINALDO URANGA

329.981
C331s CARVALHO, Ferdinando de,
Os sete matizes do rosa. Rio de Janeiro,
Biblioteca do Exército, 1978.
p. 21cm (Coleção
Gen Benício, v. 157, publ. 478).

1. Comunismo. 2. Atividades subversivas — Brasil. 3. Partido Comunista Brasileiro. I. Título II. Série.

Reservados todos os direitos desta edição. Reprodução proibida, mesmo parcial, sem expressa autorização da Editora Artenova S.A.

General FERDINANDO DE CARVALHO

OS SETE MATIZES DO ROSA

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO — EDITORA
Rio de Janeiro — RJ
1978

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

FUNDADOR,
em 17 de dezembro de 1881,
Franklin Américo de Menezes Dória,
Barão de Loreto

REORGANIZADOR,
em 26 de junho de 1937, e fundador da Seção Editorial
Gen Valentim Benício da Silva

DIRETOR
Cel Art Fernando Oscar Weibert

SUBDIRETOR
Ten Cel Art Neomil Portella Ferreira Alves

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES
Militares:
Gen Div R-1 Francisco de Paula e Azevedo Pondé
nomeado em 10 de outubro de 1973
Gen Div R-1 Jonas de Morais Correia Filho
(Relator deste livro)
nomeado em 10 de outubro de 1973
Gen Div R-1 Adailton Sampaio Pirassinunga
nomeado em 8 de maio de 1958
Ten Cel Inf Carlos de Souza Scheliga
nomeado em 25 de abril de 1975
Maj Inf Pedro Schirmer
nomeado em 11 de outubro de 1977
Civis:
Prof Pedro Calmon Moniz de Bittencourt
nomeado em 28 de maio de 1975
Prof Francisco de Souza Brasil
nomeado em 10 de outubro de 1973
Prof Ruy Vieira da Cunha
nomeado em 10 de outubro de 1973

Biblioteca do Exército — Palácio Duque de Caxias
Praça Duque de Caxias — Ala Marcílio Dias — 3.º andar — Centro
RJ — ZC-55 — Endereço Telegráfico "BIBLIEX".

APRESENTAÇÃO

Volta o General Ferdinando de Carvalho a prestigiar os Assinantes da "Coleção General Benício" com mais esta obra de esclarecimento da opinião pública.

Como seu trabalho anterior — "Os Sete Matizes do Vermelho" —, a presente obra, além de esclarecedora e patriótica, constitui-se numa autêntica "vacina" e permite a quem a ler — mesmo despreocupadamente, à guisa de passatempo — identificar a diversificada gama de "inocentes úteis" que por aí pululam.

Permite, por outro lado, que o próprio inocente útil, que não seja comunista, que não esteja a serviço da subversão, que não espose essa ideologia contrária às tradições, usos e costumes brasileiros, disso se conscientize e reformule sua maneira de agir, sua atuação, seu modo de proceder, os argumentos de que se vale para expor suas idéias e, assim, não poder ser confundido com aqueles que lêem pela cartilha de Moscou.

Por outro lado, permitirá a todos e a cada um identificar esses deletérios "inocentes úteis", avaliar melhor seus argumentos, afastá-los de seu convívio e do convívio de seus familiares, assim como dos que estão sob sua orientação. Ou pô-los nas barras de um tribunal.

Como muito bem o disse o General Jonas Correia, Membro da Comissão de Publicações e relator deste livro, ". . .creio que "Os Sete Matizes do Rosa" aumentará de muito o número dos nossos patrícios que, esclarecidos suficientemente pelo grave conteúdo dos capítulos, ficarão desiludidos, relativamente aos falazes acenos das promessas dos ativistas vermelhos. É que este livro completa o outro ("Os Sete Matizes do Vermelho"), suplementando-o; integrando-o, superando-o.

"E por que — superando-o? Pela razão simples de que aprofunda estudos dos tipos comuns que andam por aí, inadvertidos ou fracos, até agora não "fotografados" tão bem, como aqui faz o General Ferdinando de Carvalho com a sua Kodak."

Ao distribuir este livro aos nossos quase trinta mil Assinantes, sentimos estar prestando a eles, como àqueles que o lerem, um alto serviço patriótico e de benemerência.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO — EDITORA

ÍNDICE

		Págs.
	Apresentação	5
	Os Homens Cor-de-Rosa	10
I	— A Missão	12
II	— Os Criptocomunistas	17
III	— Os Oportunistas	47
IV	— Os Inocentes-Úteis	73
V	— Os Companheiros-de-Viagem	95
VI	— Os Simpatizantes	120
VII	— Os Contestadores	138
VIII	— Os Colaboradores	164
IX	— A Lista	193
X	— A Viagem	198
XI	— O Dinheiro	204

Disraeli declarou que a Inglaterra, de seus tempos, era forte porque lá os homens de bem tinham tanta coragem quanto os vilões.

Hoje, porém, para que uma Nação possa ser livre, é necessário que os homens de bem sejam ainda mais corajosos do que os vilões.

OS HOMENS COR-DE-ROSA

Muitas pessoas ficam intrigadas ao verificar como um pequeno número de comunistas consegue, em geral, controlar um imenso grupo de aquiescentes, arrebanhados passivamente, sem que se observe a reação que seria natural em uma coletividade explorada e iludida.

Em outras ocasiões, pessoas de alto nível intelectual prestam-se a manipulações que só pòdem ser explicadas por uma inconcebível ingenuidade.

Outros ainda associam-se a empreendimentos oportunistas com os vermelhos,que lhes impõem o preço de atitudes impatrióticas e de contribuições degradantes.

Todos esses indivíduos, coniventes e cúmplices dos bolchevistas, multiplicam os efeitos de sua atividade deletéria dezenas de vezes, obedecendo às suas ordens, seguindo a sua linha política, servindo-lhes como porta-vozes ostensivos, protegendo-lhes a sobrevivência ou alimentando a sua organização com dinheiro, prestígio ou recursos de toda a natureza.

São os homens cor-de-rosa.

A nocividade desses auxiliares do Movimento Comunista Internacional, muitas vezes travestidos como liberais, defensores da liberdade e dos direitos individuais e coletivos, reside justamente na dificuldade de sua identificação como agentes sub-reptícios e em sua capacidade de penetração incólumes em todos os meios sociais.

Nem todos eles são conscientes servidores da causa marxista-leninista. Alguns se prestam a esse papel subserviente por idealismo, credulidade e até por insatisfações ou inadaptações na sociedade em que vivem.

É preciso, entretanto, que todas as pessoas sejam esclarecidas sobre a existência desses tipos marginais, e que eles próprios sejam alertados sobre o vulto e as conseqüências da ignomínia que praticam.

Por essa razão, escrevemos este livro como uma advertência tanto para os homens livres, como para aqueles que, desejando ser livres, tornam-se dependentes incondicionais do Comunismo.

I - A MISSÃO

No setor, a que chamei "indireto", os soviéticos empregam 350.000 agentes e despendem 1.500 milhões de dólares por ano. Acrescentando o setor "direto" dos Partidos Comunistas, verifica-se que, para o conjunto de sua máquina de Guerra Política, os soviéticos despendem mais de dois bilhões de dólares por ano e empregam 500.0000 agentes declarados ou clandestinos espalhados pelo mundo.

(Suzanne Labin — "A Guerra Política")

A MISSÃO

Os dois homens atravessaram rapidamente a rua e entraram no velho edifício, sem deixar de relancear para um e outro lado. No bairro de Santa Teresa, no Rio, às onze da noite, as ruas já cochilavam taciturnas. Desceram a escada sombria e chegaram ao pátio de um depósito, cheio de caixotes e sucata. Abriram a porta do suposto quarto do zelador e entraram. O interior confortável contrastava com a desordem externa. Era um apartamento bem mobiliado, com poltronas de couro e ar condicionado. Aí funcionava a Comissão de Relações Exteriores do Partido Comunista.

Sentaram-se. Soares Cunha estava substituindo o Secretário-Geral do Partido, em tratamento médico na União Soviética. Ali estava ele para conversar com João Fábio, um dos dirigentes da Seção de Relações Exteriores. Havia um assunto importante a decidir.

Fábio ofereceu um cigarro. Soares recusou e abafou com a mão o incômodo pigarro.

— Deixei de fumar. Estou ficando velho. Afeta-me os pulmões.

— Preciso abster-me também, disse o outro. Mas há dois produtos imperialistas de que não me consigo liberar: o cigarro americano e o uísque escocês.

Soares Cunha olhou em torno.

— Você está bem instalado, disse.

— Preciso de conforto, respondeu Fábio. Trabalho muitas horas por dia. Faço todo o controle dos rapazes que estão estudando em Moscou e em outros lugares. Cuido das viagens e da correspondência desse pessoal. Coordeno toda a propaganda do Partido no estrangeiro e ainda me encarrego de remeter a "Voz Operária" para nossos assinantes no exterior. E não tenho, nem posso ter, muitos auxiliares.

— Eu sei que essa Seção é muito ocupada. Mas estamos em crise de quadros de confiança e de auxiliares dispostos.

— Tivemos que mandar um agente a Paris. O Partido Comunista Francês solicitou. Mantemos na França o melhor trabalho de desmoralização da ditadura no exterior. Os exilados brasileiros ajudam muito. Com o auxílio deles, estamos editando em francês os "Estudos Brasileiros".

— Excelente. O camarada na França ainda remeteu esse ano oito mil francos para a Seção de Finanças. Mas vamos ao ponto principal: Recebi uma carta do Professor Ilicht.

Tirou do bolso o papel e desdobrou-o cuidadosamente.

— Está datada de 15 de janeiro de 1969. Escreveu-me do México. Já pedi que não me enviem correspondência direta de Paris ou de Moscou, a não ser através da mala diplomática.

— A Polícia tem quase todos os nossos antigos endereços postais. Estou mudando todos.

Soares coçou a cabeça.

— Esta é a pior fase que o Partido tem atravessado. Nem em 1935 foi tão chato. Mas de certo modo tem sido útil. Temos apurado a técnica da ação clandestina. E ainda mais, nosso pessoal se convenceu da necessidade da segurança. Agora nossas bases já estão trabalhando bem.

— Quando penso em nossa estupidez em 1964, tenho vontade de bater com a cabeça nas paredes. Fazíamos comícios. E saíamos gritando pela rua: "Eu sou comunista."

— Não adianta lamentações, falou Soares. Estamos passando por uma crise, mas a situação mundial nos favorece. A União Soviética está cada vez mais forte. Os Estados Unidos estão perdendo a guerra no Vietnã. Toda a África está se comunizando. Além disso, estão surgindo focos de luta revolucionária no próprio continente.

— Por falar nisso, recebi um exemplar do "Diário de Guevara".

— Allende tinha enviado dois guias para evacuar os cubanos em caso de insucesso. De nada adiantou. Guevara foi riscado do mapa. Mas vamos à carta de Ilicht. Ele manda dizer que o nosso homem de Moscou arranjou um auxílio para o Partido, no montante de 200 mil dólares. Pede que enviemos um emissário para trazer o dinheiro. É este o problema no momento.

— Onde é que o dinheiro será apanhado?, perguntou João Fábio.

— Em Paris. O dinheiro será entregue em dólares americanos. Um agente procurará nosso emissário em um local que designaremos oportunamente. O trabalho desse emissário será trazer para o Brasil a maleta de mão, sem saber o que ela contém.

João Fábio levantou-se para apanhar uma caderneta. Anotou tudo o que Soares lhe havia dito sobre a missão.

— Deveremos dar ciência ao nosso agente em Paris?, indagou.

— Não, declarou incisivamente Soares. Esta é uma missão independente. Quero uma operação direta, sem intermediários. Quem está pensando em mandar como emissário?

— Acho que não pode ser ninguém do Comitê Central ou da Seção de Relações Exteriores.

— Exato. A Polícia poderia identificá-lo. É possível que o deixassem sair do País. Mas, na volta, tomariam tranqüilamente nosso dinheiro.

— Devemos mandar um homem neutro. Um amigo nosso que vá a Paris, em viagem de turismo ou a um congresso de qualquer coisa. Duzentos mil dólares em notas de cem cabem perfeitamente em uma maleta de mão.

— Providenciarei para que um homem nosso da Alfândega se encarregue da liberação.

João Fábio levantou-se e serviu-se de uísque.

— Veja, meu caro, a ironia dos fatos, disse ele. O pessoal do Partido só recebe as missões de sacrifício. Na hora de passear na França, temos de mandar um insuspeito. Mas rememoremos a missão: O emissário deverá ir a Paris, onde entrará em contato com um agente da KGB e receberá a maleta lacrada com os duzentos mil dólares.

— Certo, confirmou Soares. E isso com a maior urgência. Quero agora uma lista de nomes para selecionar um deles.

— Dentro de alguns minutos dar-lhe-ei essa lista, asseverou Fábio.

Consultou um arquivo e escreveu sete nomes em uma folha de papel.

Soares recebeu a lista.

— São sete figurões. Conheço-os todos. Bons nomes. Vou escolher um deles e depois dar-lhe-ei minha decisão.

Dobrou o papel e o guardou no bolso.

— Procure-me amanhã na Secretaria. Agora vou indo.

— O carro deve estar esperando, disse o outro.

— Nosso emissário deve partir dentro de dez dias, determinou Soares.

— Fique tranqüilo. Providenciarei tudo.

O Secretário-Geral substituto estendeu a mão que o outro comunista apertou, sentindo-a leve, magra e fria.

Abriu a porta e sumiu-se na escuridão.

João Fábio serviu outra dose de uísque e deixou-se afundar na poltrona para planejar mentalmente a operação.

II — OS CRIPTOCOMUNISTAS

É preciso aumentar a atividade revolucionária estudantil, e devem envidar-se todos os esforços para que isso chegue a tumultos em larga escala.

Os estudantes são susceptíveis a tudo que é idealista, e devem ser atacados conforme já antes aconselhamos.

Todos os ativistas devem lembrar-se que, de forma alguma, as suspeitas das demonstrações venham a recair sobre eles ou que sejam de inspiração comunista.

Sempre que comunistas conhecidos tentarem persuadir os outros para alguma ação militante, os nossos subversivos clandestinos devem se opor a isso abertamente, pois é importante que mantenham garantida a sua clandestinidade.

(De uma instrução em código, enviada de Moscou para seus agentes subversivos na Alemanha Ocidental — in J. Bernard Hutton — " Os Subversivos" — 1975)

OS CRIPTOCOMUNISTAS

Os criptocomunistas são comunistas não confessos por medo ou conveniência. Entre eles encontram-se os membros de certos setores secretos do Partido Comunista. São os militantes ocultos que só se manifestam em certas oportunidades. Procuram sempre dificultar a repressão ao comunismo e favorecer a ação do PC.

Osvaldo desceu do ônibus e encetou a caminhada rotineira de meio quilômetro que distanciava o ponto final da modesta pensão em que se hospedava. Era março de 1968 e, percorrendo aquelas ruas de bairro do Rio, não atentava para as casas antigas, nem para as crianças que brincavam nas calçadas na tarde cheia de luz e calor. Conjeturava que iria perder todo o fim de semana, mergulhado em seus estudos para o curso de Psicologia na Universidade.

Cumprimentou o Sr. Dino, dono da banca de jornais da esquina, demorou-se um minuto a olhar as capas das revistas em exposição e seguiu caminho, pensativo. Preocupava-lhe ainda a escolha do tema literário que deveria desenvolver. Não havia logrado uma boa nota no trabalho anterior.

Subiu as escadas da varanda lateral da pensão e saudou a proprietária gorda que descansava, esparramada na cadeira de vime, abanando-se com uma ventarola de palha.

— Boa tarde, Dona Eufrásia. Como vai passando? Alguma carta pra mim?

— Infelizmente não, meu filho. Há mais de uma semana que não chega correspondência pra você. E possível que seja atraso do correio.

— Obrigado, não faz mal.

Osvaldo tinha o costume otimista de conformar-se rapidamente com os acontecimentos, e aquele seu "não faz mal" era a manifestação mais habitual de sua tendência fatalista.

Em seu quarto sóbrio e limpo, depositou os livros sobre a pequena mesa e sentou-se na cama. Os livros, cuidava deles com carinho. Eram todos usados, adquiridos nos "sebos" da cidade, mas se afeiçoava a eles, como os melhores amigos de sua vida calma e solitária.

A janela aberta dava para o quintal, onde velhas mangueiras projetavam uma sombra que convidava ao lazer. Uma empregada recolhia, cantarolando, as roupas secas de um varal. Era Maria, preta de meia idade, cujas habilidades culinárias ele costumava elogiar. E era uma política compensadora.

Osvaldo chegara ao Rio não fazia três meses. Tinha dezoito anos, compleição alta e magra, rosto simpático e olhar tranqüilo. Vinha de uma pequena cidade do interior do Paraná, onde viviam seus pais, gente modesta. Concluíra seus estudos no ginásio local. Aprovado nos exames vestibulares, com boa classificação, fora beneficiado com uma bolsa de estudos.

Estranhara o ambiente da grande cidade. Julgava a metrópole desumana e agressiva. Como se diferenciava de sua vila natal, onde todos se conheciam e se confraternizavam, malgrado os naturais mexericos e as rivalidades políticas, sem conseqüências apreciáveis!

Bem lhe advertira o Padre José Solovik, de origem polonesa, seu mestre e amigo, cuja cultura ele reverenciava profundamente. Caminhando juntos na ala sombria do colégio, ele lhe aconselhara sobre as ilusivas atrações e os constantes perigos do centro urbano.

Partira na véspera da quermesse, sentindo não participar da festa como o fazia anualmente. Era a ocasião em que as moças enchiam a praça da igreja, com seus sorrisos e sua graça, exibindo o colorido de seus vestidos melhores, enquanto nas barraquinhas leiloavam-se prendas em benefício das eternas obras paroquiais e a banda desafinava as marchas tradicionais.

Levava o coração opresso, e os cenários estimados logo desapareceram no percurso do trem que se apressava para vencer um longo trajeto.

Na Universidade, Osvaldo encontrou um ambiente de notória indisciplina. A administração dificultava tudo, e para oficializar a sua matrícula teve de enfrentar o mau humor e a resistência passiva que era apanágio das secretarias desorganizadas. O ensino se destacava por sua evidente ineficiência. Todas as teorias pedagógicas se aniquilavam nas pequenas e mal ventiladas salas de aula, onde os alunos se aglomeravam, ou em auditórios desconfortáveis e de péssima acústica. Os professores, desobedientes de horários e programas, ministravam suas palestras, monologando despreocupados para classes desatentas. Outros gastavam os seus tempos parolando com minorias sobre assuntos extracurriculares.

Os estudantes desfrutavam exagerada autonomia. Havia um grupo de líderes em absorventes confabulações políticas. Algumas vezes, um ou outro deles interrompia ostensivamente uma aula para ministrar avisos ou até mesmo para realizar plebiscitos que, em geral, terminavam em protestos e tumultos.

Desde logo, Osvaldo percebeu que não poderia contar com a orientação dos professores. Consultou colegas mais experimentados. As opiniões eram obscuras e contraditórias.

Notava-se, na Faculdade de Psicologia, uma nítida preferência por temas esquerdistas ou irreverentes. Muitos assuntos de debate eram nitidamente marxistas. Osvaldo não obteve bons resultados nos primeiros trabalhos. Suas interpretações foram consideradas anacrônicas, eivadas de um espírito antiquado e burguês. Quando ele defendeu a tese de que o regime democrático deve impor restrições que lhe assegurem a sua autopreservação, não faltou quem lhe atribuísse sentimentos autocráticos. Ficou muito preocupado por causa disso.

Um dia, decidiu procurar um dos professores, entre os que lhe pareciam mais acessíveis. O Dr. Romualdo Palhares, lente de Didática, era um indivíduo comunicativo. Devia ter uns cinqüenta anos, exibia uma cabeleira grisalha e mal cuidada. Trajava-se de uma forma que se classificava entre a displicência e o desmazelo. Gostava de conversar com os

alunos, no seio dos quais era estimado. Como professor, deixava muito a desejar. Suas aulas eram improvisadas e sem conteúdo.

— Professor, disse-lhe Osvaldo, sinto-me bastante perplexo. Ainda não me ambientei, nem compreendi o espírito que predomina na Faculdade. Tenho receio de sair daqui nulo e incompetente.O senhor acha que isso é natural?

— Já percebi, respondeu o Dr. Palhares, que você está como um peixe fora d'água. Isso acontece. Você veio do interior, e a mudança de ambiente ocasiona problemas.

— Peço-lhe que não me leve a mal, professor. Mas acho que, em minha cidade, no interior, estudava-se mais do que aqui. Noto uma grande dispersão de esforços na Faculdade.

— Na verdade, você ainda não percebeu que o ensino tem experimentado uma notável evolução. Idéias modernas estão revolucionando todo o conhecimento humano. Os velhos conceitos estão caindo.

O Dr. Palhares palestrava com Osvaldo na biblioteca da Faculdade, que os estudantes freqüentavam mais para conversar do que para consultar os livros que jaziam tranqüilos nas estantes.

— Vários pesquisadores, continuou o professor, estão criando novas concepções revolucionárias em matéria de Didática. O século de Claparède já se extinguiu. Hoje, o canadense McLuhan, por exemplo, considera que a liberdade de transmissão e aquisição de conhecimentos deve ser absoluta, para que o indivíduo se coloque dentro do seu ambiente e de sua época, inteiramente isento dos preconceitos do passado. Outros, como Chomsky, vão mais além. Eles estabelecem uma associação entre a Política e as manifestações culturais. Surge, em conseqüência, uma nova consciência, uma revolução cultural que se projeta em todas as áreas, repudiando o tradicionalismo e engendrando novos conceitos de moral que escandalizam os conservadores, mas exprimem as resultantes de uma sociedade em mutação.

— É justamente isso que não consigo entender. Tudo me parece sem lógica. Tem-se a impressão de que a humanidade enlouqueceu.

— Você é uma vítima da incongruência de uma filosofia obsoleta. A primeira coisa que você deve varrer de sua idéia é que tudo deve ter necessariamente uma lógica, uma explicação. É uma estupidez a concepção de que tudo deve ser racional e compreensível. É uma pretensão humana querer que as coisas se coloquem ao alcance de seu entendimento. A racionalidade não é um atributo fundamental das coisas, mas um acessório eventual. O importante não é compreender, mas sentir. Jamais compreenderemos tudo o que vemos e ouvimos. Só a mediocridade é racional. Um quadro, uma peça musical, um texto literário não são para serem entendidos, mas para serem apreciados. Você já pensou por que uma flor tem determinada forma, cor e perfume? Por que existem nuvens flutuando no espaço? Por que o homem tem olhos, nariz e boca? No entanto, embora sem uma explicação, você não deixa de considerar bela uma rosa, um céu ao entardecer ou um rosto de mulher.

Osvaldo fitava o seu interlocutor, admirando-se de suas extravagâncias confusas e originais.

— Estou cada vez mais convencido de minha ignorância, disse ele.

— No dia em que você considerar-se integralmente estúpido, terá atingido a sublimidade. Marchamos para uma nova civilização totalmente libertada, para um mundo sem guerras, nem fronteiras. Um mundo em que o homem viverá feliz, despreocupado, satisfeito com a sua própria ignorância.

Com essas palavras, o Dr. Palhares levantou-se e saiu, sem mesmo despedir-se. Osvaldo permaneceu ali, ainda algum tempo, procurando meditar sobre o que acabara de ouvir do professor de Didática.

Lembrou-se do que lhe advertira o Padre Solovik. "Cuidado, dissera ele, há mais loucos do que se pensa andando soltos por aí."

Enquanto aguardava a hora do jantar, Osvaldo recordou-se da aula do professor de Psicologia Experimental. Era um jovem admirador de Herbert Marcuse e de Jean-Paul Sartre. Tinha realizado cursos na Europa e dizia-se partidário do amor livre. Nem por isso escandalizava as mo-

ças da classe que assistiam com naturalidade as suas preleções. "A liberdade sexual é uma etapa da libertação dos indivíduos", declarava. Parece que se deixara influenciar exageradamente por conferências a que assistira na Universidade Crítica de Berlim, onde se afirmava que "a erotização era parte do processo revolucionário e que a emancipação sexual do homem suplanta os convencionalismos da sociedade capitalista".

Outro professor, o de Fisiologia, desenvolvia as suas aulas à luz da doutrina de Ivan Pavlov. Dizia-se dele que realizara cursos em país comunista.

Sujeito a esse conflito entre opiniões avançadas e sua formação tradicionalista, Osvaldo sentia-se vacilante e desnorteado. Não encontrava agora uma inspiração para o tema de monografia.

Jantou e saiu a caminhar um pouco. À noite, os pensamentos se envolvem de estranhas configurações. Pensou em ir a um cinema ou a um teatro. Preferiu sentar-se em um bar e pedir um refrigerante. Observou as pessoas que ali se achavam, no salão precariamente iluminado. O casal de adolescentes, tomando sorvete e trocando olhares afetivos. O homem que bebia absorto sua segunda cerveja. Os dois operários que jantavam o prato do dia. O dono, junto da caixa registradora, impassível como uma sentinela. O garçom ativo e preocupado com as gorjetas. As pessoas que entravam e saíam com pequenas compras. E a moça, pendurada há tanto tempo no telefone. Seria possível adivinhar o drama que se escondia na alma de cada um? Que força mental seria necessária para penetrar nas consciências e trazer à luz os segredos ocultos no pensamento alheio? Tentou adivinhar algo, uma hipótese, uma simples suposição. Mas encontrou um imenso vazio em sua imaginação.

Surgiu-lhe então a idéia para seu trabalho. Discorreria sobre o fenômeno da transmissão de pensamentos. Tinha estudos a respeito. Mas teria esse assunto algum interesse, alguma originalidade? Não estaria sepultado na vala comum das concepções medíocres?

Levantou-se. Ia saindo, quando o garçom bateu-lhe no ombro. Esquecera-se de pagar a conta.

O Padre Jose Solovik contara-lhe a sua tragédia. Era natural de Bialystok e, após a Primeira Guerra Mundial, quando, em 1920, os exércitos russos, comandados por Tukhachevsky, conquistaram a cidade, toda a sua família foi fuzilada, só restando ele e sua irmã. Tinha apenas quatro anos de idade, e a menina, dois. Foram recolhidos por amigos de seus pais e levados para Varsóvia. Em 1939, sagrou-se sacerdote católico no Seminário de Santa Maria. Ao desencadear-se a Segunda Grande Guerra juntou-se ao exército clandestino nacionalista que combatia os alemães. Depois que a União Soviética ocupou a Polônia, esse exército foi considerado fora da lei e a maioria de seus combatentes, que se apresentaram às autoridades russas, cumprindo instruções da Inglaterra, foram traiçoeiramente presos como anticomunistas.

O Padre Solovik foi recolhido a um campo de concentração na Ucrânia sob a acusação de conspirar contra o governo bolchevista polonês. Escreveu uma carta a Gomulka, Secretário-Geral do Partido Comunista Polonês, do qual fora amigo, antes da guerra, em Varsóvia, mas não recebeu resposta. Sofreu grandes torturas. Passou anos em uma cela úmida e escura. Viu a maior parte de seus companheiros da resistência polonesa e mesmo vários que haviam colaborado com os comunistas serem conduzidos ao pátio da prisão, para serem fuzilados, depois de terem sido forçados sob tortura a assinar confissões forjadas, nas quais se declaravam culpados e traidores.

Em 1956, depois da morte de Stalin e do libelo contra este por Krushov, foi posto em liberdade. Era uma demonstração exibicionista da generosidade soviética. Procurou sua irmã, mas não conseguiu localizá-la. Um dia, recebeu um bilhete anônimo que o aconselhava a fugir, pois estava ameaçado de nova prisão. Numa viagem verdadeiramente heróica, escapando por milagre de inúmeros perigos, conseguiu atingir o litoral polonês em Szczcin, onde embarcou em um pequeno navio pesqueiro, como carga clandestina. Atingiu a Noruega, daí partiu para a Inglaterra, vindo em seguida para o Brasil. Na humilde igreja que edificava no norte do Paraná, o Padre Solovik empreendia uma constante campanha contra o comunismo, de cujos crimes e de cuja opressão guardava cicatrizes em sua própria carne.

Quando recordava a sua pátria, dominada hoje pelos vermelhos, enchiam-se-lhe os olhos de lágrimas.

No entanto, na Faculdade, Osvaldo observava que os temas marxistas, propostos abertamente por muitos professores, tinham grande receptividade entre os estudantes. Teorias econômicas ultrapassadas, como a da "mais-valia" e a do "monopólio estatal dos meios de produção", eram discutidas como novidades. Disseminava-se uma propaganda subliminar que tendia para a desumanização tecnocrata, em detrimento dos valores espirituais. Adivinhava-se uma atmosfera de rebeldia em relação aos padrões institucionais, tachados de arcaicos e inadequados. Propagavam-se idéias radicais, sob a fantasiosa roupagem de movimentos de reação da juventude. Sentia-se que tudo isso obedecia a uma orientação encoberta, mas permanente e constante.

O Dr. Palhares era um desses contumazes propagandistas. Tirando partido de sua facilidade de expressão, conduzia o raciocínio dos seus estudantes por tortuosas veredas marxistas e niilistas, sob a aparente máscara de uma autêntica evolução democrática.

— Durante muitos anos, dizia ele, se difundiu a falácia de que a liberdade é a emancipação da vontade. Os filósofos burgueses chegaram a confundir a liberdade com a razão. Esses conceitos engendraram as profundas contradições das democracias burguesas.

Os estudantes que não aceitavam essas premissas, ou que demonstravam certa relutância contra elas, eram penalizados em suas notas e corriam o risco das reprovações.

Osvaldo concluiu que suas atitudes eram interpretadas como reacionárias. Lembrou-se do que lhe dissera o Padre Solovik sobre a técnica da lavagem cerebral que tanto os russos como os chineses aplicavam nos campos de concentração. Os soviéticos procuravam despersonalizar o indivíduo através de um intenso desgaste físico, de um clímax de sofrimentos que conduziam a uma submissão total. Os chineses, entretanto, desenvolveram outra técnica, muito mais apurada. Criavam um ambiente de completa insegurança e desequilíbrio psicológico, no qual o indivíduo ia paulatinamente se transformando num ser amedrontado, acovardado, pusilâ-

nime. A despersonalização, as punições dos resistentes, o incentivo da aquiescência e da delação, todos esses recursos utilizados na lavagem cérebral tinham uma tradução correspondente nas atividades cotidianas da Universidade.

O grupo esquerdista gozava de grande prestígio. Tinha franco acesso em todos os departamentos e revelava uma unidade de ação monolítica. Sua freqüência às aulas era livre, pois a ação política era considerada uma atividade didática. Formaram-se diretórios estudantis clandestinos. A reação contra esses movimentos que prejudicavam o ensino era mínima, pois não contaria com o menor apoio oficial.

O reitor era condescendente, procurando evitar conflitos que pudessem repercutir no prestígio da Universidade e comprometer a sua permanência no cargo. Os diretores das faculdades eram, em sua maioria, inoperantes ou desinteressados. Os professores, cheios de queixas e reivindicações, mal remunerados, sem recursos didáticos, engrossavam a corrente de maledicência e de insubmissão.

Osvaldo tinha certeza moral de que o Dr. Romualdo Palhares era um comunista. O professor jamais mencionara esse fato. Mas a sua argumentação e as suas atitudes denunciavam-no. Sua maior concessão era dizer que tinha idéias socialistas. Mantinha, porém, grande afinidade com os estudantes esquerdistas. Exaltava as manifestações desse grupo, com o qual era visto em freqüentes entendimentos.

Certa ocasião, encontrando-o a sós em uma sala, Osvaldo não se conteve.

— Professor, disse ele, poderia fazer-lhe uma pergunta?

— Pois não, respondeu o Dr. Palhares, olhando-o desconfiado.

— Dizem por aí que o senhor é comunista. É verdade?

O professor sorriu e retrucou com outra pergunta, como já tivesse experiência em interrogatórios dessa natureza:

— Que entende você por "ser comunista"?

Osvaldo embaraçou-se. Tentou uma resposta:

— Bem. Comunista, penso eu, é aquele que professa idéias marxistas-leninistas e que age para a implantação no País de um regime comunista.

— Você acha que eu professo idéias marxistas-leninistas?

— Algumas de suas idéias são marxistas-leninistas.

— E eu posso ser tachado de comunista só porque algumas de minhas idéias coincidem com as de Marx e de Lenine? Olha, rapaz, eu sou um modesto professor sem nenhuma influência. Que importam as minhas idéias na marcha da evolução política da Nação? Se marcharmos para o comunismo, não sou eu quem vai influir, nem você quem vai impedir.

Chegou até a janela de onde se divisava o casario da cidade que a bruma seca envolvia numa atmosfera cinzenta.

— Olha, continuou, aí está um mundo de contradições e insatisfações. Exploração, brutalidade, injustiça, miséria, tudo se agita dentro dessa aparente tranqüilidade. Você já percebeu isto? Em que se pode o homem agarrar quando tudo se volta contra ele?

Osvaldo não respondeu. Pressentiu a inutilidade da discussão. A mentalidade do professor assentava-se em uma base psicológica que deveria ser muito antiga e profunda.

Em 1964, desencadeou-se no mundo inteiro uma onda contagiante de subversão estudantil. Foi nos Estados Unidos, justamente no berço tradicional da democracia moderna, que se iniciou esse movimento, comandado e orientado pelo Comunismo Internacional. Instruções secretas, provindas de Moscou e Pequim, orientavam os líderes propagandistas e agitadores das massas de jovens. A motivação inicial foi a Guerra do Vietnã. Na Universidade de Berkeley, na Califórnia, seis mil estudantes se rebelaram, engendrando uma avalanche de vandalismos, desordens e violências que se propagou pela Europa, contaminando a Alemanha Ocidental, a França, a Inglaterra, atingindo o Japão e quase todos os países da América Latina. Os agitadores ocupavam e depredavam as instalações escolares, agrediam e aprisionavam os professores, estabeleciam exigências arbitrárias e enfrentavam violentamente a polícia. Criaram-se as chamadas guerri-

lhas urbanas que incendiavam e destruíam automóveis, saqueavam casas comerciais e empreendiam combates de rua.

Quase todas as universidades nos Estados Unidos presenciaram cenas impressionantes da rebelião estudantil. Na Inglaterra, sucediam-se tumultos análogos. Na Alemanha Ocidental várias cidades como Colônia, Lubeck, Franckfurt, Bremem, Hamburgo e Nuremberg foram cenários de conflitos seriíssimos, com muitos mortos e feridos. Na França, as violências estudantis, com o apoio de operários, quase acarretaram o colapso total do país e a queda do governo de de Gaulle. Todo o território dessa nação estava conflagrado por uma agitação que parecia impossível de ser dominada. No México, houve verdadeiras batalhas urbanas entre os grupos subversivos de estudantes e o Exército. A cidade do México presenciou as "piores desordens públicas dos últimos cinqüenta anos"

Os órgãos de segurança em muitos países conseguiram apreender exemplares de instruções especiais que os focos do Comunismo Internacional, a União Soviética e a China Comunista enviavam através de seus agentes para provocar e apoiar a ofensiva da subversão no mundo inteiro. Tais instruções exploravam, em cada país, os problemas nacionais, dando assim uma aparência de diversificação a movimentos que, na realidade, se unificavam no propósito de ameaçar todo o Ocidente. E o Brasil, sede de uma imensa população estudantil, enfrentando os problemas de uma fase de reconstrução política, social e econômica, teria que ser fatalmente alcançado pelo fluxo destrutivo da subversão comunista que atingiu nosso país, a partir do início de 1968.

Em maio, as manifestações estudantis, provocadas pelas organizações esquerdistas que se aliavam para o objetivo comum da subversão, começaram a agravar-se nas principais cidades brasileiras. Greves, desordens, sabotagens se sucediam. O ambiente universitário revelava uma crescente tensão. Os agitadores exploravam as insatisfações da juventude contra a barreira dos exames vestibulares e o aumento das anui-

dades escolares. Essa motivação sensibilizava a todos, inclusive aos pais, interessados no encaminhamento de seus filhos para uma educação superior. Contava ainda com o apoio geral da imprensa infiltrada por simpatizantes e comunistas.

A União Nacional de Estudantes, que havia sido disssolvida em 1964, estruturara-se clandestinamente e se aliara taticamente ao Partido Comunista do Brasil e à Ação Popular, organizações seguidoras da linha da violência, preconizada por Pequim. O Partido Comunista Brasileiro procurava coordenar as ações, através de sua Seção Juvenil.

Osvaldo assistia preocupado ao recrudescimento da ação dos grupos esquerdistas em sua fáculdade. Soube que vários professores e estudantes se haviam reunido e decidido a formação de um comitê universitário, cuja primeira missão seria a de exigir uma definição política de todos os professores.

A agitação prejudicava seriamente as aulas, pelas constantes interrupções e falta de professores. Uma comissão, com mais de vinte estudantes, procurou o reitor que se recusou a recebê-los coletivamente. Os alunos forçaram a entrada do gabinete, agrediram o auxiliar que impedia a entrada e invadiram a sala do secretário, depredando mesas e cadeiras. A polícia foi chamada, mas a comissão retirou-se antes de sua chegada.

O incidente foi o pretexto para um tumulto, no dia seguinte, nas imediações da Universidade. Houve apedrejamentos e depredações dos automóveis que tentavam transpor a área, sem pagar um pedágio, estabelecido discricionariamente pelos estudantes. A intervenção da Polícia degenerou em um conflito, do qual resultaram vários feridos.

As desordens foram paulatinamente ganhando maior ímpeto e organização. Iniciaram-se os chamados comícios-relâmpago, que perturbavam o ordem pública em diferentes locais, por surpresa, e se desfaziam rapidamente, antes da repressão legal. Estudantes, com transmissores de rádios portáteis, alertavam os participantes sobre a aproximação policial.

Certo dia, um numeroso grupo de estudantes ocupou inopinadamente o Ministério do Trabalho. Retiraram-se antes da chegada da Polícia, mas dispuseram de tempo sufici-

ente para realizar destruições e pintar letreiros subversivos nas paredes do edifício.

Começaram a surgir os assaltos a bancos e casas comerciais por jovens extremistas. Eles denominavam "expropriações" a esses atos de violência armada, realizados principalmente por duas novas organizações comunistas: a Vanguarda Popular Revolucionária e a Ação Libertadora Nacional. Vários professores participavam desses grupos audaciosos.

As ações de guerrilha urbana tornaram-se freqüentes No início de julho, centenas de estudantes travaram combates com a Polícia, nas ruas do Rio de Janeiro, tentando apossar-se do edifício do Ministério da Educação. No dia seguinte, continuaram as desordens. Os estudantes invadiram a Reitoria da Universidade, aprisionaram durante várias horas todo o Conselho Universitário e submeteram os professores a um constrangimento humilhante.

Em outras cidades do Brasil, como São Paulo, Porto Alegre, Curitiba e Recife, acontecimentos semelhantes tinham lugar. Mais uma vez, como em 1935, em 1961 e em 1964, a sombra vermelha do Comunismo Internacional pairava ameaçadora sobre todo o País.

Osvaldo estava na ante-sala do hospital, em visita a um companheiro, o Alberto, ferido em um combate de rua. O rapaz, um jovem de vinte anos, fugindo de um tiroteio, havia sido atropelado por um automóvel em alta velocidade. Seu estado era bastante grave e seus pais, angustiados, aguardavam na sala de espera. Embora não lhe fosse permitido ver o enfermo, pôde conversar com o pai.

— A culpa é minha, dizia o homem. Eu não ignorava que meu filho se envolvia nessas agitações. Nunca tive força moral suficiente para impedi-lo. Agora estou arrependido. Mas já é tarde. . .

— Não se culpe, meu caro amigo, declarou Osvaldo. Dificilmente o senhor poderia contê-lo. Ele está sendo vítima de um espírito de rebeldia coletiva que está dominando hoje todo o meio estudantil.

— Esse espírito é instigado por uma minoria ativa de professores e estudantes comunistas que procuram levar os rapazes a um fanatismo, a uma violência inconsciente. Eu li nos jornais a reprodução das instruções que foram distribuídas aos estudantes sobre a conduta em agitações e conflitos de rua. É necessário acabar de uma vez por todas com essa instigação, punir severamente os agitadores que procuram transformar os estudantes em guerrilheiros. Se o governo tivesse agido com energia contra esses exploradores da boa fé da mocidade, meu filho não estaria hoje entre a vida e a morte, e muitos pais não estariam se lamentando como estou agora.

— O problema é muito difícil, disse Osvaldo. São milhares e milhares de jovens que estão sendo doutrinados por colegas e professores, durante muitas horas por dia, muitos dias por semana...

— Quando meu filho foi atropelado, estava sob o efeito de maconha. Os comunistas o viciaram. Eles sabem que o jovem viciado fica na dependência dos fornecedores das drogas e fazem tudo o que eles impõem.

— O senhor tem razão, concordou Osvaldo. Quase a metade dos estudantes de minha Faculdade fumam cigarros de maconha. Alguns usam mesmo tóxicos ainda mais fortes. As drogas e o sexo são explorados para desfibrar a juventude e torná-la alvo mais fácil para a doutrinação dos comunistas. Eles começam a impregná-la com idéias muito atraentes, acenando com a perspectiva de um regime de liberalidade e de prazeres, onde todos são felizes com um mínimo de sacrifícios, onde a vida é um mar de rosas sem restrições legais, tornando os moços descontentes contra as imposições da sociedade atual.

— Meu filho foi levado certa vez para um festival de "rock-and-roll" que terminou em uma bacanal de nudismo e perversões irresponsáveis. Participavam da festa moças e rapazes de famílias distintas. A música excitante e erótica servia para criar um ambiente de licenciosidade e depravação. Ficou demonstrado que o espetáculo havia sido organizado pelos comunistas para atrair os jovens. Todas as músicas tinham letras com mensagens políticas, instigando as pessoas a se rebelarem contra a ordem, contra o mundo, contra tudo.

— A chamada canção política foi inventada pelos comunistas para explorar os impulsos artísticos e as ilusões da mocidade. Hoje, é uma verdadeira arma da propaganda. Se o senhor observar com atenção para o que se propaga pelo rádio e pela televisão, vai concluir que a maioria das músicas e novelas encerram mensagens políticas de corrosão dos padrões morais de nossa sociedade.

— Tenho notado isso nitidamente nessas novelas de televisão que hoje são uma verdadeira coqueluche social. Os adultos, as pessoas maduras, podem ter um certo discernimento para não se contaminar. Mas os jovens estudantes são vítimas indefesas.

— Eu acho que a reação deveria partir dos próprios estudantes, disse Osvaldo. A reação deveria começar dentro da própria Universidade. Mas qualquer atitude contra as esquerdas é logo tachada de radicalismo de direita. Passamos a ser perseguidos pelos professores e estigmatizados pelos colegas.

— Não sei. Não sei como deve ser. Mas, na verdade, isso não pode continuar.

Osvaldo deixou o hospital angustiado. Por sua mente perpassavam as cenas dos conflitos de rua. Estudantes conduzidos para as prisões. Outros feridos, jazendo nas calçadas. As depredações das vitrinas. As correrias. Tiros espocando. Gritos de mulheres. Pedras e até móveis atirados das janelas sobre os soldados. E aquele espetáculo deprimente de alguns dias atrás: Professores veneráveis, encanecidos nas lides do magistério, deixando humilhados o edifício da Reitoria, após várias horas de detenção pelos estudantes, desfilando um a um, sob os apupos e empurrões da rapaziada descomedida, disposta em um "corredor polonês".

Que moral teriam esses homens para impor a disciplina em uma sala de aula?

Nesse dia, Osvaldo decidiu fazer qualquer coisa contra os agitadores comunistas. Não desejava delatar ninguém. Mas não poderia continuar como simples assistente, vendo o País caminhar para o destino da Polônia de Gomulka, que o Padre Solovik lhe descrevera com um colorido tão real.

Alberto morreu nessa madrugada. Os comunistas queriam explorar esse triste acontecimento, transformando o seu enterro em uma passeata política. O pai do estudante opôs-se a essa deprimente intenção. A conselho da Polícia o sepultamento foi apressado, de modo que quando os agitadores chegaram, já tudo estava terminado.

Pobre Alberto, pensava Osvaldo. Era um jovem cheio de ilusões. Fora uma vítima da doutrinação dos professores e dos companheiros comunistas. Ele acreditava que um regime bolchevista poderia criar uma sociedade mais justa e mais digna. Não conhecia os crimes e a opressão que se escondem por detrás da Cortina de Ferro e que não são revelados pelas revistas coloridas da propaganda vermelha. Não sabia das misérias, das perseguições, da espionagem, das violências permissíveis em um regime que abomina a religião e que se expande no mundo, escravizando os povos. Estava inteiramente equivocado. Morreu assim.

Osvaldo procurou, na Faculdade, pessoas que pudessem auxiliá-lo em uma campanha anticomunista. Entre os professores, não encontrou ninguém. Todos eles, ou eram omissos pusilânimes, ou eram esquerdistas comprometidos. Entre os colegas de sua classe havia dois rapazes que manifestavam uma atitude reacionária. Chamavam-se Oto e Raimundo. Osvaldo convidou-os para uma reunião em seu quarto na pensão. Eles aceitaram.

— Chamei vocês dois, disse Osvaldo no encontro, porque são os dois únicos que têm demonstrado desaprovar a ação dos comunistas. Acho que temos de tomar uma atitude. A maior parte de nossa classe, como em todas as demais turmas, é composta de elementos facilmente manipulados pelos comunistas. Não podemos cruzar os braços.

— Você tem razão, disse Oto. O difícil é saber como reagir, com possibilidade de êxito. Os comunistas são audaciosos. Embora em minoria, eles conseguem arrastar os outros.

— Se esse clima de agitação continuar piorando, como vem acontecendo, falou Raimundo, dentro de pouco tempo a situação não poderá ser controlada. Os comunistas estão organizando grupos de choque para enfrentar a Polícia. Mas eles se colocam sempre na retaguarda.

— É verdade, confirmou Osvaldo, procuram sempre poupar-se.

— Tenho conhecimento, falou Raimundo, de que os agitadores receberam instruções do Partido Comunista. Existe um elemento do Partido, infiltrado entre os professores. É ele quem transmite essas palavras-de-ordem. Não posso dizer quem seja. Mas desconfio do Dr. Palhares. Tenho-o visto em confabulações com os chefes da agitação. Todavia, não tenho provas.

— Já "apertei" o Dr. Palhares, esclareceu Osvaldo. Não consegui uma definição. Ele foge às perguntas. Estou muito preocupado. Essa gente não avalia o que é um regime comunista. Gostaria que ouvissem o que me narrou o Padre Solovik, meu amigo, sobre o que ele sofreu na Polônia, durante o tempo de Stalin. Contou-me que o ditador russo se considerava um deus. Gomulka, o líder comunista polonês, adulava tanto Stalin que, enquanto este falava, Gomulka olhava-o fixamente, embevecido, anotando, muitas vezes, o que Stalin dizia. No entanto, Stalin mandara matar centenas de poloneses, inclusive muitos que lutaram na Rússia, defendendo-a contra os alemães.

— Eu avalio o que é um regime comunista, disse Raimundo. Vou-lhes contar uma coisa. Meu pai era um admirador da União Soviética. Falava de seu progresso, de suas realizações científicas. Um dia, ele foi a Rússia, com um grupo de turistas. Voltou desiludido. Está convencido de que o comunismo é a pior coisa do mundo.

— Acho que somos nós, declarou Osvaldo, nós, os estudantes democratas, que devemos reagir. Não podemos concordar que essa meia dúzia de esquerdistas dominem completamente toda a massa estudantil, como se fosse um rebanho de carneiros.

— Mas reagir como?, perguntou Raimundo.

— Penso que a primeira medida é criarmos uma organização para recrutar elementos de apoio. Vamos redigir um manifesto. Enviaremos cópias a cada estudante. Falarei amanhã com o Diretor para que ele autorize a impressão desse documento. Mas, Raimundo, o que sabe mais sobre o elemento do PCB que você disse estar infiltrado entre os professores? Precisamos identificá-lo.

— Tenho um amigo que trabalha na Polícia, revelou Raimundo. Pediu-me esclarecimentos sobre os professores. A Polícia sabe que existe na Faculdade de Psicologia um elemento conhecido no PCB pelo pseudônimo de Agenor. É um dos agentes do Partido no meio estudantil. Recentemente foi ele quem deu "assistência" a um "coletivo" do Partido na Ilha do Governador. A Polícia invadiu o aparelho, mas não encontrou ninguém. Apreenderam alguns documentos. Por esses papéis deduziram que o tal Agenor é um professor de nossa faculdade. Vão procurar obter maiores detalhes que possam permitir uma identificação.

— Enquanto isso, disse Oto, vamos procurar observar melhor o comportamento dos professores.

— É necessário que mantenhamos o maior sigilo sobre a nossa reunião e tudo o que decidimos aqui, falou Osvaldo. Vou redigir o Manifesto e falar com o Diretor, mas não citarei o nome de ninguém.

— Combinado, disse Oto. Marcaremos novo encontro na semana que vem.

Osvaldo foi, na manhã seguinte, ao gabinete do Diretor da Faculdade de Psicologia, o Professor Alexandre Caiado. Foi recebido cordialmente. O Professor Caiado era um tipo magro e frio. Sua fisionomia era inexpressiva. Usava barba e bigodes ralos. Falava pouco. Tinha um ar taciturno. Quase não aparecia, mergulhado em seu gabinete de trabalho.

— O que deseja, rapaz?, perguntou ele.

— Sr. Diretor, começou Osvaldo, a agitação comunista na Universidade atingiu um ponto intolerável. Os alunos democratas estão dispostos a uma reação. Gostaríamos de contar com o seu apoio.

— Infelizmente, meu caro, nada podemos fazer. Estamos em minoria. Não temos condições para enfrentar a rebelião dos estudantes. A própria Polícia é insuficiente.

— Queremos lançar um manifesto, convocando todos os estudantes para que repudiem as manobras comunistas.

— Esse manifesto só serviria para acirrar ainda mais os ânimos. Não posso consentir nisso. A Faculdade seria transformada num campo de batalha.

— Mas, professor, os comunistas têm inteira liberdade de ação.

— Eles procedem assim a minha revelia.

— Mas não lhes acontece nada.

— Essa situação está ocorrendo em toda Universidade. Mas é meu dever evitar os atritos no interior da Faculdade.

Osvaldo concluiu que sua missão fracassara.

O Diretor abriu a agenda que tinha sobre a mesa e disse:

— Osvaldo, já que está aqui, gostaria de lhe fazer uma pergunta. É verdade que interpelou o Dr. Palhares sobre a possível tendência comunista dele?

— Sim, professor, é verdade. Naturalmente o Dr. Palhares lhe revelou isso, pois foi uma conversa particular que tive com ele.

— Exato. O Dr. Palhares narrou-me essa conversa e não gostei disso. Você não tem direito de interpelar os professores.

— Creio que tenho esse direito, Sr. Diretor, respondeu Osvaldo. O comunismo é ilegal em nosso país. É ilegal e exercer atividades comunistas é crime. Todo brasileiro tem o dever de zelar por nossas instituições.

— Mas isso cabe a quem tem autoridade. Você é um estudante e não pode desrespeitar um professor.

— Não desrespeitei ninguem, Sr. Diretor. Os comunistas é que estão desrespeitando todos os senhores e ninguém reage.

— Vamos dar esse incidente por encerrado. Se você desconfiar de que alguém professa o comunismo aqui, dentro da Faculdade, deverá procurar-me. Esse é o procedimento legal. Gostaria de saber se desconfia de mais alguém.

— Eu não posso acusar ninguém, professor, respondeu Osvaldo. Acusar sem provas é uma indignidade. Na realidade, vários professores expõem idéias e conceitos comunistas. Outros ridicularizam nossas instituições e nossos vultos históricos. Não podemos acusá-los de comunistas por causa disso. Mas essas irreverências favorecem o descrédito de nossos valores.

— Cite um exemplo.

— Ainda no outro dia, um professor pediu, em uma questão de prova, que escrevêssemos um trabalho sobre uma

hipotética polêmica entre Rui Barbosa e Lampião, "Rei do Cangaço". Outro mandou que fizéssemos trabalhos, tendo como temas "a utilização da inseminação artificial por entes humanos" e "a liberdade do uso de tóxicos e os direitos humanos". Esses assuntos provocam considerações depreciativas, irreverentes e amorais. São técnicas utilizadas pelos comunistas. No entanto, não provam nada.

— Concordo com você, assentiu o Diretor, esses temas são inadequados. Osvaldo levantou-se.

— Foi um prazer conversar com você, disse o Diretor.

Osvaldo retirou-se do gabinete. Não apreciara a entrevista. Estava aborrecido. Confidenciou aos dois colegas, Oto e Raimundo, o insucesso de suas gestões para obter o apoio do Diretor.

Nessa tarde, ao chegar a casa recebeu um recado. Um Sr. Campos, pai do estudante Alberto, que falecera há poucos dias, viria procurá-lo à noite.

Osvaldo recebeu os dois visitantes na sala de visitas da pensão. Dona Eufrásia só abria esse aposento em ocasiões especiais, mas fizera uma exceção nessa noite.

O Sr. Campos, que Osvaldo logo reconheceu, lembrando aquele dia triste no hospital, vinha acompanhado de outro indivíduo, um homenzarrão de sorriso amável.

— Este é Francesco Bellotti, comerciante italiano, grande amigo meu. Francesco apertou fortemente a mão de Osvaldo, como que quisesse triturar os ossos.

Sentaram-se. Osvaldo ofereceu-lhe um cafezinho já preparado numa garrafa térmica.

— Meu caro Osvaldo, começou o Sr. Campos, depois que perdi meu filho nas circunstâncias que você conhece, decidi dedicar-me ao combate ao comunismo no meio da juventude. Ainda tenho três outros filhos para proteger e não quero que tenham o mesmo destino triste do irmão. Sou um negociante com razoáveis recursos. Senti que você é um anticomunista e vim pedir-lhe uma orientação. O Francesco é um homem que combateu na Segunda Guerra Mundial. Foi preso e torturado pelos comunistas.

— Na verdade, disse Osvaldo, estamos precisando de auxílio. Ainda hoje estive com o Diretor da Faculdade, pedindo-lhe apoio para o lançamento de um manifesto anticomunista e ele negou. A luta assim é desigual. Se os senhores pudessem mandar imprimir um número razoável de cópias desse documento, prestariam um grande serviço à nossa causa.

— Não só mandaremos imprimi-lo, como podemos ajudar a sua distribuição, asseverou o Sr. Campos.

— Agradeço imensamente, disse Osvaldo. Hoje é difícil encontrar homens de coragem para se opor aos comunistas. Em vários setores do País, os democratas estão na defensiva. O meio estudantil está infestado de esquerdistas que fazem tudo para sabotar e destruir.

— Estou recordando os meus tempos na Itália, falou Francesco Bellotti, com um forte sotaque siciliano. Estive na guerra no norte da África, combatendo contra os ingleses. Quando a guerra acabou fui posto em um campo de concentração, guardado pelos comunistas. Sofremos horríveis atrocidades. Fiquei amarrado vários dias, sem comida, sem água. Bateram-me tanto, que meu corpo se cobriu de feridas. Muitos foram fuzilados ou enforcados. Diziam que éramos fascistas e que iam matar-nos todos. Ainda hoje tenho no corpo as marcas que eles me deixaram. Quando as tropas de ocupação inglesas chegaram é que nos livraram dos bolchevistas. Fui chamado para prestar declarações a um oficial britânico. Você lutou contra os ingleses? perguntou-me. Sim, respondi, lutei contra vocês na África. Eu era um soldado do Exército da Itália. Ele tornou a perguntar: Você lutou contra nós ? Sim, eu repeti. Ele parou, levantou-se e foi chamar outros oficiais ingleses. Eu não avaliava o que se estava passando. Todos me olhavam admirados e eu nada compreendia. Afinal o que está acontecendo?, indaguei. O oficial inglês explicou-me: O Exército italiano tinha mais de 300.000 homens. E você foi o único até agora que lutou contra nós. Como resultado dessa declaração, o comandante gleses. Quando a guerra acabou, fui posto em um campo de nessa função. Mas eu sabia que, quando os ingleses fossem embora, os comunistas liquidar-me-iam. Resolvi deixar a

Itália e ir para a Turquia. Pedi ao oficial inglês que obtivesse minha liberação. Ele se interessou, mas não consegui meu passaporte para a Turquia. Ofereceu mandar-me para o Brasil. E, assim, vim para cá. Deus protegeu-me. Naturalizei-me brasileiro e hoje estou aqui disposto à luta para evitar que essa terra caia nas mãos dos bandidos.

Osvaldo entregou ao Sr. Campos o original do manifesto.

— Dentro de dois dias traremos o material impresso, disse o negociante.

— Muito cuidado, recomendou Osvaldo. Essas impressoras estão cheias de espiões.

— Tomaremos todas as precauções, afirmou o Sr. Campos.

O Professor Alexandre Caiado, diretor da Faculdade de Psicologia era um homem metódico. Jantava invariavelmente às sete da noite. Depois sentava-se em sua confortável poltrona para ler os jornais. Era solteiro. Detestava televisão. A partir das oito e meia, dedicava-se à leitura em sua biblioteca, onde ficava até às onze horas.

Nessa noite, a empregada veio comunicar-lhe que um senhor de nome Tomás queria falar com ele.

— Mande entrar, disse o professor.

Tomás era um mulato baixo, de uns cinqüenta anos, fisionomia severa e desconfiada. Sentou-se diante de Alexandre, com certa desenvoltura de intimidade, e acendeu um cigarro enquanto o professor cerrava a porta.

— Estive com o Malina na Executiva. Estão preocupados com o aguçamengo do movimento estudantil. O Partido sofre as conseqüências do ultra-esquerdismo de pequenos grupos que pensam ser possível derrotar a ditadura com golpes de audácia e acabam por nos comprometer e fornecer à reação um bom pretexto para a repreensão.

— Eu tenho procurado conter essa gente, disse o professor. Depois do VI Congresso não existem mais dúvidas sobre a linha política do Partido. A dispersão de esforços não nos interessa. O Partido é o núcleo de toda a ação comunista no Brasil e não podemos perder o nosso comandamento.

— A Comissão Executiva deseja que você escreva um artigo sobre o desenvolvimento da luta comunista no Brasil para sair na "Voz Operária" e, possivelmente, ser reproduzido nos "Estudos Brasileiros" da França.

O professor levantou-se e anotou os termos de sua nova missão em uma agenda que guardou cuidadosamente em sua secretária.

— Quer tomar alguma coisa ?, ofereceu.

— Obrigado, respondeu Tomás. Preciso que você me empreste cem cruzeiros. Estou sem dinheiro. O Partido ainda não me pagou esse mês. A Seção de Finanças alega que a caixa está muito baixa. Vão fazer uma campanha que intitularam: Mês Nacional de Finanças.

Alexandre tirou a carteira do bolso e deu duas notas de cem cruzeiros a Tomás.

— Sua situação no Partido é muito boa, disse este. O seu trabalho e a sua fidelidade partidária são reconhecidos. O episódio da assembléia do comitê dos bancários na Ilha do Governador teve boa repercussão. Se não fossem as providências de segurança que você tomou, a essa hora todo o comitê estaria na cadeia e o Partido sofreria mais um duro golpe.

— Eu apliquei as regras do trabalho clandestino. Nós tínhamos saídas de emergência e coloquei pessoal de vigilância em pontos estratégicos. Quando a Polícia chegou, não havia mais ninguém. Conseguiram apanhar apenas alguns papéis sem nenhum valor.

— A propósito. A Polícia já sabe que seu pseudônimo é Agenor.

— Já comuniquei ao Partido que agora vou me chamar Simão Bonjardim.

— Como vão as coisas na Faculdade?

— Não vão bem. Os radicais do PC do B e da AP estão agitando. Nosso pessoal acaba também se entusiasmando e faz causa comum com eles. Formou-se agora um grupinho anticomunista, chefiado por um garoto de nome Osvaldo Saraiva. Existem alguns professores imbecis que se dizem esquerdistas, mas que, ao invés de nos ajudarem, só atrapalham. O mais estúpido de todos é o Romualdo Palhares, um comunista teórico que não tem disciplina, não obedece à política do Partido, não tem nenhuma preocupação com a segurança e age individualmente.

— É preciso dar um jeito nele, interrompeu Tomás.

— Não há a menor dúvida sobre isso, confirmou o professor. Vou lançá-lo às feras. Teremos uma dupla vantagem. Ficaremos livre dele e melhoraremos nosso conceito.

— E o Reitor? Poderá prejudicar a operação.

— O Reitor é um fraco. Ele fará o que eu quiser.

Tomás sorriu.

— Qual é o plano?, perguntou.

— Vou dar conhecimento ao Reitor que o estudante Osvaldo Saraiva denunciou-me o Palhares como ativo comunista. Ensaiarei uma pequena defesa do professor, mas mostrarei ao Reitor que a permanência do Palhares se tornará inconveniente na Faculdade. Quando ele for demitido, comunicarei à Polícia. Assim teremos: o Palhares, fichado; o estudante Osvaldo, cronificado como delator, e eu serei apenas um cumpridor de meus deveres e conceituado como anticomunista.

— Cada vez mais admiro a sua capacidade, professor.

— O grupinho anticomunista tentou meu apoio para lançar um manifesto contra o Partido. Mas matei a idéia no nascedouro.

— Mas não poderão lançar o manifesto sem o seu apoio?

— Não. Estariam sujeitos a penalidades. Eu teria então um pretexto para expulsá-los da Faculdade. Não é permitido atividade política dentro da Universidade.

— Você está com todos os trunfos na mão. Qualquer que seja a ação do inimigo, você poderá destruí-lo. O Secretário vai ficar muito satisfeito com a sua atuação. São os homens assim que fazem a força de nosso Partido. Eu sempre digo que temos de manter elementos nossos, trabalhando secretamente nas organizações de massa, fora das frações e das organizações de base.

Tomás levantou-se e apertou a mão do professor. Este acompanhou-o até a saída. De regresso, sentou-se à secretária e preparou um informe sobre toda a entrevista que acabara de manter com Tomás. Teria que entregá-lo no dia seguinte a um agente da KGB no Brasil, encarregado da vigilância discreta da ação do Partido Comunista Brasileiro.

A distribuição do manifesto ocasionou sério tumulto de rua, em frente à Faculdade. Lá estavam Oto, Raimundo, Bellotti e Campos entregando os panfletos aos estudantes, mas foi Osvaldo o visado pela reação dos comunistas. Estes atacaram o rapaz, e a briga degenerou-se em um conflito de grandes proporções. Quando a Polícia chegou, teve que utilizar bombas de gás lacrimogêneo para dissociar os grupos em luta. Os esquerdistas, embora tivessem tido a iniciativa das ações, foram suplantados em número pelos anticomunistas, quando os estudantes perceberam a violência praticada contra os rapazes que faziam a disseminação dos manifestos.

Osvaldo foi conduzido desacordado para o Hospital Souza Aguiar. Havia levado um golpe na cabeça e tinha um braço fraturado.

No dia seguinte, estava repousando em seu quarto, na pensão, quando chegaram os seus companheiros: Oto e Raimundo.

— A coisa não vai bem, disse Raimundo. O Diretor pediu a nossa exclusão da Faculdade, sob a alegação de que provocamos a desordem, fazendo a distribuição de panfletos políticos.

— E o Reitor?, perguntou Osvaldo.

— O Reitor está propenso a atender ao pedido do Caiado, mas ainda não deu a decisão.

— Falei essa manhã com o Sr. Campos, disse Oto. Ele esteve na Polícia e assumiu a responsabilidade pela distribuição dos panfletos. Ainda não sei o resultado de sua entrevista com o Secretário de Segurança.

— Mas eu tenho uma notícia muito mais importante. O meu amigo da Polícia informou-me que eles têm conhecimento de que existem agentes da KGB soviética agindo no meio estudantil. Não pôde dar maiores detalhes. O assunto é muito secreto. Mas acho que isso poderá beneficiar-nos.

— Por quê?, perguntou Osvaldo.

— Porque ninguém nos poderá acusar de sermos nós os provocadores dos tumultos. Os agitadores são os comunistas.

— E que pensam os companheiros na Faculdade?, indagou Osvaldo.

— O manifesto teve grande repercussão. Há uma evi-

dente reação contra os comunistas. Os estudantes estão percebendo que têm sido instrumento de uma exploração, e que as desordens não constroem nada.

— Estou rezando, disse Osvaldo, para que meus pais não tomem conhecimento de nada disso. Ficarão, coitados, cheios de preocupação. Jamais poderão compreender as razões de nossa luta.

Oto e Raimundo saíram.

Dona Eufrásia entrou com um prato de sopa bem quente. Osvaldo agradeceu com um sorriso. E a boa senhora colocou o prato sobre a mesinha de cabeceira, forrando-o previamente com um exemplar do manifesto anticomunista.

A expulsão dos estudantes não se confirmou. Osvaldo soube que o Reitor recebeu uma recomendação superior para não punir os estudantes que tinham reagido contra os comunistas. Uma tarde, o Reitor chamou-o a seu gabinete.

— Tenho aqui uma informação, disse-lhe, de que o senhor denunciou o professor Palhares como comunista.

— Isso é falso, contestou Osvaldo. Não denunciei ninguém. Quem lhe deu essa informação? Posso saber?

— Pode. Foi o seu Diretor de Faculdade.

— Não houve nada disso. Tive, certa vez, uma conversa pessoal com o Dr. Palhares. Nessa ocasião, indaguei se ele era comunista, em virtude das idéias que ele manifestava nas salas de aula. Ele negou. Disse que tinha idéias avançadas. Foi ele quem revelou nossa conversa ao Diretor e este perguntou-me sobre isso. Foi só. Inclusive, eu disse ao Diretor que jamais acusaria alguém sem provas.

— Está bem esclarecido. Houve uma interpretação errada. Tenho interesse em que haja ordem e paz na Universidade.

O Reitor agradeceu e Osvaldo saiu. Fora, na ante-sala, encontrava-se o Dr. Palhares. Estava cabisbaixo. Osvaldo cumprimentou-o.

— É verdade que você me denunciou como comunista?, perguntou o professor.

— É mentira. Acabo de dizer isso ao Reitor.

Osvaldo penalizou-se. O Dr. Palhares estava abatido.

— Por que o senhor foi revelar nossa conversa pessoal ao Professor Caiado?, indagou Osvaldo.

— É verdade, respondeu o outro. Fui indiscreto. Mas o Diretor sempre me pedia informações sobre os alunos. Eu é que fui o delator e lhe peço desculpas.

— Não há nada a desculpar, professor. O Senhor não é um comunista e, se fosse, seria um mau comunista.

Osvaldo apertou-lhe a mão e saiu.

No corredor, cruzou com o Diretor Alexandre Caiado. Osvaldo encarou-o apenas, mas não o cumprimentou.

Tomás procurou o Professor Caiado denotando grande preocupação. Os planos de agitação estavam falhando. O Governo acabava de baixar um ato oficial proibindo as desordens e manifestações políticas dentro das escolas e universidades. Era um golpe de morte no trabalho de agitação e propaganda no meio estudantil. Um vasto setor da esquerda brasileira ficaria neutralizado, limitando-se às atividades ilegais e clandestinas. Como proceder? O Comitê Central estava desorientado.

— A juventude era nossa maior esperança na atual situação, disse o professor. O proletariado está inerte e anestesiado. Esse decreto tem de ser combatido. Temos que espalhar uma palavra-de-ordem contra ele em toda a classe estudantil. Precisamos intensificar nossa doutrinação no meio religioso. É uma saída para atenuar o golpe. É preciso que os sacerdotes falem pelos estudantes. Vamos ver se o Governo baixa também um decreto contra a Igreja.

— É uma idéia brilhante. Vou transmiti-la à Comissão Executiva. O Comitê Central baixará naturalmente uma resolução política. Acho que um dos pontos mais explorados pela reação é o internacionalismo do Partido.

— Não, interrompeu Caiado. Esse é um de nossos pontos fortes. É preciso não ter acanhamento de mostrar o caráter internacionalista do Partido. Pelo contrário, esse aspecto deve ser mostrado como em correspondência aos interesses da classe operária, da classe estudantil e de todo o povo brasileiro.

Quando Tomás saiu, levando a mensagem de Alexandre Caiado para o Comitê Central do PCB, o professor, mais

uma vez, redigiu um informe para o KGB. Relatava os últimos acontecimentos e pedia que o Presidium do Partido Comunista da União Soviética enviasse com urgência uma orientação política para o PCB.

Telefonou para o seu contato, e uma hora depois um indivíduo de barbas e bigodes cerrados apresentou-se em sua casa. Depois de conferir a senha, Caiado entregou-lhe o envelope fechado. Acompanhou pela janela entreaberta a saída do agente que entrou em um Mercedes preto e partiu velozmente.

O carro seguiu por um itinerário tortuoso e parou diante do edifício em que funcionava um centro de informações da Polícia. O agente subiu ao 10º andar, atravessou a sala ampla em que trabalhavam os analistas e entrou no gabinete da Chefia.

— Está aqui outra mensagem, chefe, disse colocando o envelope sobre a mesa. Nosso homem continua trabalhando.

— Temos que tirar rapidamente as cópias, inspetor, e remeter imediatamente a mensagem ao agente russo, antes que desconfiem. Vamos explorar essa fonte até que ela se "queime". A mensagem tem que chegar ao destino para que o nosso homem tenha o recibo.

O inspetor sorriu.

— Esse negócio de informações é complicado, disse.

E foi ao vestiário para retirar o bigode e a barba postiços.

Osvaldo retornava em férias para a sua cidade natal. Agora o trem parecia retardar-se cada vez mais nas últimas etapas do percurso.

Mas chegou. Abraçou os pais que o esperavam. Sua mãe beijou-o efusivamente. Admirou-se da cicatriz que se destacava na testa.

— Foi um tombo que levei, justificou ele.

À tarde, foi à igreja, visitar o Padre Solovik. Como se alegrou o sacerdote ao vê-lo novamente! Largou, sobre a mesa da sacristia, a Bíblia que estava lendo, preparando o próximo sermão, e abraçou-o como a um filho pródigo.

— Tenho uma surpresa para você. Vamos até minha casa.

Atravessaram o largo. Defronte ficava a casa paroquial, modesta, mas com um lindo jardim-de rosas bem cuidadas.

Quando Osvaldo entrou, viu uma senhora de olhar triste, cabelos grisalhos, sentada em uma cadeira de rodas.

— É minha irmã, Anita Solovik, disse o padre. Conseguimos encontrá-la. Os comunistas deixaram-na paralítica. Está aprendendo o português, mas ainda fala muito pouco.

Osvaldo cumprimentou-a. Ela respondeu com um sorriso pálido, acariciando a mão do rapaz.

— Depois da minha fuga, contou o padre Solovik, a polícia comunista prendeu-a, submetendo-a a incessantes interrogatórios. Ficou vários meses em uma prisão e, em seguida, foi internada numa clínica psiquiátrica, onde quase enlouqueceu, servindo como cobaia humana para a experimentação de drogas de toda a natureza que lhe eram aplicadas à força. Em situação extremamente precária, foi conduzida a um hospital de recuperação e daí novamente à prisão, onde permaneceu cinco anos. O ambiente úmido e infecto do cárcere subterrâneo ocasionou-lhe um reumatismo pernicioso, deixando-a paralítica. Quando foi posta em liberdade, algumas pessoas piedosas conseguiram levá-la para Viena. O seu paradeiro chegou a meu conhecimento por intermédio de um padre, meu amigo, que esteve de passagem no Brasil e a quem encontrei, por acaso, em São Paulo. Verdadeiro milagre. Estávamos conversando sobre as violências do fanatismo comunista na Polônia, quando ele me citou o caso da refugiada Anita. Pressentindo que se trava de minha irmã, embarquei imediatamente para a Áustria e acabei por localizá-la. Consegui trazê-la para o Brasil, e tenho esperança de que algum dia ela possa andar novamente. Jesus é milagroso. Tenho rezado muito pelo restabelecimento de minha querida irmã.

O Padre Solovik estava comovido e seus olhos brilhavam umedecidos. Osvaldo sentia-se vazio de inspiração, sem palavras, com o coração confrangido sob a dura impressão daquelas palavras simples e conformadas do sacerdote. Fitou o rosto envelhecido e sereno do padre e, no reflexo de seus olhos azuis, julgou ver a nostalgia de uma pátria distante que esses mesmos olhos não contemplariam nunca mais.

III — OS OPORTUNISTAS

A corrupção política é uma das armas dos comunistas. Tirando partido de algumas debilidades do sistema democrático, particularmente nos processos eleitorais, os comunistas procuram desacreditar, desagregar e desmoralizar os regimes, corrompendo indivíduos fracos ou ambiciosos, associando-se a corruptos inescrupulosos.

Declara o autor comunista A. Mishin, em seu artigo intitulado "A Democracia Burguesa e a Atualidade":

"O poder do dinheiro nos países da democracia burguesa adquire formas cada vez mais palpáveis. Manifesta-se não apenas porque a máquina estatal é ocupada pelos milionários ou por seus testas-de-ferro. Também as sacrossantas eleições da democracia ocidental são o alvo de manipulações financeiras. Esse procedimento político transforma-se, cada vez mais, em uma atividade comercial, subordinada às mesmas leis."

(Do livro: "Nos labirintos da democracia ocidental")

A socialização da corrupção em proveito do comunismo se apóia no conceito de "moral comunista", assim definida no livro "A Juventude Soviética", editado pela Imprensa Nóvosti, de Moscou:

"A moral é o conjunto de regras, normas e tradições que a opinião pública prescreve ao homem em seu comportamento diário. Lenine, em seu discurso no III Congresso do Komsomol, dizia: 'A base da moral comunista é a luta por assegurar e atingir o comunismo.'

"A educação à base da moral comunista é um processo que se realiza na vida cotidiana, no trabalho para o bem comum, nas transformações revolucionárias. O principal não consiste em redigir códigos de moral, mas despertar a atividade social de milhões de indivíduos."

"São estranhas à moral comunista idéias de humanismo,

de honradez, de bem, de mal etc. A moral comunista só reconhece o sentido concreto e de classe das idéias. Por isso, para os soviéticos, o Bem é tudo aquilo que contribui para a construção do comunismo, o Mal é tudo aquilo que a prejudica."

(Zhuravliov, Kulaghin, Reshetov, Torsuev — "A Juventude Soviética" — perguntas e respostas — Moscou 1964)

OS OPORTUNISTAS

Os oportunistas são os indivíduos que, por interesses pessoais, se associam à ação partidária dos comunistas, procurando obter vantagens. O grupo dos oportunistas é constituído principalmente por pessoas inescrupulosas que se aliam aos comunistas para conseguir mais favores ou mais prestígio. A sociedade entre oportunistas e comunistas é sempre um acordo com mútuos proveitos e obrigações. Os comunistas fornecem apoio e propaganda. Os oportunistas retribuem com ajuda financeira e concessões políticas ou administrativas.

O sol entrava pela janela entreaberta da elegante vivenda, e a brisa fresca da manhã trazia o perfume adocicado das florestas montanhosas de Teresópolis. O deputado Salomão Nelino levantou-se mansamente para não despertar a criatura delicada que dormia a seu lado e apanhou o seu roupão azul, decorado com um dragão vermelho, adquirido em sua útima estada no bairro chinês de São Francisco, Califórnia. Vestiu-se e desceu para o amplo salão, que era um verdadeiro museu de recordações de suas andanças pelo mundo inteiro em missões oficiais ou viagens de recreio. Na varanda, deu duas palavras ao jardineiro Felismino que trocava as hortênsias nos vasos sobre as mesas, e pediu os jornais ao motorista.

Enquanto tomava o desjejum, lia as notícias do dia. E estas não lhe foram muito agradáveis naquele dia 1.º de março de 1964. A tensão política recrudescia. O Presidente deslocara-se para o Rio de Janeiro e anunciara um grande comício na Central do Brasil no dia treze. E treze não era bom presságio. Falava-se na criação de uma Frente Popular que tinha por meta a formação de um governo de cunho socialista e a reforma radical da Constituição.

"Jango está perdendo o juízo", pensou. A agitação e a desordem cresciam em todo o País, com as greves que se su-

cediam e a inflação em rápido agravamento. Nelino farejava no ar o odor acre do golpe-de-estado. Ficou inquieto e mandou preparar seu automóvel. Decidiu interromper o seu descanso mensal. Precisava avistar-se com o Presidente e com seus amigos políticos. Achou curioso como o Rio de Janeiro, que já não era mais a capital do País, continuava ainda como o centro de convergência das crises nacionais. Nessas horas, voltavam todos para o local das grandes decisões.

Em sua opinião, o Presidente Goulart estava sendo manipulado por elementos radicais. "Ele precisava de um homem como eu, sereno, calmo, experiente. A política é uma arte que exige habilidade, saber dar e tomar, ter a noção exata da oportunidade, avançar e recuar, atacar e defender, engolir sapos ou vomitar fogo. Preciso dar uns conselhos a João Goulart."

Quando subiu para vestir-se, encontrou a amante já sentada diante do complicado toucador, em sua prolongada "toilette" matinal.

— Vamos descer, avisou, beijando-a no ombro ebúrneo.

— "No", disse ela. Eu fico. "No" suporto o "veron" no Rio.

Ele sorriu. Apreciava o seu gracioso e delicado sotaque castelhano.

"Foi a melhor coisa que importei de Cuba", costumava declarar. E essa importação acarretava-lhe a necessidade de complexas manobras para conciliar as suas responsabilidades de conspícuo chefe de família com a manutenção cara daquele ser adorável e voluntarioso.

Ao barbear-se, admirou-se no espelho e achou-se ainda bastante moço e saudável, com seus quarenta e dois anos e a sua posição prestigiada no Congresso.

Pertencia ao Partido Social Democrático, embora tivesse grandes ligações com o partido da oposição. Apoiava a Frente Parlamentar Nacionalista, de tendências esquerdistas, sem entretanto militar em seus quadros. Comparecera ao lançamento da Frente de Libertação Nacional, mas se recusara a subscrever a Declaração de Goiânia. Não gostava de assinar documentos coletivos. Tinha seus princípios e suas vaidades. Sim, acusavam-no de vaidoso. Ele reconhecia esse atributo, mas não sabia se era um defeito ou uma qualidade.

Achava que a política nacional estava se encaminhando em rumos perigosos. As divergências em torno da posse de Goulart, por ocasião da renúncia de Jânio Quadros, criara dissensões que continuavam latentes, inclusive nas Forças Armadas. Agora, as medidas demagógicas anunciadas, pressionadas pelos grupos de Arrais, Brizola e pelo Partido Comunista, estavam aprofundando as brechas. O governo poderia precipitar-se no fosso que ele mesmo estava criando.

Conversara em Brasília com políticos experientes, de ambos os lados. A preocupação era indisfarçável. Estavam ameaçando o leão com vara curta. A oposição denunciara o Presidente como implicado no processo da Guerra Revolucionária. As indecisões e omissões de Jango abalavam a confiança de seus próprios amigos. Ele nunca estava presente nos momentos de crise. Por ocasião da greve geral de julho de 1962, retirara-se para Uruçu, deixando o País entregue à própria sorte. Quando ocorreu o levante de Brasília, em setembro de 1963, desapareceu da Capital. Pediu a decretação do estado-de-sítio e logo após, por imposição dos comunistas, retirou o pedido.

O espírito legalista dos militares era, entretanto uma garantia. A época das quarteladas já havia passado. O Exército tornara-se grande e complexo. Um levante militar era uma operação muito difícil. Além disso, Jango dispunha do apoio incondicional de muitos generais, grande número dos quais havia sido promovido por ele. O seu prestígio no meio dos elementos de menor graduação era incentivado por suas constantes demonstrações de solidariedade. Os esquerdistas ajudavam-lhe nesse propósito de assegurar uma base militar que lhe garantisse a sobrevivência da autoridade, exigindo naturalmente determinadas compensações. Assim meditava o deputado Nelino, nessa manhã, procurando amainar suas próprias inquietações.

Considerava que o País caminhava fatalmente para um sistema socialista, em uma evolução impossível de ser contida. Muitas concessões teriam de ser feitas aos comunistas, como a legalização do seu Partido e a entrega a eles de vários postos-chaves. Era difícil contentá-los, pois a cada transigência eles acrescentavam uma nova reclamação. Mas era preciso agir com habilidade para evitar que eles desencadeassem uma onda de violências.

Junto de seu Mercedes cinzento, Pantaleão, o motorista, já o aguardava impassível. Ao embarcar, o deputado lançou ainda um olhar para a mansão, adivinhando o vulto de Pepita por detrás da vidraça do quarto. Era uma mulher delicada como uma porcelana de Sèvres. Ele a tratava com carinho especial, atendendo os seus menores caprichos. Custava-lhe muito dinheiro. Ele a encontrara em Miami, durante um Grande Prêmio Internacional do Jóquei Clube Flórida, ao qual comparecia anualmente. Não poderia dizer que estava apaixonado. Sabia que era grande a diferença de idades. Não queria parecer um namorado ridículo. Trouxera-a como quem adquire um objeto para uma coleção. E ela sabia disso. Não tinha assumido um compromisso formal. "Quando não te quiser mais, mandar-te-ei de volta", ele dissera. E ela estava de acordo.

Na verdade, Salomão Nelino era um caráter frio e calculista. Só tinha um grande amor: sua própria pessoa. Nascera assim. Fora educado assim. Não podia alterar sua personalidade. Prestava favores, mas cobrava as recompensas de sua generosidade. Gostava que lhe devessem obséquios. Estava sempre nos lugares certos, nas horas certas. "Sou um político nato", declarava. Considerava a corrupção algo impossível de definir. Só se consideram corruptos os que caem em desgraça. "Desgraçados dos vencidos" era uma sentença que costumava enunciar.

O automóvel descia a Serra de Teresópolis, volteando nas curvas da estrada, num deslizar suave como um esquiador em pista de neve.

O deputado olhava a paisagem úmida do orvalho matinal, ornada pelas hortênsias em plena floração. Recordava a sua carreira política, balizada por uma seqüência venturosa de sucessos. Tudo começara há vinte anos atrás. Advogado recém-formado, conseguiu uma apresentação para o Senador Maciel Furtado. Era então um rapaz pobre que, para estudar, chegara a trabalhar como garçom em um restaurante de hotel. Aí observava a conduta das pessoas de alto nível e as normas da etiqueta social. O Senador empregou-o como seu secretário e, freqüentando a sua mansão na Tijuca, enamorou-se da sobrinha do parlamentar. Era um rapaz alto, bonito e elegante. Não lhe custou muito conquistar o

belo partido que a moça representava, já que o Senador, sem filhos, a considerava como sua predileta.

O casamento se deu um ano depois. Salomão Nelino, que revelava uma paixão incontrolável, tinha toda pressa e empenho nesse enlace, antes que "algum outro aventureiro" lhe tomasse a prenda. Mas um parente do Senador não podia conformar-se com a obscura posição de secretário particular. Era impulsionado por grandes ambições e ansiava por emancipar-se. Tinha facilidade para escrever e discursar. Era uma personalidade insinuante. Na Universidade, havia sido membro do Diretório estudantil e estava sempre em comissões. Nunca se definira politicamente. Mantinha boas relações, tanto com os esquerdistas, como com os direitistas. Era um elemento de ligação, sempre ativo.

Possuía um dom especial para agradar as mulheres. Improvisava trovas e tocava violão. Entendia de culinária e era particularmente um perito em vinhos. Não falhava no protocolo social. Tinha um arquivo substancioso de datas de aniversário. Adorava festas e era um bom dançarino.

Depois que se casou, montou um escritório de advogado que pouco lhe rendia, pois não se demorava nele. Dedicava-se principalmente a confabulações políticas com altas personalidades. Conseguiu eleger-se vereador, com o apoio do Senador Maciel. No fundo, desdenhava esse auxílio, mas era obrigado a curvar-se e sorrir.

Tinha um ódio íntimo de seu benfeitor. O Senador era autocrata e o tratava com uma autoridade patronal. Casara a sobrinha com ele, como quem contrata um empregado. Dava-lhe ordens como a um serviçal. Essas humilhações represavam-se em sua mente insatisfeita.

O episódio da morte do Senador é um evento obscuro em sua história, embora Dona Conceição, esposa do velho congressista, sempre acusasse Nelino de ter agido com malévolas intenções. A família estava naquela ocasião passando alguns dias de férias na fazenda do Senador, em Miguel Pereira. Tinha ocorrido um temporal e, embora não estivesse chovendo, as estradas estavam muito enlameadas. O Senador passou mal, de repente, vítima de ataque cardíaco. Nelino ofereceu-se para buscar o médico na cidade que ficava a apenas quatro quilômetros. Embora pudesse ir e voltar

no automóvel em quinze minutos, só chegou duas horas depois, alegando que havia atolado o carro, durante a viagem de ida. No entanto, Simeão, um empregado que viera a cavalo pela estrada na ocasião, não vira nenhum automóvel em todo o percurso.

Quando o médico chegou, o Senador já havia falecido.

Salomão Nelino candidatou-se a deputado federal. Mas a morte do Senador Maciel Furtado comprometeu seriamente as suas possibilidades de eleição. Desaparecido o seu protetor, Nelino viu-se abandonado por seus amigos e cabos eleitorais. Percebeu que as suas possibilidades de eleição se tinham esvaído como um balão furado. Todo o seu prestígio era um reflexo do Senador.

Não se conformava. Bateu às portas dos amigos do Senador. Todos o recebiam com benevolência, recordando a memória de Maciel, mas nada prometiam.

Um dia, encontrou-se na cidade com um antigo companheiro da Universidade. Tinham sido membros do mesmo Diretório. Horácio era um daqueles agitadores esquerdistas obstinados. Transformara-se em estudante profissional. Há dez anos estava na Faculdade de Engenharia, fomentando greves e desordens, sem preocupar-se em concluir o curso. Tinha, entretanto, uma grande liderança no meio estudantil. Naquela ocasião fazia parte da direção da União Nacional de Estudantes. Era comunista fichado e tinha um curso de capacitação política na União Soviética.

Nelino convidou-o para um cafezinho e expôs-lhe a situação crítica em que se achava. Precisava eleger-se. Queria saber como obter o apoio da UNE para a sua candidatura.

— A UNE, disse-lhe o outro, é controlada pelo Partido Comunista Brasileiro. Sem a palavra-de-ordem do PC não se consegue nada. E o Partido não apóia qualquer um. Muita gente procura o PC na época de eleições. E o Partido é muito exigente.

— Como se conseguiria um entendimento com o PC? perguntou Nelino, agarrando-se a essa possibilidade como a uma tábua de salvação. Lembrava-se de que o Senador Maciel, em suas campanhas eleitorais, contava sempre com o apoio dos comunistas.

— Vou tentar obter isso para você. Dê-me o seu endereço e telefone, e espere uma comunicação minha. Mas vou desde já dizer-lhe uma coisa: o apoio do Partido custa dinheiro.

Nessa noite, Nelino fez um balanço em suas possibilidades econômicas. A situação não era boa. O inventário do Senador ainda não terminara e a campanha eleitoral estava esgotando as suas reservas. Dona Conceição tinha muito dinheiro, mas o incidente da morte do Senador não lhe permitia recorrer a ela. A velha não o tolerava mais.

Alguns dias depois, Nelino recebeu um telefonema. O PC concordava em um entendimento com ele. Mandaria um emissário.

Salomão Nelino recordava-se bem de seu primeiro encontro com o representante do Partido Comunista. O local foi o mais prosaico e menos referenciável: um banco de pedra no Campo de Santana.

Era uma tarde de setembro e a cidade tinha o colorido cinza que envolvia tudo em uma atmosfera baça, descaracterizando as coisas e as pessoas. Havia uma quietude amena no arvoredo, as cutias corriam em lances rápidos, por entre as moitas do jardim.

Nelino chegou cedo ao ponto marcado e distraiu-se acompanhando as atividades de um fotógrafo "lambe-lambe" que batia a chapa de um nortista de blusão vermelho. Um mendigo sentou a seu lado, demorou-se alguns minutos silencioso e depois perguntou:

— O senhor acha que vai chover hoje?

Era a senha combinada.

— Não, respondeu Nelino, o tempo está firme.

— Então, do que se trata?

Falavam em voz baixa, quase sem se encararem. O mendigo riscava a terra com uma varinha.

— Preciso do apoio do Partido. Sou candidato a deputado federal.

— O Partido seleciona seus candidatos.

— Eu sei.

— O Partido não tem expressão eleitoral. O que vale no PC é a sua máquina de propaganda e agitação. É o espírito de luta e de liderança de seus militantes. Assim, o Partido multiplica votos.

— Pois é do apoio dessa máquina de que necessito.

— O Partido tem recebido muitos pedidos de apoio, nessa época de eleições. Tem, além disso, os seus candidatos próprios nas legendas de outros Partidos legais. Para apoiar um candidato independente, temos que firmar um acordo.

— Prometo apoiar o Partido, caso eleito.

— Não nos interessam promessas. Estamos fartos de promessas. O Partido tem aprendido duras lições. Todos prometem mundos e fundos para obter o apoio do Partido. Depois de eleitos, esquecem o que prometeram. Muitos passam até a perseguir os comunistas.

— O Partido tem a minha palavra.

— O Partido exige certas compensações, antes e depois das eleições.

— Eu sei. Quanto vocês precisam para a campanha eleitoral?

— Quinhentos contos, fora o material de propaganda que é por sua conta. Precisamos disso dentro de dez dias no máximo.

— É muito dinheiro.

— Sinto muito. Sou apenas um emissário. Minha missão é apenas trazer as exigências do Partido.

— E após as eleições ?

— Depois de eleito, se for o caso, os cinco pontos que estamos exigindo são: anistia para os presos políticos, liberdade sindical, legalização do Partido Comunista, revogação das leis anticomunistas e extinção dos DOPS.

— Depois de eleito, farei tudo que puder para atender a esses cinco pontos. Mas o dinheiro será difícil conseguir rapidamente.

— Isso é problema seu. O Partido seleciona os que merecem a sua colaboração. Só financia os candidatos do Partido.

— Bem, vou fazer todo o esforço para conseguir a importância que me pedem. Como poderei fazer a entrega?

— Daqui a dez dias, precisamente. Haverá um elemento nosso para receber. Você receberá instruções na véspera sobre a senha, o local e a hora.

O mendigo levantou-se vagarosamente e seguiu caminho.

Salomão Nelino quedou-se ainda algum tempo pensando como poderia arranjar o dinheiro. Não encontrava uma solução para obtê-lo em prazo tão curto.

Nesse dia, Nelino conferiu todos os saldos bancários de suas contas. Alcançavam apenas duzentos e cinqüenta contos. Ele sabia que o PC não reduziria as suas exigências. Onde conseguir o que faltava?

A esposa notou-lhe a preocupação.

— Que há ?, perguntou.

— Nada. Tenho apenas um problema financeiro. Preciso de dinheiro para minha campanha eleitoral.

— Por que você não faz um empréstimo bancário ?

— Já tenho vários empréstimos. Não consegui mais crédito.

— Vou empenhar minhas jóias. Conseguiremos mais alguma coisa.

Ele beijou-a agradecido.

As jóias proporcionaram-lhe mais cem contos. Não eram ainda suficientes.

Os dias iam passando e o prazo fatal, estabelecido pelo PC, escoava-se rapidamente. De repente, uma idéia surgiu na mente de Nelino: Palu.

Paulo de Assis, o Palu, era um contraventor, velho amigo do Senador Maciel, colaborador em muitas de suas campanhas eleitorais. Nelino o conhecera na casa de Maciel. Alto, forte, cara bexigosa, tinha uma voz tonitruante. Dizia-se que era um milionário. Andava sempre de branco, sapato de duas cores e chapéu panamá de aba larga. A sua "fortaleza" situava-se em uma dessas casas de frente de rua, em Engenho de Dentro. A rua era tranqüila, mas Palu mantinha vigias nas esquinas.

Quando Nelino chegou, apesar de ter solicitado o encontro previamente por telefone, não foi atendido de imediato. Um auxiliar conduziu-o à sala de espera, onde após al-

guns minutos, chegaram dois guardas-costas. Um deles declarou:

— Sr. Nelino, peço que nos desculpe. Mas a casa tem um regulamento. Temos que revistá-lo. O senhor tem arma?

— Não há problema, disse Nelino. Não ando armado.

Os dois indivíduos cumpriram o ritual. Apalparam-no de alto a baixo. Levaram-no, a seguir, por um corredor até a porta dos fundos. Atravessaram o quintal, onde rosnavam dois grandes cachorros presos. Ingressaram no escritório de Palu, através de uma estreita porta.

O "bicheiro" recebeu-o com grande satisfação. Tinha um sorriso largo na fisionomia cordial.

— Que traz o Doutor à nossa modesta casa?

— Sr. Palu, estou precisando de seu auxílio. Candidatei-me a deputado, mas depois da morte de nosso querido Senador, todos os nossos amigos nos deixaram. Estão faltando recursos para nossa campanha eleitoral.

— Mas, como posso ajudá-lo? O senhor sabe que eu ajudei muito o Senador. Ele também, em compensação, deu-me cobertura quando eu tinha de enfrentar sérias complicações. Não posso esquecer isso.

— Gostaria de manter com o senhor as mesmas relações de amizade que o Senador Maciel.

— Perfeito. Mas de quanto precisa o senhor no momento?

— Cento e cinqüenta contos.

Palu olhou-o admirado. O advogado estremeceu.

— Acha muito ?, perguntou.

— Não, acho pouco. Uma eleição é coisa cara. Vou dar-lhe trezentos contos.

— Muito obrigado, Sr. Palu. Mas não sei quando poderei pagar-lhe.

— Quem falou nisso? O senhor é o herdeiro do meu saudoso amigo, o Senador Maciel. Passou a ser meu amigo. Eu sei que muitas vezes irei precisar do senhor. A coisa é assim. Uma mão lava a outra. Como quer receber: em dinheiro ou em cheque?

— Em dinheiro talvez seja melhor.

Palu levantou-se, abriu o cofre embutido na parede e apanhou três grossos maços de notas.

— Aqui está, caro amigo, disse, entregando-os a Nelino. Só lhe peço que assine um pequeno recibo. Compreende, não? É para a nossa escrituração de contabilidade.

Nelino assinou rapidamente o papel redigido pelo contraventor.

Saiu. Enquanto caminhava para o carro que o esperava a distância, raciocinava ironicamente: "O dinheiro é algo terrível. Passa das mãos do vício, para as mãos do crime. E, das mãos do crime para as mãos da subversão. Nada mais sou do que um intermediário nesse processo. E é justo que um intermediário leve a sua comissão."

A campanha eleitoral foi agitada. Os comunistas lançaram a propaganda de Salomão Nelino em todo o Estado. Apareciam legendas sugestivas: "Salomão Nelino, o amigo dos necessitados", "Salomão Nelino, liberdade e justiça." "Salomão Nelino, honestidade e decência," "Ao lado do pequenino está Salomão Nelino". Encimando esses dísticos, em cartazes que inundavam favelas e subúrbios, lá estava, sorridente e simpática, a figura do candidato.

Dircursava em todos os bairros. Dava audiências populares, entrevistas e disseminava gravações. Prometia tudo. "Precisamos de moralidade e austeridade". "Vamos acabar com a corrupção e deter a inflação". "Queremos mais comida e menos impostos". Frases como estas eram lançadas sobre os auditórios nas praças dos bairros. O Partido cumpria com eficiência a sua parte no acordo. Nelino entregava o material de propaganda a um contato do PC, em uma casa na Rua Frei Caneca.

Um dia, foi procurado por um indivíduo que lhe desejava falar com urgência. O sujeito tinha um ar cínico e perverso. Nelino pressentiu algo desagradável.

— Chamo-me Zacarias e sou de Miguel Pereira, disse ele. Vim falar com o senhor porque, lá na cidade, anda correndo um boato muito ruim a seu respeito. Tenho medo de que isso prejudique a sua eleição.

— Que andam dizendo ?, perguntou Nelino.

— Estão espalhando que o senhor matou o Senador Maciel.

— Isto é uma calúnia, sem pé nem cabeça. O Senador morreu de morte natural, de um ataque cardíaco. Nós temos o atestado de óbito que prova isso.

— Eu sei, disse o outro. Mas se esse boato pega, pode causar dano a sua campanha.

— É verdade. Que podemos fazer para neutralizar essa boataria?

— Se o senhor quiser, eu posso encarregar-me disso. Tenho muitos amigos. Só precisaríamos de alguns recursos para alugarmos uns carros e espalharmos uma propaganda contra essa mentira.

— Quanto vocês precisam para isso?, perguntou Nelino, preocupado com a possibilidade de ressurreição da figura do Senador já morto e enterrado.

— Uns vinte contos.

— Bem, vinte contos não é possível. Dou-lhe dez, está bem?

— Quinze, propôs Zacarias.

— Está certo, quinze.

Nelino deu o dinheiro, convencido de que estava sendo vítima de uma chantagem, mas achou que era melhor comprar o silêncio do bandido.

Continuou a sua campanha em intensidade crescente. No dia do encerramento estava completamente esgotado. Retirou-se para o sítio de um amigo e aí permaneceu durante quinze dias, acompanhando pelo rádio as apurações da eleição.

Salomão Nelino costumava dizer: "Os que não têm sorte não merecem a ajuda dos deuses." E ele se considerava um homem de sorte. A sua estrela brilhava sempre, não obstante algumas nuvens tentarem, por vezes, obscurecê-la.

Foi eleito com expressiva votação. O Partido Comunista demonstrara a sua eficiência. Agora, naturalmente, passaria a cobrar o que prometera o jovem deputado. Mas Salomão Nelino não via na ação do Partido um grande perigo. Achava mesmo que seria preferível legalizá-lo do que mantê-lo na clandestinidade.

Estava satisfeito com a sua própria percepção. "O político é aquele que tem o pressentimendo do lado vitorioso", monologava costumeiramente. E completava: "O povo tem pena dos vencidos, mas só bate palmas para os vencedores."

Recebeu um telefonemá do "bicheiro" Palu.

— Ainda hoje, disse ele, estava remexendo meus papéis e, vendo o seu recibo, lembrei-me do querido amigo. Não poderia deixar de felicitá-lo pela grande vitória eleitoral.

Nelino sentiu, na alusão ao recibo, uma leve ameaça.

— Gostaria de pedir-lhe um favor, continuou Palu.

— Não posso negar nada ao senhor, respondeu o deputado, desde que esteja a meu alcance.

— O senhor tem agora um mundo em suas mãos. Não lhe peço isso como recompensa. Não fiz mais do que minha obrigação como amigo, e em homenagem à memória do Senador Maciel.

— Mas, em que posso servi-lo?, perguntou Nelino.

— Um dos meus homens foi preso hoje. Chama-se Otacílio da Silva. Está no xadrez da Polícia Central. Basta um telefonema seu, como deputado, e será posto em liberdade. É um bom rapaz e tenho a certeza de que ficará eternamente reconhecido ao senhor, se puder conseguir a sua liberação.

— Não há dúvida, senhor Palu, vou tratar disso imediatamente.

Palu agradeceu efusivamente esse gesto de solidariedade.

Nelino conseguiu que o contraventor Otacílio da Silva fosse solto nesse mesmo dia. Telefonou ao delegado Praxedes que conhecera durante a campanha eleitoral. Praxedes apressou-se em atendê-lo, mas aproveitou a oportunidade para fazer-lhe também um pedido pessoal. Estava exercendo interinamente as funções, e queria ser efetivado.

Salomão encarava a ação política como um natural encadeamento de favores e concessões. Por isso não se rebelava. "O prestígio político, sentenciava, é feito como se constrói uma parede, tijolo por tijolo."

Recebeu um telegrama que destacou especialmente, entre centenas de outros. Dizia apenas: "Felicitações sucesso. Não esquecer cinco pontos. Estamos atentos sua atuação. Pedro Costa Bastos."

Salomão Nelino não conhecia nenhum Pedro Costa Bastos, mas observou que as iniciais da assinatura eram as mesmas do Partido Comunista.

Na Câmara dos Deputados, o Dr. Salomão Nelino considerava-se como "um grande defensor dos oprimidos". Apresentou vários projetos de grande alcance social, como o da urbanização das favelas e o da alimentação obrigatória nas empresas. Embora não tivessem logrado aprovação, esses dois projetos suscitaram intensa discussão, pois foram apoiados pelos elementos esquerdistas.

Foi eleito membro de várias comissões, inclusive uma comissão parlamentar de inquérito sobre a contravenção no País.

Estudou o problema da poluição nas grandes cidades, tendo feito para isso várias viagens ao exterior. Foi numa dessas que conheceu Pepita e a trouxe para o Brasil.

Escreveu um volumoso estudo sobre "o trabalho nos países subdesenvolvidos". Defendia a tese de que, nas grandes cidades, o tempo perdido nos transportes urbanos deveria ser computado como horas de trabalho.

Tornou-se amigo de várias personalidades do governo. Penetrou no complexo mundo dos negócios. Começou a acumular uma razoável fortuna.

Em 1961, quando se desencadeou a crise da renúncia do Presidente Jânio Quadros, o deputado Salomão Nelino já era um homem poderoso e de imenso prestígio político.

Um bilhetinho seu era uma garantia para um emprego ou um empréstimo bancário.

Mantinha contatos secretos com o Partido Comunista, através de intermediários de confiança. Contribuía financeiramente para o Partido, mas tomava todas as precauções para não se comprometer.

A renúncia de Jânio Quadros ameaçou a sua carreira brilhante. Não era homem para crises. Sentia náuseas indizíveis nessas horas. Na verdade, não era um homem corajoso.

Esteve, entretanto, presente à posse de João Goulart, a quem fez questão de cumprimentar efusivamente.

Durante os três anos que se seguiram teve influente atuação política. Graças a sua intervenção, vários comunistas foram colocados em postos importantes da administração pública.

As agitações e as greves começavam, porém, a preocupá-lo. Não via com bons olhos a ascensão de Brizola e de

Miguel Arraes. Tinha um pressentimento que esses homens arruinariam o Presidente. Chegou, certa vez, a conversar com ele. Mas João Goulart não lhe deu grande atenção nesse dia. Interrompia várias vezes a palestra para atender a sindicalistas e a problemas de negócios de compra e venda de gado.

Em todo o caso, quando o Presidente decidiu criar a Frente Popular, Nelino serviu como intermediário entre Santiago Dantas, coordenador da Frente, e o Partido Comunista. Conduziu, por duas vezes, representantes do Partido ao Palácio do Governo, para que eles apresentassem pessoalmente as suas exigências. Mas os comunistas tornavam-se impertinentes e suas pretensões cresciam a cada concessão.

Tudo isso relembrava, coordenando os fatos no arquivo de sua memória, durante a viagem para o Rio de Janeiro. Seguiu diretamente para o Palácio das Laranjeiras, mas não conseguiu avistar-se com o Presidente. O ambiente estava tumultuado. João Goulart discutia com vários dirigentes do CGT pormenores do comício do dia 13. Quando se abria, vez por outra, a porta do gabinete presidencial, ouviam-se vozes acaloradas.

O deputado permaneceu muito tempo na ante-sala. Sentiu-se humilhado e deprimido. As coisas estavam mudando rapidamente. Agora um líder sindical tinha acesso franco ao Presidente, enquanto que um parlamentar ou uma autoridade tinham de esperar horas para encontrar uma brecha na agenda controlada por secretários mal-humorados.

Conversava com outro deputado, também aguardando como ele.

— Estou preocupado, disse Salomão Nelino. Parece-me que as coisas não marcham bem. Não tenho estado em Brasília.

— Um deputado da oposição, informou o outro, acusou o Presidente de cercar-se de comunistas e criptocomunistas, e de incentivar o processo da guerra revolucionária no País.

— Isso merecia uma resposta à altura.

— O líder do PTB declarou que essa denúncia é obra de pura ficção. Na verdade, existem vários comunistas no Palácio, mas são homens da confiança do Presidente e ele

não abrirá mão deles. João Goulart quer unir todas as forças progressistas do País para fazer frente aos trustes e realizar as reformas de base.

— E que pensam os chefes militares?

— A maioria apóia o Presidente. Somente uma meia dúzia de "gorilas" procuram desacreditar a autoridade presidencial. Mas o dispositivo militar está coeso e os reacionários estão sendo transferidos para guarnições afastadas.

— O que mais receio é uma oposição militar. Os "gorilas" têm a psicose doentia do anticomunismo. Não compreendo a razão dessa aversão. Aprecio o espírito democrático do Presidente Goulart. Ele quer governar com todos os brasileiros. Comunistas e não-comunistas. É um homem bom e simples.

— E não precisa disso. Jango é riquíssimo. Tem mais terras do que toda a área do Estado da Guanabara. Está aqui aborrecendo-se por puro patriotismo.

A porta abriu-se e apareceu um contínuo. Todos o olharam esperançosos.

— O Presidente lamenta, disse ele, mas não pode receber mais ninguém hoje.

— Diabo!, exclamou um cidadão de óculos sobraçando uma pasta preta. Tinha vários papéis do Ministério do Trabalho para ele assinar.

— Que era ?, perguntou o deputado Nelino, mostrando-se interessado.

— Mais de cem nomeações, esclareceu o outro.

Nelino fez um gesto de desânimo e retirou-se. Anoitecia, e os jardins estavam tranqüilos. Cumprimentou com um aceno de mão o soldado de guarda que não lhe deu a menor atenção.

No dia 13 de março, compareceu ao comício da Central do Brasil. A grande praça era um "mar de gente", empunhando centenas de cartazes e bandeiras vermelhas. O vozerio do povo, os gritos e aplausos rivalizavam com o berreiro dos alto-falantes estridentes. Foguetes espocavam em festa. Falaram os líderes políticos do populismo. Brizola investiu

contra o Congresso e a Constituição. Arraes conclamou o povo a sair para a luta nas ruas. E Jango declarou que não tinha medo de ser chamado subversivo.

Nelino conseguiu empoleirar-se no palanque presidencial, onde se acotovelavam dezenas de políticos e "pelegos" protegidos da multidão por uma parede de soldados.

A vibração da massa diante das afirmações ousadas dos oradores entusiasmados deu ao deputado a impressão de que o Presidente se mantinha firme e prestigiado. Mas não havia dúvida de que o golpe-de-estado estava em andamento. E ele precisava entrar nesse barco, prestes a zarpar, porque, em caso contrário, ficaria no cais, dizendo adeus. Tinha um mundo de negócios e compromissos. Havia várias empresas que dependiam dele. Um homem público não pode ser dono de sua vontade.

Nessa noite, chegando a casa, escreveu uma carta de solidariedade ao Presidente. Datilografou-a pessoalmente. Mas guardou-a para entregá-la em ocasião oportuna.

Um emissário do Partido Comunista procurou-o no dia seguinte. A palavra-de-ordem do Partido era a preparação do golpe para a formação de um governo de coalizão de todas as forças progressistas. A data prevista era o 1.º de maio, que ficaria na História do Brasil como o marco de ascensão do socialismo. A greve geral estava preparada. O CGT mantinha-se em estado-de-alerta. O movimento seria de cunho eminentemente popular, com o consentimento passivo das Forças Armadas que não deveriam intervir. Em todos os setores da administração pública, o expurgo dos reacionários estava planejado. Haveria naturalmente a eliminação de todos os elementos considerados radicais ou prejudicias ao novo regime.

Agora, olhando o mar, da janela de seu apartamento na Avenida Atlântica, Salomão Nelino meditava. Interpretava os recentes acontecimentos, ponderava as possibilidades, analisava as personalidades envolvidas, estabelecia as reações presumíveis dos setores militares e civis. Concluiu que todas as possibilidades de vitória pendiam para o governo e que a oposição só poderia adotar uma titude defensiva. Precisava consolidar sua posição na Frente Popular. Telefonou para Santiago Dantas. Sentiu-o um tanto desanimado, pois João

Goulart estava negociando diretamente com os comunistas. O próprio Brizola estava sendo manipulado por líderes do Partido Comunista.

Receava que, no momento da decisão, Jango fosse posto à margem, com a ascensão de um líder comunista radical. Se isso acontecesse, talvez o País se incendiasse e surgisse aqui um novo Vietnã. Era preciso controlar a explosão socialista.

Nos dias subseqüentes, manteve constantes conversações com políticos de seu Partido, o PSD. Havia uma expectativa geral, mas temia-se que os acontecimentos escapassem ao controle. O Presidente mandara várias mensagens de reformas radicais ao Congresso. Era preciso ganhar tempo e esfriar os ânimos.

O Partido Comunista estava porém em intensa atividade. O jornal "Novos Rumos", órgão oficial do PCB, lançara um número especial com manchetes explosivas. Declarava que o comício de 13 de março abrira uma nova fase na luta pela implantação do Estado Socialista no País, que o CGT declarara a mobilização permanente do operariado para garantir as reformas radicais.

No dia 27 de março, estava em seu escritório, quando lhe comunicaram que um grupo de marinheiros e fuzileiros navais se havia amotinado, refugiando-se no Sindicato dos Metalúrgicos. Soube que o Exército estava cercando o reduto dos rebeldes com carros de combate. Jango estava ausente do Rio de Janeiro. O deputado procurou uma ligação com o PC. A resposta que lhe veio foi a de que o Partido desaprovava a ação, pois poderia comprometer todo o movimento. Era obra de "aventureirismo inconseqüente" De qualquer sorte, o PC daria cobertura para que os sediciosos não fossem punidos.

No dia seguinte, Jango chegou. Nelino esteve no Palácio das Laranjeiras. Contaram-lhe que o CGT havia imposto ao Presidente que libertasse os rebeldes presos em quartéis do Exército. Se não o fizesse seria decretada a greve geral. João Goulart deu a ordem de liberação. "Não admito, dissera ele,

que se pratique qualquer violência contra aqueles brasileiros que se encontravam no Sindicato." E a ordem foi cumprida, apesar da relutância do Exército. Nelino concluiu que realmente o Presidente Goulart estava muito forte. Jamais, em toda a História do Brasil, se assitira tão fácil e pacífica transigência com amotinados.

Na manhã de 31 de março, uma terça-feira, Salomão Nelino dirigiu-se ao Palácio Laranjeiras. Levava em seu bolso a carta de apoio a João Goulart. Teve dificuldades em entrar. A guarda fazia uma série de exigências.

Logo no saguão tomou conhecimento de que rebentara uma revolução em Minas Gerais.

— O Presidente vai sufocar esse movimento, em dois tempos, vaticinou.

Mas o ambiente no Palácio estava intensamente agitado. Por precaução não entregou a carta e resolveu retornar para casa, acompanhando os acontecimentos pelo rádio e televisão. Anunciavam que forças de Minas Gerais estavam marchando em direção ao Rio de Janeiro. Tropas da Vila Militar haviam sido enviadas ao encontro dos revoltosos. No Rio de Janeiro, o CGT decretara a mobilização geral. A Rádio Nacional anunciava que o I Exército se conservava fiel ao Presidente e que a reação era desprezível. "Acho que o Presidente vai antecipar o golpe", pensou.

O dia passou-se cheio de expectativas. Não teve nenhum contato com o PCB.

No dia seguinte, esteve novamente no Palácio das Laranjeiras, decidido a entregar definitivamente a carta ao Presidente. Mas a atmosfera de apreensão que imperava nos salões e as fisionomias dos auxiliares mais íntimos de João Goulart desanimaram-lhe o intento. Pessoas passavam apressadamente de um gabinete para outro. Boatos circulavam desencontrados, variando do mais franco otimismo ao mais depressivo pessimismo. O Presidente não recebia ninguém. Mantinha ligação permanente com os comandos militares, acompanhando as operações. Os políticos que conversavam, trocando idéias e informações, foram saindo na medida em que as horas caminhavam.

Houve um momento em que João Goulart assomou à porta de seu gabinete, ainda em mangas de camisa, e desceu rapidamente as escadas, para tomar seu automóvel. O seu secretário correu atrás dele, acenando-lhe, com o paletó nas mãos. Não conseguindo alcançá-lo, tomou outro carro em seguida.

— O que houve?, perguntou alguém.

— O Presidente foi assumir pessoalmente o comando das tropas na Vila Militar, informou um entendido.

— Em mangas de camisa?

Mas, dentro de poucos minutos, uma notícia explodiu como uma bomba de retardo:

— O Presidente fugiu! O Palácio vai ser atacado!

Após um instante de surpresa, desencadeou-se tremendo pânico. As pessoas precipitavam-se pelas escadas, para as saídas, em desespero. Salomão Nelino foi empurrado, tropeçou numa cadeira e foi levado de roldão. Quando se pôde recompor já estava nos jardins do Palácio. Correu para os portões que já não tinham mais guardas.

Em poucos minutos todo o casarão esvaziara-se como por encanto e se quedava silencioso. Pelas portas escancaradas, divisava-se a indescritível desordem do repentino abandono. A brisa que penetrava pelas janelas agitava as cortinas e baloiçava os lustres de cristal. Nos grandes salões desertos espalhavam-se pelo chão as folhas de papel, contendo proclamações e manifestos, agora inúteis e desprezados, únicas testemunhas que se quedavam no cenário descuidado daquele drama histórico.

— Com licença, deputado, disse Libório, o caseiro do sítio em que Salomão estava escondido há vários dias, tem aí um oficial do Exército que quer falar com o senhor.

O deputado estremeceu. "Descobriram-me, pensou apavorado. Estou perdido."

— Ele está sozinho, Libório, ou vem acompanhado de uma patrulha?

— Está sozinho, Excelência.

Nelino estranhou que o oficial viesse prendê-lo sem uma escolta.

— Mande ele entrar para a sala. Diga-lhe que já o atenderei. Sirva-lhe um cafezinho.

Pensou em fugir. Saindo pelos fundos, alcançaria o morro. Poderia esconder-se na montanha e ali viver como um guerrilheiro. Mas não tinha planejado nada. Não tinha armas. Faltavam-lhe munições. Não dispunha de víveres. E, de mais a mais, não entendia nada de guerrilhas.

Imaginava-se recolhido a um cárcere imundo e frio. Depois, os interrogatórios intermináveis, as torturas. O inquisidor que vinha cheio de ódio. As agressões para que ele confessasse as suas ligações com o Partido Comunista. Como ele conseguira arrebanhar toda aquela fortuna? Quais as suas relações com Jango? Como conseguira eleger-se deputado? Sim, tudo teria de ser explicado minuciosamente. Ele assinaria a confissão sob a ameaça de terríveis violências. Depois o tribunal, os rostos severos dos juízes implacáveis, a condenação, o seqüestro de seus bens, a degradação, a desgraça...

Pela fresta da porta, olhou o oficial que o esperava, calma e friamente, sentado na poltrona confortável. Estava em uniforme de campanha e portava um revólver 45. Devia ser um sujeito valente e perverso, talvez até uma personalidade lombrosiana, um criminoso nato, disposto a fuzilá-lo com o maior prazer.

Sentiu-se sem coragem para sair do quarto. Imaginou deitar-se e fingir-se doente. Mas não adiantaria. O algoz levá-lo-ia até se estivesse morto. Qualquer reação seria a sua ruína.

Teria de enfrentá-lo. Apareceu na sala, pálido, ceráceo, prestes a desmaiar.

— Bom dia, disse o oficial, sou o Capitão Fortes e sirvo no Batalhão de Infantaria da cidade.

— Sim, balbuciou Nelino.

Esperava a ordem de prisão. Esperava ser algemado dentro de instantes.

— Sou seu vizinho, esclareceu o capitão. Ontem, um burro que tenho para trabalho no sítio saltou a cerca e fez uns estragos na sua horta. Por isso estou aqui, disposto a pagar os prejuízos.

O deputado pressentiu que ia desfalecer. Caiu sentado em uma poltrona e pôs a mão na testa onde o suor corria gelado.

— Que há?, disse o oficial. Está passando mal?

— Sim, não estou me sentindo bem.

O oficial correu a chamar o empregado.

— Traga um copo d'água, pediu a Libório.

Nelino acalmava-se, e o capitão insistiu em pagar os prejuízos.

— Não é nada, não é nada, dizia o deputado. O pobre animal não tem culpa. Eu é que devia fazer uma cerca melhor. Vou providenciar.

Quando o oficial saiu, Nelino contemplou as montanhas matosas em frente ao sítio e lembrou-se de seu projeto de fuga e das guerrilhas. Mandou dar um saco de milho de presente ao burro do sítio vizinho.

Pouco tempo depois desse incidente, resolveu retornar ao Rio de Janeiro. A situação estava calma. Procurou vários amigos de seu Partido que o aconselharam a reassumir o seu posto no Congresso. Muitos deputados estavam aderindo à Revolução. Decidiu fazer o mesmo. Receava apenas que descobrissem as suas ligações com o PCB. Mas nunca assinara um documento comprometedor. Negaria terminantemente aqueles contatos.

Na medida em que os meses se passavam, ganhava mais confiança em sua impunidade. Procurava demonstar em todas as oportunidades a sua conversão. "Eu estava iludido", declarava. Apoiava francamente todos os projetos revolucionários.

Quando eram publicadas listas de cassações de direitos políticos, procurava sofregamente o seu nome. E respirava aliviado por ver-se excluído.

No primeiro aniversário da Revolução, ajoelhou-se contrito na igreja em que se rezava a missa pela vitória.

Alguns anos se passaram. Salomão Nelino não conseguira reeleger-se, mas ainda gozava de grande influência política. Serviu como intermediário em negociações entre alguns políticos e o Partido Comunista. Redobrava, entretanto, os seus cuidados, porque, após a Revolução, a vigilância dos órgãos de segurança era muito rigorosa e eficiente. Dedicava-se principalmente a empreendimentos imobiliários e a negócios na Bolsa de Valores. Continuava com muito sucesso a ampliar sua fortuna.

Bendizia o movimento que dera tranqüilidade e progresso ao País. Desenvolvia atividades sociais. Aumentara suas propriedades. Jamais ganhara tanto dinheiro.

"A única coisa que estraga a Revolução são os revolucionários, dizia ironicamente, mas eles são como os **rinocerontes, uma raça em extinção.**"

Um amigo classificou-o como "o maior revolucionário de todos os anti-revolucionários".

Contribuía financeiramente para o PCB, pois receava que ainda seria possível uma mudança de situação.

Agora, que o período de punições estava praticamente encerrado, já não se preocupava tanto. Chegava mesmo a adotar atitudes de independência e superioridade. "Precisamos redemocratizar este País", declarava, por vezes.

Certo dia, descansava no sítio de Miguel Pereira, quando o velho Libório veio comunicar-lhe que uma vaca, pertencente ao Major Fortes, seu vizinho, havia derrubado a cerca e pastava em seus terrenos.

— Vá até lá, determinou ao empregado, diga ao Major que retire imediatamente o animal de minha propriedade. Que reconstrua a cerca. E que isso não se repita, pois, do contrário, mandarei processá-lo por perdas e danos.

Quando Libório retornou, um tanto contrafeito, indagou-lhe autoritário:

— Então, falou com o Major?

— Falei sim, Excelência, respondeu o velho timidamente.

— Disse-lhe o que mandei?

— Disse, Excelência.

— E ele? O que fez?

– Ele mandou dizer a Vossa Excelência que não se preocupasse, que vai mandar consertar a cerca e reparar os danos. Pediu desculpas. Depois disse uma coisa que não entendi.

– Que foi?

– Mandou dizer a Vossa Excelência que tomasse cuidado com os rinocerontes e que ele era um rinoceronte. Acho que está maluco.

O Chefe da Seção de Informações reuniu seus auxiliares para um estudo de situação. Era um caso especial, pois o Chefe raramente fazia reuniões. "Ou a gente trabalha, ou se reúne", dizia ele. Mas, naquele dia, desenhava-se algo que precisava ser estudado em conjunto.

– Existem indícios, começou, de que o Partido Comunista está planejando uma operação. Não sabemos ainda do que se trata. Mas a Seção de Relações Exteriores do Partido está aumentando suas atividades. Desejo que os senhores intensifiquem a busca de informações.

– Nosso homem de Miguel Pereira tem feito alguns contatos com o PC, informou um auxiliar. Está sendo vigiado permanentemente. Graças a essa vigilância temos identificado vários elementos do Partido que o têm procurado aparentemente para apanhar dinheiro.

– Acho que dei um golpe certo, disse o Chefe, quando me opus a que fosse preso. Esse é um caso que nos vale muito mais em liberdade.

Tinha em sua pasta a ficha do ex-deputado Salomão Nelino e as instruções para um trabalho de acompanhamento, denominado "Operação Rinoceronte".

IV – OS INOCENTES-ÚTEIS

A exploração da ingenuidade, da boa-fé, da ignorância e do idealismo de milhões de pessoas constitui uma das mais poderosas técnicas de ação do Comunismo. Um imenso número de artistas, cientistas, religiosos e outras personalidades prestam-se a servir como escudo, massa de manobra ou instrumento servil da ação comunista, praticando atos destrutivos contra a sociedade e a Nação, julgando que, com isso, estão colaborando para a implantação de um novo regime de paz e justiça. Esquecem-se de que paz e justiça têm, para os comunistas, outros significados, e não percebem que estão demolindo aquilo que desejam construir.

Lenine dizia que os comunistas deviam apoiar os seus aliados como "a corda apóia o enforcado". É preciso, pois, que os inocentes servidores da causa do Movimento Comunista Internacional estejam convictos da realidade de seus compromissos, antes que se lhe aperte a corda no pescoço. Como disse o Grande Mestre no Evangelho:

"A quem muito foi dado, muito será exigido; a quem muito foi confiado, muito se lhe pedirá."

(São Lucas – 12.48)

OS INOCENTES-ÚTEIS

Os inocentes-úteis são aqueles indivíduos que se prestam às manipulações dos comunistas por ingenuidade, vaidade, desconhecimento ou inconsciência. Os comunistas costumam denominá-los "tolos" ou "bobos". Inúmeras pessoas contestam a existência de inocentes-úteis autênticos, preferindo considerá-los como "oportunistas".

Eles se reuniam todos os domingos em Mangaratiba, na casa de Jesualdo Paiva, o popular Jejé, autor de vários sambas e marchinhas. Sentavam na varanda que dava para a praia e ali ficavam bebendo e cavaqueando. Corria a cerveja, o vermute e a cachaça. As piadas e as anedotas despertavam boas gargalhadas que iam crescendo em tom e freqüência, à medida em que os vapores iam subindo, como se lhes despertassem os lobos humorísticos dos cérebros. Depois vinha o almoço, que poderia ser uma peixada, uma bacalhoada ou uma feijoada. E, aí, a alegria chegava a auges que muitas vezes se transformavam em conflitos.

E aconteceu que um deles, um pintor chamado Leon Teixeira, por tentar engraçar-se com a dona da casa, a mulata Serafina, convidando-a para posar como modelo, foi agarrado pelos outros e jogado por cima de um muro no quintal do vizinho, caindo enganchado num bananal, donde só pôde sair com auxílio de várias pessoas.

Leon partiu, acompanhado de outro amigo, o poeta popular Zacarias. Mas estavam tão bêbados que, antes de alcançarem a estação da estrada de ferro, Zacarias foi atropelado e morto quando tentava atravessar a rodovia.

Foi realmente uma perda notável para o grupo boêmio.

No domingo seguinte, o ambiente tornou-se funéreo e ninguém ousava tocar nas bebidas, até que um deles, como se estivesse monologando, perguntou:

— O que estaria fazendo o Zacarias, se estivesse vivo?

Atiraram-se então aos copos como se quisessem compensar o tempo perdido e afogar a mágoa funda que impregnava os seus corações.

A casa era modesta, mas animada de vozes e de sons. Vinham tocadores de violão das redondezas e, ali mesmo, naquele ambiente inspirador, Jejé havia composto várias obras de sua lavra.

Leon era um pintor incompreendido que já passara por várias escolas. Do clássico caíra no impressionismo, e daí partira para um modernismo que classificava como a evolução do surrealismo de Dali e o primitivismo de Rousseau.

Vivia em uma miséria de fazer dó, filando almoços aqui e ali, comprometendo-se em empréstimos jamais honrados, dobrando esquinas para fugir de credores implacáveis. Considerava-se, porém, um intelectual injustiçado, desvalido da sorte e da fortuna. Não queria aceitar o trabalho braçal para não corromper a nobreza de sua arte. Dos empregos, que lhe deram por comiseração, foi sempre destituído, já que neles só comparecia para receber o salário. Vendia alguns quadros a turistas na Praça Mauá ou em Copacabana, mas logo esbanjava o dinheiro em bebidas, mulheres e no jogo. Parece que a inspiração mais lhe sorria nas fases de crise de uma existência sem planos, nem grandes preocupações.

Morava, por favor, num quarto miserável, nos fundos de uma garagem, dormindo em cama de colchão duro, forrado, quando muito, por algumas folhas de jornal.

Naquele dia, Jejé apresentou ao grupo o escritor Luiz Arruda, poeta conhecido, com vários livros publicados, e que desejava falar aos membros daquele reduto de estroinice.

— Senhores, começou ele, o intelectual brasileiro é um desgraçado. Abandonado, desprezado, e até mesmo perseguido, dificilmente consegue um lugar ao sol. Escritores, professores, cientistas, artistas, todos enfim estão cada vez mais desvalorizados. É necessário, portanto, que nos unamos para afirmar a nossa presença na vida nacional e reivindicar uma posição coerente com a dignidade de nosso papel social.

— Somos um país subdesenvolvido, disse Leon.

— Subdesenvolvido, subalimentado, suborganizado,

subestruturado, "subtudo", em suma. Mas isso não pode continuar eternamente. Precisamos reagir.

— Reagir como?, perguntou Jejé.

Arruda abaixou a voz:

— Estamos fundando um Comando dos Trabalhadores Intelectuais.

— Não gostei do nome, disse Leon. Primeiro porque não se pode misturar trabalhador com intelectual. E, de mais a mais, comando parece que é uma unidade militar.

— Que droga é essa?, perguntou um outro, entre dois goles de cerveja.

— Não façam juízos precipitados, esclareceu Arruda. O termo "Comando" foi adotado para dar uma impressão de que somos unidos e temos força. Não tem nada com militarismo. Chamamos trabalhador intelectual àqueles que trabalham, como nós, com o cérebro, com a imaginação.

— E daí?, perguntou Jejé. Que é que temos com isso?

— Eu trouxe aqui um manifesto para vocês assinarem. Todos estão assinando. Escritores, advogados, jornalistas e muitos outros.

— Eu não assino isso, disse Leon. Acho uma besteira. Não vai adiantar nada. Vamos continuar na mesma cloaca.

Mas Arruda prosseguia em sua alocução, apelando para o bom senso e a solidariedade do grupo, mas preocupado com a hora do almoço que se avizinhava.

E, nesse dia, a macarronada estava realmente tentadora. Era uma grande travessa em que o talharim bem temperado se recobria pela mancha sanguínea do molho de tomate. Comeram e beberam à farta. Houve discursos e declamações. Luiz Arruda apresentou uma peça laudatória às virtudes da mulher brasileira, em homenagem à pessoa de D. Benedita, a cozinheira, "humilde e obscura heroína que vive e morre na impressionante abnegação de seu posto de honra, a cozinha do lar". A fala do ilustre escritor foi tão comovente que todo o grupo presente resolveu assinar o manifesto do Comando dos Trabalhadores Intelectuais.

"Um bando de imbecis", pensava Luiz Arruda, enquanto, no trem para o Rio de Janeiro, recordava o almoço em Mangaratiba. Ali a mediocridade se associava à malandragem. Leon dissera-lhe que agora se dedicava apenas à pintura de

"nebulosas", quadros em que a tinta era esparramada com um balde sobre a tela e espalhada de forma natural, sem qualquer convencionalismo. Dizia que assim imitava a natureza na geração dos mundos espaciais.

Luiz Arruda fora encarregado pelo Partido Comunista de obter assinaturas para o manifesto de criação do Comando dos Trabalhadores Intelectuais. O documento fazia parte de um plano de mobilização de opinião pública, no qual o Partido desejava demonstrar a capacidade de sensibilizar todos os setores de atividade do País. A intelectualidade representava justamente a área mais indisciplinada. A criação do Comando era uma tentativa de enquadramento desse potencial humano para a constituição de uma frente sob o controle do PC. Essa frente, em conjunto com o Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-União Soviética, seria o órgão de recrutamento e unificação do setor esquerdista da intelectualidade brasileira, dentro do espírito de implantação do Estado socialista.

Arruda não era membro do Partido. Jamais quisera filiar-se, pois não se desejava submeter à rigidez das normas partidárias. Era comunista, mas gostava de atuar com independência. Sabia que isso não agradava à direção do PCB com a qual mantinha constantes relações. Executava missões para o Partido como franco-atirador. Não lhe agradava, porém, envolver-se em riscos. "Se vierem prender-me, dizia, encontrar-me-ão de joelhos, rezando em uma igreja."

Como escritor era medíocre. Tinha imaginação, mas não sabia escrever. Assassinava a linguagem. Criara o estilo que denominava "estilo primitivista". Gostava de fazer discursos. Candidatara-se a vereador, várias vezes. Mas jamais conseguira eleger-se.

Casara-se com Maria Aparecida, escritora primária, que era o esteio da casa. Tinha um complexo íntimo de inferioridade em relação à mulher, muito mais inteligente do que ele. "Sou um intelectual", vivia dizendo. Ela sorria passivamente. Pedia-lhe que não se envolvesse em política. Era muito católica e não faltava às missas nos domingos.

A contribuição de Arruda para o sustento do lar era irrisória. A casa era modesta. Maria Aparecida era, porém, cuidadosa e compensava a desordem intelectual do marido.

Quando ele apareceu com o Manifesto do Comando dos Trabalhadores Intelectuais, ela aconselhou-o. Que não se metesse nisso. Era coisa de política. Podia dar complicações.

Ele acalmou-a. Tentava iludir a esposa. Só ia conseguir umas assinaturas. Mas não se envolveria pessoalmente.

Arruda andava com o papel daqui para ali, procurando convencer a amigos e conhecidos a assinarem o manifesto. O Partido queria publicar o documento dentro de breves dias, para registrar a associação em cartório. Não havia tempo para selecionar as pessoas. O importante era conseguir o maior número possível de assinaturas.

Naquela tarde, chegando ao Rio, Luiz Arruda procurou um outro amigo, o Barbosinha, ator de rádio e televisão.

Barbosinha era um rapaz ingênuo, um gaiato. Não tinha cultura, mas possuía boa memória e sabia fazer rir. Começara em um circo em Madureira, substituindo um palhaço que adoecera. Antes vendia pipoca e refrescos para os espectadores. Fez sucesso. Foi Luiz Arruda que o levou para a televisão, por influência de outro amigo que era ator e comunista.

Antes da entrevista, Arruda o aconselhara:

— Você vai ser testado. Inclusive, eles vão sondar as suas tendências políticas. Hoje em dia, ninguém consegue nada se não for de esquerda. Eu não editaria um livro, se não fosse comunista. Todo o rádio e a televisão estão controlados pelo Partido. Eu vou levar você ao homem que dirige todas as admissões na emissora. Ele cumpre as ordens do Partido Comunista.

Realmente, Barbosinha conseguiu o contrato, mas teve de freqüentar um curso de capacitação política de uma semana, mantido pelo Partido, em Campo Grande. Não conseguiu aprender grande coisa, pois lhe faltava uma base cultural para assimilar a complexa filosofia marxista-leninista. Mas comprometeu-se. Chegou a assinar a declaração de que tinha realizado o curso. O instrutor coletou as declarações de todos os alunos e guardou-as cuidadosamente para entregá-las na Seção de Educação do Partido.

Por todas essas razões, Barbosinha não relutou em assinar o manifesto do Comando dos Trabalhadores Intelectuais, quando Luiz Arruda lhe pediu. Ele não era comunista. Não era nada. Era apenas um artista simples e engraçado. Queria viver e trabalhar. Sustentava a mãe e uma irmã paralítica. Precisava de dinheiro. Assinaria dez manifestos, se lhe pedissem.

No dia seguinte, Luiz Arruda procurou o editor Hélio Bonavides. Este residia numa bela casa na Gávea. Era um homem rico. Mas era o maior editor de obras esquerdistas.

Hélio Bonavides era um homem de cultura e inteligência, que, a par de seus dotes intelectuais, revelava um grande tino para os negócios. Embora de origem humilde, havia, com grande esforço e trabalho, construído uma razoável fortuna. É bem verdade que o auxiliara o sogro, um tradicional livreiro do Rio de Janeiro, ao qual ele sucedeu, dando expansão à Editora Alvorada, modernizando-a e publicando novas obras de grande sucesso. Aliou a política editorial ao esquerdismo que estava preponderando agora nos meios literários brasileiros.

Era um marxista teórico, convencido de que os problemas econômico e social jamais poderiam ter uma solução adequada dentro dos quadros de uma democracia capitalista, na qual, por experiência própria, dizia ele, "os ricos se tornam cada vez mais ricos, e os pobres, cada vez mais pobres".

Através de vários amigos escritores e jornalistas, estreitou os seus contatos com os comunistas e estabeleceu ligações com o Partido Comunista. Encomendaram-lhe várias traduções em português de obras marxistas, clássicas e atuais, com o apoio da União Soviética, através do PCB.

A convite do PCB visitou a Europa, participando em Praga de um congresso no Conselho Mundial da Paz. Em 1962 compareceu, como observador, ao Congresso Mundial de Desarmamento e Paz, em Moscou, e, logo depois, partiu para Budapeste, onde tomou parte no Congresso da Organização Internacional de Jornalistas.

Não se filiara ao Partido Comunista Brasileiro, nem o Partido demonstrara interesse em tê-lo como integrante de seus quadros permanentes de ativistas. Fazia parte de um grupo de intelectuais esquerdistas e comunistas que trabalhavam em proveito do Partido Comunista, sem as obrigações decorrentes da disciplina partidária.

Havia, entretanto, dentro do Partido, um grande número de descontentes com as atividades do chamado "grupo de intelectuais" que violentavam as normas de segurança e criavam, por vezes, sérios problemas por indiscrição, leviandade ou despreocupação. O empregado Júlio Alves, por exemplo, da Editora Alvorada, passou três meses na cadeia porque Bonavides revelara a um agente policial a sua condição de membro do Partido Comunista. Embora tendo feito involuntariamente essa revelação, motivou um grande trabalho do Setor Jurídico do Partido para libertar o operário que a Polícia conseguira prender em flagrante, fazendo distribuição de panfletos subversivos.

— Eu sou um intelectual marxista, disse o editor Hélio Bonavides a Luiz Arruda, mas não vou assinar esse papel. O Partido Comunista tem a mania de raciocinar dentro de esquemas fixos. E sou inteiramente avesso a esquemas fixos.

Estavam na sala de visitas da confortável casa de Bonavides. Um criado servira a bebida. No ambiente decorado com um apurado gosto, destacavam-se as jarras chinesas, o delicadíssimo biombo indiano e os quadros de impressionistas franceses.

Hélio Bonavides deveria ter uns cinqüenta anos. Claro, alto e fisionomia afável, era realmente um homem simpático e insinuante.

— Mas, caro amigo Bonavides, contestou Arruda. Estamos diante de uma situação de fato. Existe uma revolução em marcha. O Partido precisa tomar as rédeas dos acontecimentos.

Essas palavras Arruda já as tinha decorado e repetido centenas de vezes.

— Olha, Arruda, o problema não é bem esse. Quando Stalin estava no poder, havia na União Soviética um grande receio por parte dos intelectuais de expor suas idéias, com receio de cair no desagrado. Stalin morreu na Rússia. Mas, no

Brasil, ainda existem vários "stalins". Esses camaradas sempre se oporão à democratização das normas partidárias. Por isso é que, sendo comunista, não quero pertencer ao Partido Comunista. E também não quero pertencer a nenhuma organização controlada pelo Partido. Eu ajudo o Partido. Sou o editor que mais atende aos interesses do Partido. Mas não concebo subordinar-me às exigências da vida partidária. Gosto de calma e de conforto. Não quero viver os riscos que os ativistas enfrentam diariamente.

— É uma pena que você não queira apoiar esse movimento, lamentou Arruda.

— Quem lhe disse que não vou apoiar o movimento? Sim, vou apoiá-lo. Não com a minha adesão ao manifesto, mas com meu dinheiro e com a minha editora. Divirjo, entretanto, do Partido quanto a seu conceito de "intelectual". Para mim o intelectual é a pessoa que tem mentalidade superior, que é voltado para as tarefas do espírito. Para o Partido, intelectual é apenas o indivíduo que trabalha com a cabeça. Daí essa expressão: "trabalhador intelectual". É um conceito simplório e generalizado.

— Bonavides, o Partido talvez não aprecie a sua atitude.

— Isso não me interessa. Eu sou um marxista, quer o Partido aprecie ou não.

— Sabe que, se o comunismo for implantado no País, todos os seus bens poderão ser confiscados?

— Certamente. Agora, quer saber uma coisa? Penso que o comunismo dificilmente poderá dominar o Brasil. Poderemos ter no máximo um regime socialista com a participação dos comunistas.

Arruda sentiu que dificilmente convenceria Bonavides a assinar o documento. Por essa razão, preferiu desistir. Retirou-se.

Quando saía, vinha entrando o Padre Barcelos, amigo íntimo do editor.

— Não conheço esse senhor, disse o padre.

— É um amigo que vinha pleitear minha contribuição com uma lista de caridade, mentiu Bonavides.

— Fiquei pensando, disse o Padre Barcelos, em nossa conversa do outro dia. A Igreja e o Marxismo podem fazer uma composição. Já se foi o tempo de associar-se o marxis-

mo à noção de perseguição e violência. Os comunistas são hoje considerados como entes bem intencionados e generosos. Agora são justamente os países capitalistas que se destacam como agressores, racistas e provocadores.

— Não existem países em que a liberdade religiosa seja maior do que nos países comunistas. Nesses países a Igreja não tem ingerência política, e o ateísmo é respeitado. Tenho sido doutrinado por muitos anticomunistas que desejam converter-me. Eu sei que o regime comunista é um regime duro e autocrático. Mas examino o problema de um plano superior e não me impressiono com fatos acidentais. Tenho sido criticado. O próprio Partido Comunista faz restrições a minhas atitudes. Outros dizem que não poderia ser, ao mesmo tempo, rico e marxista. Não vejo nisso nenhuma contradição. Sou rico porque vivo em um regime capitalista e desfruto de suas vantagens. Mas nem por isso estou de acordo com esse regime. Não vou queimar o meu dinheiro. Como disse Jesus Cristo: Dar a César o que é de César, e dar a Deus o que é de Deus.

O Padre Barcelos concordou:

— Sim, a César o que é de César.

Poucos dias depois da entrevista com Luiz Arruda, Hélio Bonavides foi chamado de madrugada por telefone. Sua editora estava incendiando-se. Quando chegou ao local, o estabelecimento era apenas um montão de cinzas fumegantes. Os bombeiros recolhiam cansados os seus equipamentos e a polícia interditava o local para proceder a perícia. Quase nada sobrou de recuperável. O teto do prédio desabara e o fogo destruíra em algumas horas uma fortuna considerável.

Bonavides contemplou aqueles escombros perplexo, incrédulo, atordoado. Uma pequena multidão de curiosos se aglomerava, contida pelos cordões de isolamento.

Retornou para casa, já que nada podia fazer, no momento. Deixou-se cair sobre a poltrona do gabinete, apoiando com a mão a cabeça que lhe pendia entre o desânimo e a descrença.

— Não precisava fazer isso, monologou. Eu teria assinado o manifesto.

Estava convencido de que aquilo tinha sido obra dos comunistas.

Mas por que o fizeram ? Ele sempre fora um amigo do Partido, contribuindo religiosamente para a Seção de Finanças. Apoiara a criação do Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-União Soviética, de cujo Conselho Diretor fazia parte. E por que tinha certeza de que o incêndio havia sido obra de comunistas? Sabia que a sua empresa estava cheia de comunistas, inclusive de vários elementos do Partido que ele mesmo admitira, atendendo às recomendações do PCB. Dois dias antes recebera um telefonema de um dirigente do Partido, instando com ele para que assinasse o manifesto. Recusara e recebera uma ameaça velada.

O inspetor Gonzaga da Secretaria de Segurança procurou-o nessa manhã. Esclareceu-o sobre o resultado das investigações.

— Não tenha ilusões, Sr. Bonavides, disse ele. O incêndio foi criminoso e trabalho de comunistas. A perícia encontrou os indícios do crime. Não temos, porém, ainda nenhuma prova concreta. Gostaríamos de indagar-lhe se o senhor sabe de algum suspeito? Existem vários comunistas fichados trabalhando na editora.

— Não, não tenho suspeita de ninguém.

— O senhor não tem nenhum motivo para supor que o Partido Comunista esteja fazendo uma represália? Sabemos que o senhor mantém certas relações com o Partido.

— Não, não tenho motivo algum.

— Coopere conosco, Sr. Bonavides. O senhor poderá evitar que aconteça outros atentados e crimes, como esse incêndio.

O editor balançou a cabeça negativamente.

Mas tarde, o Padre Barcelos esteve também em casa de Bonavides. Vinha trazer a sua palavra de solidariedade e de conforto.

— Como foi isso ?, perguntou contristado.

— O Partido Comunista mandou incendiar minha editora.

— Não acredito nisso, contestou o padre. Deve ter sido um acidente. Como sabe você que foi o Partido que fez essa barbaridade?

— Há dias esteve aqui um elemento pedindo a minha assinatura em um manifesto. Recusei-me. Houve uma ameaça telefônica. Não dei importância.

— Mas poderiam ser os anticomunistas, justamente para inculpar o Partido.

— Não creio, padre. A editora tinha todos os meios de segurança. O incendiário conhecia muito bem o edifício. De acordo com a Polícia, o incêndio foi preparado com muita antecedência. Encontraram os vestígios do crime. Tudo leva a crer que o criminoso foi um dos empregados da editora. Tenho colaborado muito com o Partido. Há muitos empregados comunistas.

Bonavides levantou-se, caminhou até a janela. Depois voltou-se para o Padre Barcelos:

— Padre, vou reconstruir minha editora. Nem que tenha de vender tudo o que possuo. Vou romper com o Partido Comunista.

— Não ponha ódio em seu coração, meu filho, ponderou o Padre. Então você nunca foi um comunista sincero. Apenas quando seu interesse pessoal foi atingido é que você resolveu reagir. É preciso saber conviver com quaisquer ideologias.

— Não, padre. Agora é que começo a perceber a mentalidade dessa gente. Imagine o que fariam se estivessem com o poder nas mãos.

O Padre Barcelos despediu-se.

— Não ponha ódio em seu coração, repetiu ao editor. É preciso aprender a conviver.

Ainda nessa tarde, estava o Padre Barcelos em casa, meditando sobre os acontecimentos, quando o procurou um indivíduo que ele conhecia pelo apelido de Zeca. Era um elemento do Partido Comunista que mantinha ligações com o sacerdote.

— Então, seu padre, o senhor esteve em casa do editor? Que lhe disse ele sobre o incêndio?

— Ele já sabe que foram vocês que fizeram isso.

— E o senhor acreditou?

— Sim, acreditei. E vocês tomem cuidado porque a Polícia vai identificar e prender o criminoso.

O outro não disse nada. Voltou as costa e saiu.

— Aventureiros!, murmurou o padre.

No coletivo do Comitê Estadual da Guanabara, Rafael Sanz, que dava assistência pela Comissão Executiva, declarou:

— Eu não gostaria de estar na pele do imbecil que deu ordem para incendiar a Editora Alvorada. São esses aventureiros que comprometem o Partido. Nesse caso ficou evidente que o incendiário foi um elemento do Partido. Isso é que foi mal. Hélio Bonavides era um amigo do Partido e nos auxiliava muito. Por que transformá-lo num inimigo?

— O Comitê não aprovou integralmente a operação, disse o dirigente Gustavo, mas é preciso compreender que esses intelectuais têm de ser enquadrados. E é para isso que está sendo criado o Comando dos Trabalhadores Intelectuais. Dentro de pouco tempo, já teremos no Brasil um Estado socialista e, se não tomarmos nossas precauções, teremos aqui os Sakharov e Soljenitsin. O camarada que fez o trabalho foi infeliz, mas nem por isso devemos abandoná-lo.

— A Comissão Executiva, voltou a falar Rafael Sanz, informa ao Comitê que o Partido não dará cobertura, se a Polícia descobrir o autor do incêndio. Nós não estamos defendendo o editor. Estamos defendendo o Partido. O Partido tem protegido várias operações, quando essas operações atendem ao interesse do Partido. Neste caso, porém, o camarada agiu isoladamente. Terá que se defender isoladamente.

— O camarada Rafael sabe o que representa para um militante a situação em que o Partido decide não dar cobertura. Nossos adversários caem em cima do sujeito como abutres.

— O problema é do camarada que decidiu agir sozinho, sentenciou Rafael.

Quando a reunião terminou, Gustavo chamou Raul, um companheiro do Comitê, e segredou-lhe em particular:

— Trate de avisar o Júlio para que desapareça. Se o pegam, ele é um homem liquidado. A essa hora está sendo caçado pelos dois lados.

Raul saiu imediatamente, tomou um táxi com destino a Madureira. Pediu urgência ao motorista. Caía a noite quando chegou na vila em que morava Júlio. Não o encontrou.

Havia saído à tarde em companhia de outro indivíduo, dizendo que ia visitar um amigo doente. A família estava preocupada.

No dia seguinte, a Polícia anunciou a prisão do incendiário da Editora Alvorada: Júlio Novaes.

Luiz Arruda avaliou que não seria necessário um grande esforço para convencer o Professor Miguel Lindemberg a assinar o Manifesto dos Intelectuais. O Professor Lindemberg era um cientista de nomeada, já tendo sido mesmo cogitado para o Prêmio Lenine, na União Soviética. Trabalhava no Instituto de Manguinhos. Era um homem extremamente dedicado a suas pesquisas, no intervalo das quais tornava-se, porém, sensível aos grandes problemas da humanidade e, em particular, às suas soluções socialistas.

Ocorre que o Instituto já era, há muito tempo, um ninho de esquerdistas e comunistóides que se infiltraram paulatinamente na organização, envolvendo vários pesquisadores, inclusive o Professor Lindemberg. Conseguiram comover seus sentimentos humanitários, levando-o a concordar em ser, no Brasil, o representante credenciado do Conselho Mundial da Paz, organização internacional obediente ao Presidium do Partido Comunista da União Soviética. Seu nome e seu prestígio foram empenhados em várias campanhas patrocinadas por aquela organização, com sede em Viena. Assim, foi o Professor Lindemberg quem liderou nominalmente a Campanha contra a guerra bacteriológica, em 1952, e, em 1957, a Cruzada Humanitária contra as Armas Atômicas. Esteve presente, em Helsinki, na Assembléia da Paz Mundial, em 1955, como também, em 1958, no Congresso pelo Desarmamento e Cooperação Internacional de Estocolmo.

Julgava-se o Professor um baluarte na luta pela paz mundial, associando-se, por afinidade e boa-fé, a todas as campanhas lançadas pelo Partido Comunista, sob tal pretexto, embora não considerassem os bolchevistas a paz sob a mesma compreensão, pois a paz que pregam é a submissão universal à hegemonia da União Soviética. Tais movimentos destinavam-se principalmente a angariar prosélitos e simpatizantes, no grupo crédulo dos intelectuais.

Lindemberg estava com sessenta e cinco anos. Realizara trabalhos famosos no campo da microbiologia. Tinha inúmeras obras publicadas e traduzidas em vários idiomas. Era um velho alegre e generoso, com uma personalidade afável, exceto quando estava pesquisando. Nessas ocasiões ficava nervoso e agressivo, não tolerando que o interrompessem. Como administrador, era o mais completo fracasso, pois não tinha capacidade de liderança e de organização.

Como político, era superficial e nem dispunha de tempo para aprofundar-se nos abismos da dialética ideológica. Inclinava-se para as teses marxistas, que estas lhe eram apresentadas pelos propagandistas sob a roupagem rósea do pacifismo e da emancipação dos povos oprimidos. Fazia figura medíocre nas convenções internacionais de que participara, já que lhe interessavam mais, nas idas ao estrangeiro, os contatos com personalidades da ciência com quem lá conseguia avistar-se.

Quando mergulhava no laboratório, no universo absorvente de suas experiências, ignorava tudo o mais, emendando dias e noites. Mal se alimentava e dormia, antes da conclusão dos trabalhos. Poucos auxiliares conseguiam acompanhar o ritmo de sua atividade. E era nessa fase que menos o ajudavam os comunistas do Instituto, sobrando-lhe apenas um ou dois companheiros dedicados que não se interessavam por política.

E acontece que foi numa dessas ocasiões que, por coincidência, procurou-lhe o poeta Luiz Arruda. Introduzira-se furtivamente em seu laboratório, sobraçando a pasta preta que continha o Manifesto dos Intelectuais. O cientista não lhe deu a menor atenção, absorto, como se encontrava, nos cálculos e nos resultados que lhe registrava o computador, em contínuo funcionamento, piscando tremulamente as pequeninas luzes indicadoras dos registros eletrônicos.

— Pode carregar o programa, Félix, dizia o professor Lindemberg. Muita atenção para a mensagem "display" na console, Arnaldo. Eu vou controlar o vídeo do CRT.

— Professor, falava Luiz Arruda, trago aqui um manifesto para o senhor assinar...

Mas o Professor Lindemberg nem chegava a ouvi-lo, correndo do computador para o local do painel dos instru-

mentos, ligados por condutores coloridos ao corpo de uma cobaia que jazia dentro de um cilindro de acrílico.

— Não posso atendê-lo agora, filho, dizia a Luiz Arruda que lhe perturbava o trânsito, seguindo-o com o papel na mão. E, por favor, saia do meu caminho.

— Vou introduzir a constante, gritava Arnaldo, enquanto Félix acionava a unidade de disco, calcando os botões e colocando-se diante do terminal em cujo vídeo surgiam rápidas linhas de números.

— Atenção no terminal, comandava o Professor. Qual a pulsação da cobaia?

— É um manifesto de intelectuais, esclarecia Luiz Arruda.

— Consulte o vade-mecum, Aristides. Verifique a fórmula de Blanck, com os valores: a igual a 356 e k igual a 2,57.

— Quer assinar o manifesto?, insistia Luiz Arruda, já com a caneta na mão.

— Não chateia o Professor, disse um dos auxiliares, malhumorado.

O Doutor Lindemberg estava diante do visor do terminal anotando resultados.

Arruda percebia que era um verdadeiro idiota naquele ambiente cheio de ciência e de agressividade. Mas precisava obter a assinatura do professor, de qualquer jeito.

— Professor, por favor, assine aqui, implorou humildemente.

O cientista tomou o papel mecanicamente, traçando nele rápidos rabiscos, como para se ver livre do importuno intruso.

— Obrigado, professor, disse Arruda, com ímpetos de beijar-lhe a mão em reconhecimento.

Conteve-se e retirou-se célere, sem que ninguém se importasse com a sua discreta saída. Entrou no táxi, mostrando vitorioso o manifesto a um amigo que o aguardava.

— Obriguei aquele velho imbecil a assinar o papel.

— Mas ele não assinou, disse o outro, atentando para o documento. Olha o que ele escreveu aqui: Ivan Pavlov.

Arruda blasfemou um impropério e mandou seguir o carro.

O juiz Antero Gomes recebeu o pedido de "habeas-corpus" em favor de Júlio Novaes que havia incendiado a Editora Alvorada. Júlio trabalhava na Editora, como encarregado do depósito de livros. Era um indivíduo taciturno e desconfiado. Revelava um péssimo caráter. Tentara, certa vez, agredir um companheiro. Dele se dizia que, em Pernambuco, donde era natural, assassinara um homem a facadas, por um motivo fútil.

Antero Gomes era um jovem magistrado, criticado por suas tendências esquerdistas. Em seus tempos de universidade, dizia-se marxista. Conquanto não fosse um militante, mantinha estreitas ligações com os comunistas do meio estudantil.

Em 1963, foi eleito assistente do Secretário-Geral da Associação Internacional dos Advogados Democráticos, uma frente comunista internacional com sede em Bruxelas. Participou de duas comissões, criadas por essa frente, para propaganda comunista mundial: a Comissão para a Defesa das Liberdades Democráticas e a Comissão para estudar a situação no Vietnã do Sul. Eram comissões orientadas por comunistas profissionais que, nos países do Mundo Ocidental, levantavam movimentos de agitação em proveito do Comunismo Internacional.

Escreveu vários trabalhos de tendência contestatória e comunista, entre os quais os livros: "A Constituição Brasileira é democrática?" e "O outro lado do muro de Berlim", publicados pela Editora Alvorada, sob o patrocínio do PCB e distribuídos gratuitamente nos meios intelectuais e estudantis.

Seus contatos com o Partido Comunista ocorriam freqüentemente quando lhe eram solicitados pareceres ou assistência jurídica, como na preparação da campanha para a legalização do Partido.

Para a sua vara criminal eram preferentemente remetidos os processos envolvendo agitadores e membros do PC, em julgamento no Foro civil. Havia uma complexa rede de encaminhamentos e formalidades de tal forma organizada que, no final, os processos acabavam chegando as suas mãos. E o resultado era normalmente a absolvição dos acusados.

O pedido de "habeas-corpus" de Júlio Novaes baseava-

se no argumento da insuficiência de provas. Embora o acusado tivesse admitido que havia deixado uma vela acesa em um canto do depósito de livros de que era responsável na Editora, argumentava o advogado que ele acendera a vela para procurar um objeto perdido no local. A justificação tinha pouca consistência, pois o depósito era bastante claro. Dizia o defensor que Júlio esquecera de apagar a vela. Assim, o que acontecera teria sido mero acidente, pois não existira a intenção criminosa. A principal culpa cabia ao editor, porque não mandara inspecionar o edifício, antes de fechar as suas portas.

O juiz examinava os autos do processo que lhe chegaram naquele dia. Verificou, pela ficha do acusado, que este era ativo membro do Partido Comunista. Estranhou o fato, pois sabia que a Editora Alvorada estava ligada ao Partido.

Pressentiu que havia algo estranho naquele caso e não quis solucioná-lo de pronto.

— Ponha o processo na minha pasta, recomendou ao secretário. Vou estudá-lo em casa. Amanhã daremos uma solução.

Nessa noite, telefonou para Ambrósio Silva, seu contato com o PCB. Precisava falar-lhe pessoalmente.

— Uma coisa ainda não compreendi, declarou a Ambrósio, logo que este chegou a sua residência, algum tempo depois. Preciso saber qual o motivo do atentado à Editora Alvorada. Estranho que tenha sido ordem do Partido. Tenho que tomar uma deliberação e preciso saber a versão de vocês nesse incidente.

— Foi um fato desagradável, explicou Ambrósio. O Júlio pertence ao Comitê Estadual. Tem havido tendência à radicalização nesses últimos tempos. O Comitê Estadual está fugindo de nossas mãos. O Bonavides só atende às determinações do Comitê Central. Recusou-se a publicar um panfleto do Comitê Estadual criticando a Executiva do Partido. Além disso, ameaçou o Júlio de despedi-lo. Esse pernambucano é vingativo. Tem sido apoiado por seu Comitê que lhe dá mão forte.

— E qual a opinião da Executiva?

— Eles resolveram lavar as mãos.

— A situação é delicada para mim. Apresenta-se um dilema. Vocês estão brigando, e nós é quem sofremos as conseqüências. O Bonavides perdeu a Editora e eu tenho agora que enfrentar o problema de dar ou não esse "habeas-corpus".

— A decisão é sua, Sr. Juiz. O Partido resolveu deixar o Júlio entregue a sua própria sorte.

Ambrósio deu um sorriso enigmático e estendeu a mão.

No dia seguinte, quando, pela manhã, chegou ao Foro, o juiz Antero Gomes ainda não tinha uma decisão formada. Estava vacilante. Mandou chamar o advogado do incendiário para uma conversa sigilosa em seu gabinete.

— O senhor me coloca em uma situação difícil, começou o juiz. A sua defesa é inepta, inconsistente e incorreta. Estou propenso a recusá-la.

— Mas, por que, meritíssimo?, perguntou o advogado.

— O senhor se baseia no princípio subjetivo e imponderável da não-intencionalidade do criminoso, exegese inaceitável "in limine", uma vez que é o resultado da ação que caracteriza o crime, em sua substância.

— Mas esse foi o argumento que se me apresentou como o mais válido no caso. É verdade que é assunto controvertido. Penso, entretanto, que o pedido de "habeas-corpus" não é mais necessário.

— Como?, surpreendeu-se Antero Gomes.

— Sim, meritíssimo. O preso já está em liberdade. Evadiu-se da cadeia nessa madrugada, auxiliado por elementos de um grupo radical que assaltou a delegacia. Agora, estou com receio.

— Receio de quê?

— Esse homem é violento. Tenho medo de que, em represália, possa colocar uma bomba em sua casa ou em seu automóvel, meritíssimo.

— Uma bomba? Seria capaz disso?

— É capaz de tudo. Eu soube que na prisão ele disse: "Vou fazer o juiz engolir uma bomba se me condenar."

— Eu sei que ele é capaz de cumprir essa promessa.

Depois de despedir o causídico, o magistrado mandou buscar o processo.

— Não há dúvida de que a matéria é controvertida, comentou. O advogado argumentou bem.

E escreveu em letra bem legível o despacho lacônico: "Deficiência de provas. Arquive-se."

Luiz Arruda passou na Universidade para apanhar a assinatura de vários professores. Encontrou-se na Biblioteca com o Jacinto Almério, da Faculdade de Medicina, ao qual encarregara de coletar as adesões para o manifesto, entre os membros do magistério.

— A coisa aqui não está boa, disse-lhe o Jacinto. Consegui algumas assinaturas, mas o documento causou uma celeuma que acabou em pancadaria e depredação. Você sabe que na Universidade predomina o grupo da Ação Popular. A AP é orientada pelo Frei Thomas Cardonnel, um dominicano francês, pelo Padre Lima Vaz e por alguns estudantes. Eles criaram o movimento que denominam de socialismo cristão e publicaram, através da UNE, a coleção de artigos sob o título de "Cristianismo Hoje". Acontece que, embora marxistas, formam um movimento independente e rival do PCB. Querem dominar todo o meio estudantil e religioso. Justamente agora resolveram lançar um documento que denominaram "Manifesto da PUC". Quando começamos a colher as assinaturas, eles protestaram e acabaram por agredir-nos. Embora estivéssemos em inferioridade, reagimos. Houve uma briga muito séria. A Polícia interveio, mas quebraram muita coisa. Inclusive, o laboratório de química sofreu bastante. O Reitor mandou abrir uma sindicância. Felizmente, o encarregado é nosso. Não está conseguindo apurar nada.

— Isso é mau. Temos feito um esforço tremendo para levar à frente esse Manifesto, mas em todos os lugares aparecem problemas.

— Conseguimos algumas assinaturas, mas, se a AP não atrapalhasse, a repercussão seria bem maior.

— Tenho a impressão de que o Partido ainda não se deu conta da influência da Ação Popular no meio dos estudantes, comentou Arruda. Esses padres socialistas são terríveis. Eles se fingem nossos aliados, mas, com a sua lábia de pastores de ovelhas, vão levando nossa gente no arrastão. Batem no peito, falam em Jesus Cristo, começam a demonstrar que Jesus era comunista, e quando abrimos os olhos, eles estão levando a mocidade para o Partido deles.

— É isso mesmo; acho que o Comitê Central tem que tomar providências sérias e dar uma palavra-de-ordem para o Partido.

— Às vezes, fico pensando que Stalin é quem estava com a razão. Ele mandava "baixar o pau" nos padres. E no final o que se via? Eles ficavam quietinhos, bonitinhos, e ainda batiam palmas. A mesma coisa em outros países, como agora no Vietnã. Mas o PCB está com a política da "frente-única", aceitando a criação de todos esses movimentos sem autenticidade, sem base ideológica, criando embaraços.

— Aqui estão as assinaturas que consegui, disse Almério, entregando a Luiz Arruda o papel.

— Cinco "gatos pingados", comentou Arruda. Quem são eles?

— São cinco bobalhões. Também só servem para isso mesmo. Se o Partido precisar deles, está perdido. São covardes e só assinaram porque têm medo. Eu mesmo disse a eles: "É bom vocês assinarem porque será a salvação de vocês se o comunismo vencer." Mas não têm convicção alguma.

— Estou desiludido desses "intelectuais", falou Arruda. Vaidosos, medrosos e cheios de "não me toques no arminho". Há "intelectual" aqui de todo o tipo. Acho que existe até "trocador de ônibus" intelectual.

— Bem, o Partido considera intelectual todo aquele que trabalha com a cabeça.

— Mas, espera aí, disse Luiz Arruda, não estou vendo a tua assinatura no papel.

— Claro, disse o outro rindo, não sou intelectual. Não trabalho com a cabeça.

Luiz Arruda saiu da Universidade com um sentimento

íntimo do insucesso. "São uns espertalhões", pensou. "Acho que também não vou assinar essa droga de Manifesto."

O Manifesto do Comando dos Trabalhadores Intelectuais foi publicado no n.º 245 de 1.º de novembro de 1963, do jornal comunista "Novos Rumos", órgão oficial do PCB. Como veículo de mobilização da intelectualidade brasileira, era um completo fracasso. Em sua maioria, seus subscritores eram elementos medíocres e iludidos. A repercussão do manifesto foi praticamente nula. O documento serviu apenas para que a Polícia mandasse fichar todos os seus assinantes.

Anos depois, Luiz Arruda, que conseguira um emprego público em uma administração estadual, ainda recordava a sua maratona ideológica de coleta de assinaturas e bendizia a inspiração que o levara a não assinar o documento. E declarava, sem querer explicar as razões:

— É duro a gente lidar com "intelectuais".

V — OS COMPANHEIROS-DE-VIAGEM

O Partido Comunista Brasileiro considera-se como o núcleo central de todo o Movimento Comunista Internacional no Brasil. Utilizando a tática da frente-única, procura polarizar e orientar toda a atividade contestatória do regime vigente, na presunção de que, conseguindo a vitória e a implantação do Comunismo no País, associado aos companheiros-de-viagem, poderá assumir oportunamente a hegemonia do poder. Declara, em um artigo publicado na revista "Estudos Brasileiros", o comunista que assina com o pseudônimo de Simão Bonjardim:

> "Os comunistas são o cimento de unificação de todos esses partidos, grupos e correntes que participam — ou poderão participar — da luta antifascista. Partido da classe operária, concentrando sobre a organização da mesma a maior parte de seus quadros e de seus meios, o PCB age, entretanto, com persistência, habilidade e larga visão, como a verdadeira coluna vertebral da unidade da imensa e diversificada gama das forças antiditatoriais."
>
> ("Estudos Brasileiros" — setembro de 1974)

A tática da frente-única se baseia nos princípios que Lenine estabeleceu em seu livro "A doença infantil do 'esquerdismo' no Comunismo". Lenine declarava nessa obra:

> "Fazer a guerra para derrotar a burguesia internacional, uma guerra cem vezes mais difícil, prolongada e complexa que a mais encarniçada das guerras comuns entre Estados, e renunciar de antemão a qualquer manobra, a explorar os antagonismos de interesses (mesmo que sejam apenas temporários) que dividem nossos inimigos, renunciar a **acordos e compromissos com possíveis aliados** (ainda que provisórios, inconsistentes, vacilantes, condicionais), não é, por acaso, qualquer coisa de extremamente ridículo ?"

OS COMPANHEIROS-DE-VIAGEM

Os companheiros-de-viagem são elementos comunistas ou não comunistas, algumas vezes mesmo até de tendências anticomunistas, mas que se aliam aos comunistas para a consecução de determinados objetivos comuns. Essas alianças surgem na constituição de frentes-únicas ou frentes populares que associam indivíduos de diferentes correntes, em torno de certos objetivos táticos.

Em maio de 1964, em um aparelho comunista, vasculhado pela Polícia no Rio de Janeiro, foi encontrado um pequeno arquivo de cartas pessoais, cuja importância passou despercebida por muito tempo, até que alguém teve o cuidado de lê-las mais atentamente. Ali havia a explicação de alguns acontecimentos políticos, quase todos ligados às atividades das organizações comunistas no País. Agora que já se passaram muitos anos desde que foi escrita essa correspondência, cujo autor e cujo destinatário não puderam ser identificados, parece não haver inconveniência em tornar públicas algumas missivas, no intuito construtivo de prevenir muitos desavisados sobre as atividades dos comunistas e seus companheiros-de-viagem. Procuramos colocá-las em ordem cronológica e foi esse nosso único trabalho. Os nomes das pessoas aparecem, em sua maioria, por iniciais ou por pseudônimos e, a não ser raras exceções, não foi possível identificar as personalidades envolvidas ou citadas.

Rio, 4 de novembro de 1954

Camarada Antônio

Cheguei de Praga ontem. Viagem sem incidentes. Trago muitas novidades que gostaria de relatar pessoalmente. Depois da morte de Stalin, desencadeou-se a luta pelo poder que ameaça esfacelar a unidade monolítica do movimento comunista internacional. Ainda haverá muitas surpresas.

Estive com o camarada Secretario-Geral e com vários camaradas do Comitê Central. Sentimos no ar um anseio de renovação. É evidente que o Secretário-Geral apoiará a linha tradicionalista. São seus velhos companheiros e, apesar de tudo, ele é muito conservador.

O suicídio de Vargas nos deixou em uma situação delicada. O Programa do Partido pregava a deposição de Getúlio Vargas. Apelava, inclusive, para a violência pois, como dizia: " o governo de Vargas não cederá sem luta." O Partido chegou a distribuir um panfleto convocando "todos os patriotas brasileiros" para depor o governo de Vargas e "substituí-lo pelo governo democrático de libertação nacional". O Secretário lançou o célebre Manifesto de Agosto, estampado na "Tribuna Popular", onde atacava sem piedade o velho presidente.

Agora, entretanto, que Vargas foi deposto e se matou, o Partido ficou desnorteado.

Tenho para mim que a linha política do Partido tem de ser completamente revista. O IV Congresso está inteiramente ultrapassado. Acho que seria interessante que alguém fosse a Moscou para receber instruções.

Temos que enveredar para a política da frente-única. O partido é pequeno. Apesar de sua base ideológica e de sua disciplina, não tem o potencial suficiente para empolgar o País. Se não nos aliarmos a outrem, mesmo fazendo certas concessões, ficaremos eternos caudatários e contestadores.

Existem duas áreas pouco exploradas: a religiosa e a militar. O Exército é, como você sabe, tradicionalmente anticomunista. É possível, com grande esforço, conseguir algumas adesões. Mas o meio religioso é extremamente promissor. Estive na Bélgica e na França. E encontrei muitos padres que defendem pontos de vista semelhantes aos nossos. Essa tendência é incentivada com o descontentamento que está crescendo no seio do clero em relação ao Vaticano.

A influência que a Igreja Católica exerce no Brasil deve levar-nos a considerá-la como um de nossos possíveis alvos. Eu, que nunca abri uma Bíblia, estou disposto até a comungar e assistir à missa todos os domingos, para penetrar no mundo misterioso do catolicismo.

Muitos dizem que é difícil conciliar o materialismo ateu com o misticismo cristão. Tenho uma opinião diversa. Se estudarmos bem, é possível chegar-se a uma fórmula de conciliação.

Acho que deveríamos colocar gente nossa nos seminários e nos colégios religiosos.

Vou conversar com o Secretário-Geral e perguntar qual a opinião dele.

Um apertado abraço comunista do amigo:

Gustavo R.

Rio, 25 de novembro de 1955

Camarada Antônio

Estive no Partido ontem. O camarada Chefe Supremo não me pôde atender porque estava despachando vários elementos que vão estudar na União Soviética. Conversei todo o tempo com um jovem que é secretário dele. Contou-me que a correspondência diária do Secretário-Geral é muito grande e que nem lhe sobra tempo para ler tudo. Mostrou-me várias cartas de pessoas pedindo para ingressar no Partido Comunista. Outras descrevem atividades comunistas dentro e fora dos quadros do Partido. Há também muitos pedidos de documentação.

Porém, o mais importante foi o meu encontro com o camarada I.R.R. da Executiva. Você sabe que ele é um sujeito inteligente, mas extremamente vaidoso. É ele quem está elaborando o projeto de Resolução Política sobre o trabalho do Partido no meio da juventude. Eu lhe disse que a mocidade

tem um grande potencial revolucionário, mas é muito instável. É preciso saber lidar com os jovens. Além disso, a propaganda e a agitação na área jovem devem ser feitas por jovens. Ele acha que deve haver vários tipos de motivação para cada setor da juventude. Assim, a propaganda e a agitação no meio da juventude operária terão que ser diferentes do trabalho na Universidade, e assim por diante.

Conversamos sobre os acontecimentos do dia 11. Os planos do Partido foram frustrados. Houve precipitação. Parece que o Denys percebeu onde nós queríamos chegar. Surgiu, porém, a figura de um novo líder militar. O setor militar do Partido deve engendrar uma tática para se aproximar de Lott.

O camarada A.Z. que chegava de São Paulo entrou na conversa. Ele foi pastor protestante e conhece muito o problema religioso. Expus-lhe minhas idéias sobre a penetração do Partido junto da Igreja Católica. "Os padres são muito interesseiros, disse ele. É toma lá, dá cá." E por que não entrar em um acordo com a Igreja? João XXIII já deu o sinal da abertura. A Igreja não é mais aquela fortaleza inexpugnável do passado. Contei-lhes o que vi na Europa. Eles ficaram impressionados. Prometeram estudar o assunto.

Tivemos problemas em Recife. Uma de nossas escolas foi "estourada" pela Polícia do Governador. Apanharam muitos documentos comprometedores. Se as regras de segurança fossem cumpridas à risca, não haveria esses contratempos. O Partido determinou uma sindicância para apurar os culpados. Não podemos transigir com os infratores. Se não fosse assim, a disciplina do Partido ia por água abaixo.

Estive em casa do camarada L.H. Sabe o que me disse ? "Eu sou um comunista, mas não quero que os meus filhos sigam essa linha. Nunca pude dar uma assistência digna a minha família. Já fui preso três vezes. O Partido não sai dessa mesma rotina, como um peru dentro da roda." É preciso vigiar o camarada L.H. Está dando sinais de abatimento. Poderá trair o Partido, a qualquer momento. Vou comunicar isso à Executiva. Há muitos descontentes dentro do Partido. Essa doença pode alastrar-se e contaminar muita gente.

O Partido sabe como lidar com descontentes. Na Rússia, Stalin, quando via alguém sorrindo amarelo para ele, dizia: "Não gostei do seu sorriso." E já se sabia que o dono do sorriso estava liquidado...

Um camarada que veio da União Soviética me contou que as relações entre Krushov e Mao Tse-tung não são boas. Krushov disse mesmo que o conflito com a China é inevitável. E Mao persiste com aquelas parábolas chinesas de péssimo gosto como a famosa: "Deixem que floresçam cem flores." Sabe o que ele quer dizer com essa besteira enigmática? Que se devem permitir todas as variações possíveis de opinião no movimento comunista. Isso contraria a doutrina leninista que exige unidade. Quando ele disse isso, Krushov respondeu-lhe que as flores com cheiro nauseabundo devem ser cortadas e enterradas no lodo. O camarada Krushov tem jeito de açougueiro, mas é muito mais esperto do que eles pensam.

Conceição, minha mulher, é muito católica. No princípio tentei convertê-la. Mas ela resistiu. Tem um sentimento arraigado que vem da infância. Ninguém conseguirá convencê-la de que Deus não existe e de que Jesus foi um homem como outro qualquer, com o único mérito de ser um subversivo. Mas é justamente ela que me tem inspirado. E pode facilitar minha aproximação com os padres. Acho que a porta do céu vai se abrir para os comunistas. Afinal, Satanás já foi um anjo...

Saudações comunistas

Gustavo R.

Rio, 30 de agosto de 1956

Camarada Antônio

Muitas águas rolaram desde minha última carta. Estou agora dando assistência ao Comitê Estadual da Guanabara.

O Partido está atravessando uma fase má. Apoiamos a eleição de JK para a Presidência. Ele havia se comprometido a cumprir o programa mínimo do Movimento Nacional Popular Trabalhista, legalizando o PCB e dando anistia a todos os presos políticos. Mas, até agora, não fez nada. Põe a culpa no Exército. Diz que o Exército é reacionário e que depende do Exército para se manter no poder, como dependeu dele para assumir.

De outro lado, Krushov despejou o saco de crimes de Stalin no dia 5 de junho. O discurso secreto que ele fez foi publicado em todos os jornais do mundo. Foi uma bomba. Os stalinistas do Partido, inclusive eu, ficaram desorientados. A "jovem guarda" está assanhada. Acho que vai haver uma cisão em nossas fileiras. Mas parece que o chefe vai apoiar o pessoal conservador. É preciso rever, com urgência, a linha política. Temos que engendrar uma nova motivação.

Eu tinha dito a você que estava desconfiado de L.H. Ele estava muito pessimista. Falei com o Secretário-Geral e ele encarregou-me de vigiar L.H. Durante muitos meses não deixei de acompanhá-lo. Fiz-me seu amigo e não saía de sua casa. Espionava todo mundo, sua mulher, seus filhos e até a empregada. Informava tudo o que via ao Secretário-Geral. Há dois meses atrás, L.H. teve um enfarte gravíssimo. Estava à morte. Então, fiquei com um peso na consciência e, em uma ocasião em que fiquei a sós com ele, no seu quarto no hospital, disse-lhe: "Camarada L.H., quero confessar-lhe uma coisa. Estive todo esse tempo espionando você e informando o Partido a seu respeito." Ele respondeu que já sabia, há muito tempo, porque também havia sido avisado de que eu estava cumprindo essa missão do Partido. Disse que não levava nenhum ressentimento. Disse também outras bobagens que são naturais em alguém que está morrendo. Depois, chamou os filhos e, na minha frente, disse textualmente: "Vocês vejam o que é essa nojeira do comunismo. Aquele ali fingia que era meu amigo e está apenas cumprindo a missão do Partido de me espionar." Morreu dois dias depois. Era um bom camarada.

Eu tenho insistido no Comitê Central que o Partido devia preparar-se para uma saída violenta da revolução brasileira. Em agosto do ano passado, no "Pleno Ampliado" do Partido, defendi essa tese. Agora consegui que fosse colocada essa hipótese na última Resolução Política do Partido.

As divergências entre a China e a União Soviética continuam se acentuando. Não sei até onde isso poderá chegar. A China tem muitos problemas de fronteiras com a União Soviética e quer, além disso, expandir a sua influência na Ásia e na África.

Eu não tenho saudades de Moscou. Os tempos em que vivi lá foram muito penosos para mim. A gente vive sobressaltada, porque a Polícia está em todos os cantos. Acho que Krushov quer fazer uma abertura. Sofrerá uma grande oposição do grupo de Malenkov. Tenho a impressão de que conseguirá vencer essa parada.

O Secretário-Geral quer que eu compareça à reunião em Moscou na representação brasileira no Congresso dos Partidos Irmãos, já que falo e entendo bem o russo. Acho que irei só para ver a cara de Mao Tse-tung.

No Brasil, apesar de tudo, nosso Partido está crescendo. A propaganda está mais livre e nossas bases estão trabalhando muito bem.

O Partido está relutando em aceitar as minhas teses de aproximação com a Igreja. Já chegaram a comentar que minha mulher está me convertendo. Será que essa gente não percebe a importância da Igreja na sociedade brasileira ? De qualquer sorte, continuo a insinuar-me junto a vários padres. O difícil é encontrar um denominador comum.

Precisamos encontrar na Igreja, no Exército e em outros meios reacionários aqueles camaradas que chamamos de "companheiros-de-viagem." Quem já viajou de navio, de trem, e até de ônibus, sabe o que é o "companheiro-de-viagem". Em um desses meios de transporte, as pessoas que chegam no ponto de partida são todas desconhecidas, de origens e destinos diferentes. Mas, durante a viagem, elas se associam, formam uma comunidade, conversam, auxiliam-se. Há um objetivo comum que as une: querem todas chegar ao fim da viagem. Depois, atingida a meta, separam-se. O grupo se dissolve em poucos instantes. Cada um vai para

seu lado, cada um tem um interesse diferente. Assim também podemos fazer, no campo da Revolução, com a Igreja. Essa é a minha tese. Você não acha que tenho razão ?

Saudações comunistas

Gustavo R.

Rio, 31 de março de 1958

Camarada Antônio

Recebi a carta em que você me descreve a situação do Partido no Rio Grande do Sul. Considero este Estado, como São Paulo, um dos mais importantes para o Partido, por causa da fronteira com o Uruguai e a Argentina. Como você sabe, o Uruguai é nossa porta de entrada. E a Argentina tem hoje o maior Partido Comunista da América Latina, além de ser a nossa via de comunicação com o Chile. É preciso trabalhar pela unidade do Partido e eliminar todos os elementos dogmáticos e sectários.

No Comitê Central fomos obrigados a expulsar muitos dirigentes que insistiam em não se submeter a uma autocrítica e se mostravam incapazes de colocar-se à altura da nova situação, resultante das denúncias do XX Congresso do PCUS e da Resolução Política do PCB.

Você me fala em moral. Mas eu quero citar aqui o que Lenine declarou no III Congresso da Konsomol aos jovens soviéticos : "A base da moral comunista é a luta para apoiar e alcançar o comunismo." Por isso os jovens soviéticos aprendem que "o **bem** é tudo o que contribui para a construção do comunismo e o **mal** é tudo o que prejudica essa construção."

O camarada F.R.,que se suicidou porque denunciou à Polícia vários membros do Partido, havia praticado o mal. A consciência dele estava pesada e ele teve medo de enfrentar o Partido.

É preciso compreender que a violência comunista não é uma violência cega, uma violência do caçador que mata por prazer. É a violência daquele que mata por necessidade. Nós temos que praticar a violência por uma necessidade de construção do Comunismo no mundo, e sem a violência jamais o construiremos. Como dizia Lenine: " A burguésia não cederá sem luta."

Mantive uma discussão com J.A. antes que ele fosse expulso do Partido. Eu lhe disse: " Camarada A, você não acha que seria muito melhor para você, para todos nós e para o Partido que adotássemos o mesmo ponto de vista, mesmo que isso nos custe algumas concessões ?" Ele ficou intransigente. Respondeu que o próprio Chefe Supremo havia participado da luta contra o revisionismo e que, de repente, mudou de direção e aderiu ao grupo dos revisionistas, aparentemente obedecendo às ordens de Moscou. Disse que iam organizar um outro partido, um partido autênticamente marxista-leninista.

A discussão continuou. Eu ataquei o período de Stalin, o culto da personalidade, as prisões, os fuzilamentos e os campos de concentração. Mas ele me asseverou que, ainda hoje, cometem crimes semelhantes que não são conhecidos porque são praticados pelos que estão no poder. "Eu tenho provas disso", falou ele. E disse que um camarada havia trazido da China uma relação de campos de concentração de prisioneiros e áreas de trabalhos forçados que ainda hoje estão funcionando na Rússia.

Acho que a crise que enfrentamos será benéfica para o Partido. Pelo menos, a luta interna despertou os brios comunistas. E limpou o Partido de um bando de carcomidos e aproveitadores.

O Partido está enveredando pelo caminho da frente-única. É a solução. Assim ocorreu na China e na Rússia. Mao Tse-tung recomendava o princípio do terço, isto é, em cada organização apenas um terço deveria ser de comunistas que dirigiam e incentivavam os outros dois terços.

Minha mulher faleceu. Um câncer a levou em seis meses. Quando participei isso ao Partido, o dirigente L.O. do Comitê Central declarou na reunião: "Camarada Gustavo,

espero que agora, se você casar novamente, não o faça com uma beata e não se esqueça de pedir permissão ao Partido." Eu sou contra a intervenção do Partido na vida particular de cada um, mas a verdade é que essa intervenção existe, chegando a ponto de se efetuarem casamentos por ordem do Partido.

Antes de minha mulher morrer, conheci por intermédio dela o Padre Josias Paz. É um homem novo e simpático. Quando ele percebeu que eu era comunista, interessou-se em conversar comigo. Mantivemos longas palestras. Descobri que o Padre Paz é um excelente companheiro-de-viagem. "A Igreja estava longe do povo", disse-me ele. "É preciso que nos aproximemos dos humildes. Não temos nada contra os comunistas. Se vocês estão ao lado dos pobres contra os poderosos, estaremos com vocês."

É a primeira vez que ouvi um sacerdote falar assim. Até hoje a igreja era um reduto onde não podíamos penetrar. Por que teria havido essa mudança? Muitos comunistas estão desconfiados. Vou transmitir essa conversa ao Comitê Central. O Partido deve orientar nossa tática em relação à Igreja.

Saudações comunistas

Gustavo

Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1960

Prezado camarada Antônio

Depois que surgiu um movimento de aproximação entre a Igreja Católica e o Comunismo, no mundo inteiro, nossa situação evoluiu muito favoravelmente. Tenho a impressão de que a política do Papa João XXIII determinou uma mudança radical na tática religiosa. O Comitê Central do Partido está temeroso que os padres roubem nossas bandeiras. Mas nós temos opinião diferente. Estamos com o Secretário-Geral, que disse: "Por que não darmos as mãos, quando temos o mesmo objetivo, que é derrubar o regime vigente?" Com essa política não são eles que nos tiram as nossas bandeiras, mas nós é que pomos uma bandeira vermelha, com a foice e o martelo, nas mãos deles.

Surgiram no Rio dois movimentos, a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Estudantil Católica (JEC), formados de estudantes católicos esquerdistas, influenciados por um dominicano francês, chamado Thomas Cardonnel. Já temos alguns elementos do Partido entre eles. A Seção Juvenil do Partido está acompanhando de perto o movimento, e as perspectivas são muito interessantes.

Frei Cardonnel considera que a mudança das estruturas constitui a necessidade geradora das revoluções indispensáveis. "Não se trata apenas de mudar os titulares do poder, diz ele, mas a natureza mesma do poder." Ele considera incoerência o cristianismo defender o capitalismo.

A esse movimento estão aderindo, além de muitos religiosos, principalmente jesuítas e dominicanos, um grande número de estudantes e professores. Eles mantêm uma atitude muito amistosa com o Partido.

No plano mundial, Krushov desenvolve sua política inteligente de "coexistência pacífica". O encontro com Eisenhower, em setembro do ano passado, foi uma grande vitória diplomática. A imprensa americana comentou que Krushov havia ficado muito impressionado com uma fábrica de batatas fritas. Eles são muito ingênuos. Não percebem que, em matéria de diplomacia, estão cinqüenta anos atrás dos soviéticos.

Um amigo que leciona na PUC proporcionou-me um encontro com o professor e jornalista Azevedo Franco. É um desses católicos progressistas. De agora em diante chamá-lo-ei de A.F. Nossa palestra foi muito amigável. Ele tem grande influência nos meios católicos. Escreve freqüentemente nos principais jornais do Rio de Janeiro.

Eu disse a ele que o Partido poderia estabelecer com os cristãos progressistas um acordo de cavalheiros. Os padres têm uma tribuna que nós não possuímos: o púlpito. O catolicismo possui o maior partido político do mundo: a Igreja. Se o Comunismo Internacional se associar à Igreja Católica,

derrubaremos o Capitalismo em todos os rincões do universo. O fato de ser o marxismo-leninismo materialista e ateu não representa um empecilho à união. Já houve mesmo quem provasse que Marx não era ateu. Ele acreditava em um Deus diferente do Deus dos capitalistas. Foram estes que inventaram que Marx era ateu.

O mais difícil será convencer a União Soviética da sabedoria dessa doutrina. Os russos são implacáveis. Eu sei que existem muitos cristãos presos e torturados na União Soviética. Várias pessoas que conseguiram sair de lá têm prestado depoimentos que comprometem os comunistas soviéticos. Eu mesmo conheci em Paris um russo que foi preso e submetido a terríveis sofrimentos porque encontraram uma Bíblia em sua casa. E o que aconteceu? Ele, que era um comunista sincero, converteu-se em um cristão, inimigo implacável do comunismo. E hoje anda a pregar pelo mundo afora contra o Comunismo.

Na verdade, nossa sociedade com os católicos não é uma aliança sincera. Ambos desconfiamos uns dos outros. Sempre estamos com medo de sermos traídos. O Comitê Central pediu-me que anotasse todos os elementos chamados "cristãos progressistas" e vigiasse todas as suas atividades. Estamos preparando um arquivo completo sobre eles. O Secretário-Geral disse que, em caso de uma conquista comunista do poder, eles teriam que ser imediatamente submetidos, sob pena de nos tentarem ultrapassar.

Um estudante da JUC apresentou-me a um padre que me pareceu espião. Custo a enganar-me. Ele só gostava de fazer perguntas. Nunca menti tanto na minha vida. Acho que ele também mentia descaradamente. O Padre Vasconcelos, assim se chama ele, convidou-me para almoçar em sua casa num subúrbio. Fui. Acho que ele gravou nossa conversação. Mas eu estava prevenido. Mostrou-me um jornal que ele publica na paróquia. Atacava o Governo. O maior problema que nos causam os companheiros-de-viagem é distinguir, entre eles, os sinceros e os traidores.

Tenho um filho que é estudante da Pontifícia Universidade Católica. Ele, influenciado pela mãe, não quis participar da política. Mas agora já está se interessando. Estou

preocupado porque sinto que o rapaz está um pouco desorientado. As atividades no Partido não me deixam tempo para conversar com ele. Agora, por exemplo, estou redigindo um projeto de Resolução Política para o V Congresso. Essa convenção tem de realizar-se antes das eleições de outubro, a fim de definir a posição do Partido diante da candidatura Lott. Quero também inserir algo sobre a preparação da luta armada. Sinto que estamos caminhando para uma revolução violenta.

O governo de Juscelino não nos foi inteiramente desfavorável. Progredimos muito no setor sindical e no setor estudantil. JK não cumpriu o acordo. Foi muito pressionado pelos trustes e pelo Exército. Tenho minhas desconfianças de que Lott adote uma linha democrática. O homem demonstra tendências fascistas.

De qualquer sorte, o Partido está crescendo. Temos praticamente o controle de toda a imprensa. Há pormenores que não posso relatar em carta.

Saudações marxistas

Gustavo R.

Rio, 5 de dezembro de 1960

Caro Antônio

Se não lhe escrevi há mais de seis meses, é que o trabalho não me permitiu. Você esteve aqui no V Congresso, e viu a nossa luta. Afinal saiu um documento contendo uma interpretação do caminho pacífico da revolução brasileira. A resolução considera que a guerra civil ou a insurreição armada não é inevitável. Isso quer dizer que não renunciamos a hipótese da luta armada. A afirmação é um tanto idílica.

No meio estudantil consideramos que aos comunistas cabe um importante papel na unificação do movimento que está arriscado a esfacelar-se. Está surgindo uma série de variações pseudo-socialistas, como a Ação Popular (AP), que nos estão preocupando.

Meu filho está impregnado das ilusões do socialismo cristão. A AP tenta associar as concepções marxistas ao cristianismo. Os alunos da PUC lançaram um manifesto cheio de sandices filosóficas.

Conheci o Padre Lima Vaz, um desses teóricos que andam desviando as mentes da juventude, criando caminhos que divergem da opção comunista. Eles são marxistas, mas não aceitam a ditadura do proletariado. Não percebem que somente foi a concepção de Lenine que deu possibilidade prática ao comunismo.

Você não avalia a repercussão dessas idéias na mentalidade embrionária da mocidade. O movimento cresceu assustadoramente. No meio estudantil já superou praticamente o Partido. Espero, entretanto, que, ao perceberem a inexeqüibilidade dessas teorias, todos esses padres e jovens se voltem com armas e bagagens para o nosso Partido. Isso acontecerá fatalmente.

No meio sindical, nossos companheiros-de-viagem constituem a fina flor do primitivismo e da ignorância. São os chamados "pelegos", uma raça indefinida de parasitas do operariado, encabeçada pela figura do Vice-Presidente João Goulart, um primário que faz de seu posto um prolongamento de suas fazendas de gado. O Partido tem de aturar esse bando de corruptos e ignorantes, que afinal nos prestam algum serviço. Vamos, entretanto, partir para uma centralização da ação sindical, a fim de não perder o controle da massa proletária nas mãos desses pelegos sem-vergonhas.

A derrota de Lott foi um desastre para nós. Acho que a demagogia de Jânio Quadros vai arruinar o País. A simpatia que demostra por Cuba e por Guevara é um engodo para enganar os tolos. Tem gente no Partido que acredita nele. Eu não vou nessa onda. Alguém já disse que ele é um vigarista. O Comitê Central pretende baixar uma Resolução Política. Vamos adotar uma atitude de expectativa vigilante.

Nossos camaradas que estiveram em junho em Bucareste e, no mês passado, em Moscou, na Conferência dos Partidos Irmãos, contaram que as relações entre a China e a União Soviética descambaram para a troca de ofensas e acusações mútuas. Isto só serve para prejudicar o Movimento

Comunista Internacional e animar as dissidências, como está acontecendo entre nós. O grupo antipartidário fundou o Partido Comunista do Brasil que nos vive atacando, apoiado por Mao Tse-tung.

Você fala de Brizola como de um líder independente. Não há perigo. Ele recebe e acata as instruções do Partido. O que tem de prepotente e autoritário na televisão e nos palanques, tem de submisso e humilde diante dos dirigentes do Partido. Eu assisti a uma conversa entre ele e H.C. Ele perguntava a H.C: "Você acha que estou indo bem ? É isso que vocês querem que eu diga ?". Tenho mais medo de Arraes do que de Brizola. O pernambucano é mais inteligente e escorregadio. Não quer comprometer-se com o Partido.

Você talvez seja removido do Rio Grande do Sul para o Nordeste. Foi o que ouvi na Seção de Pessoal do Partido. Parece que a importância do Nordeste está crescendo. O Comitê Central quer fazer de Pernambuco uma área de experimentação comunista no Brasil. Lá existem vários padres que estão ligados a nós. É preciso aproveitar e disciplinar o trabalho deles. O Movimento de Cultura Popular é uma boa arma.

Existem aí uns professores que inventaram um método político de alfabetização. Eu não acredito nisso. Em todo o caso, se eles estão querendo colaborar, temos que apoiá-los. O professor P.F. conversou com o Secretário-Geral, e este prometeu apoiá-lo. O barco dos companheiros-de-viagem está aumentando a sua lotação. Tenho medo que acabe afundando.

Estou pensando em casar-me novamente. Simpatizei com uma professora comunista. Estou com cinqüenta anos e me sinto solitário.

Um aperto de mão leninista

Gustavo R.

Rio, 10 de novembro de 1961

Camarada Antônio

Quanta coisa ocorreu enquanto você estava na União Soviética! Eu disse a você que o Jânio Quadros não ia dar certo e foi o que aconteceu. Agora temos aí o Jango, e o Governo virou uma capatazia pecuarista.

O Partido cresceu graças à nossa orientação política e a habilidade do Comitê Central. Acompanhamos religiosamente o Presidium do PCUS. Acho, entretanto, que estamos esquecendo as normas do trabalho clandestino. A Executiva não pensa na possibilidade de uma reversão da situação. Estão inteiramente empolgados pelo crescimento do impulso revolucionário.

Meu filho deixou a casa. Está fanatizado pela AP. Nunca pensei que a associação da religião com o marxismo produzisse um movimento que entusiasmasse tanto a mocidade. Fiquei muito triste. Agora já estou temendo pelo futuro. Não posso acreditar em uma solução socialista para o Brasil. O País é muito grande e rico. Aqui só pode haver capitalismo ou comunismo. Ou a ditadura dos empresários, ou a ditadura do proletariado. Mas terá de ser sempre uma ditadura. Não se poderá controlar um país desse tamanho, com essa população e com esse potencial, na base de uma democracia lírica ou de um socialismo, modelo sueco ou inglês. A diversidade de condições sociais e econômicas é imensa.

Conversei com vários camaradas do Comitê Central. Eles concordam comigo.

No entanto, meu filho se afastou de mim. Para um pai que chega a minha idade e se sente abandonado, é muito triste. Tive uma infância cheia de dificuldades. Órfão de pai e mãe, cresci na lama dos mocambos pobres. Odiei a sociedade e me tornei um subversivo incorrigível. Dediquei minha mocidade ao Partido Comunista, na esperança de ver nele o arauto dos anseios dos explorados. Cometi muitas iniqüidades, desci às ações mais cínicas, traí amigos, tornei-me insensível. E agora vejo que não saí da mesma lama em que formei minha personalidade.

Você se lembra que pensei em casar-me com uma companheira do Partido. Pois descobri que o Partido a designara para espionar-me, em virtude de minhas ligações com os padres. E descobri também que a Igreja encarregara o Padre Vasconcelos de espionar-me. Assim, eu estava sendo vigiado pelos dois lados.

Estive com o Secretário-Geral e disse a ele: "Por que você me mandou vigiar? Por acaso não confia em mim?" Ele respondeu: "Aqui, todos somos vigiados. Até eu, que sou o chefe do Partido, sou vigiado. É uma condição para sobrevivência do Partido: ninguém confiar em ninguém. Não podemos nos dar ao luxo de confiarmos uns nos outros. Isso é bom para os partidos burgueses. O comunista tem que saber que está sendo constantemente observado, que existe sempre um par de olhos acompanhando o que ele está fazendo. Devemos até, se possível, saber, a todo o instante, o que ele está pensando."

Procurei o Padre Vasconcelos e disse: "Padre, eu soube que o senhor está encarregado de espionar-me. O senhor não acha que esse papel não se coaduna com as virtudes de um homem da Igreja?" "Não, meu filho", disse ele, "os comunistas se infiltraram hoje entre os religiosos para destruir a Igreja. Muitos padres se tornaram marxistas. Estamos ameaçados de desagregação. No Mundo Comunista, os padres estão sendo torturados e executados. Se vocês tomarem conta deste País, a maior nação católica do mundo, a civilização cristã receberá um golpe muito duro. Nós queremos evitar que isso aconteça."

O Secretário-Geral encarregou-me de fazer um relatório sobre a ação comunista na Igreja. Eu pedi a ele que não me desse essa incumbência. Mas ele insistiu. Creio que já é tempo de considerarmos como bem sucedida nossa constante doutrinação. A Ação Popular constitui um movimento de transição. A filosofia da AP conseguiu associar os princípios marxistas ao cristianismo. Esse foi o passo mais difícil. Do marxismo ao leninismo, o lance é mais fácil. Dentro de pouco tempo, surgirão os religiosos marxistas-leninistas. O Brasil é um campo propício. O essencial agora é despertar a motivação. Basta, para isso, que exploremos algumas falhas da sociedade brasileira.

O movimento grevista é atualmente a maior base de nossa atuação. O Partido conseguiu centralizar o comando das ações. Creio que dentro de dois a três anos conseguiremos alcançar o poder.

Um abraço marxista

Gustavo R.

Rio de Janeiro, 25 de março de 1962

Camarada Antônio

Os dirigentes do Partido estão eufóricos, mas eu estou preocupado. Como disse a você anteriormente, o barcò dos companheiros-de-viagem estava superlotado. Agora o comando das ações ficou mais complexo. Temos os movimentos esquerdistas como a Ação Popular, a Política Operária e muitos outros. Temos os líderes populistas, como Jango, Brizola, Arraes e vários outros, disputando o prestígio junto da massa. Temos grupos políticos heterogêneos como a Frente de Libertação Nacional, a Frente de Mobilização Popular e dezenas de outras frentes. Temos o CGT, temos o PUA, temos a CNTI. Existe enfim uma variedade de lideranças, entre as quais o Partido está perdido. O Partido está perdendo o comando das ações. Eu alertei a Comissão Executiva sobre essa dispersão de esforços. Eles concordaram e disseram que iriam reforçar a pressão sobre a Presidência da República. É preciso recompor o dispositivo.

A Ação Popular, dominada pelos padres, adotou uma organização copiada do Partido. Está drenando toda a massa estudantil.

Existe, além disso, um descaso em relação à possibilidade da ação armada. O Comitê Central quer aplicar no Brasil o mesmo princípio de coexistência pacífica que a União

Soviética utiliza face aos Estados Unidos. Mas a União Soviética e os Estados Unidos possuem bombas atômicas. E nós não temos nem granadas de mão. É triste a mania de imitação do nosso Partido. Acho que devíamos mandar uma comissão a Moscou para receber instruções sobre a tática a adotar.

Sinto-me cansado e doente. Meu coração está falhando. Acho que vou pedir uma licença ao Partido para tratamento de saúde.

Recebi a carta em que você me descreve a situação no Nordeste. Essa área é um barril de pólvora. Mas existem no País outros barris de pólvora. Como disse Krushov: "Se pegar fogo nessa fogueira, ninguém consegue apagá-lo."

O regime parlamentarista foi um fracasso. O Comitê Central lançou a tese do "Plebiscito com Constituinte". Para não comprometer o Partido, o Brizola vai ser o porta-voz. Acho que estão dando muita força a Brizola.

Na área do operariado, os que mais atrapalham são os pelegos do Jango. É uma gente ignorante, sem maturidade política. Existe um sujeito que era peão de estância no Rio Grande do Sul e agora é líder sindical. O João Goulart, por outro lado, só pensa em negócios de gado e frigoríficos. Tem uma porção de testas-de-ferro. São uns cabras analfabetos que mandam no Palácio. Se o Partido não assumir a liderança, vamos ter problemas muito sérios.

Você me pergunta por meu filho. Não sei onde anda. Está envolvido na AP e há mais de um mês que não aparece em casa.

Saudações marxistas-leninistas

Gustavo R.

Rio, 19 de setembro de 1963

Camarada Antônio

Recebi sua carta, datada de 20 de agosto, em que você me relata como evoluiu a situação nordestina.

É preciso não se deixar levar pelas aparências. O entusiasmo ideológico é como o Capiberibe. Enche, transborda, conforme as chuvas nas cabeceiras e a maré do Recife. Mas pouco depois entra em vazante.

Meu filho me procurou. Vem com a cabeça cheia de Ação Popular. Trouxe uma porção de sandices filosóficas que me expôs, mas não entendi nada. Em suma, eles explicam a associação entre o marxismo e o cristianismo. E é isso apenas o que interessa.

Tenho tido muitas desilusões com o Partido. A política do Comitê Central é de um reboquismo intolerável. Eu acho que o Partido deve adotar uma atitude de liderança ou correrá o perigo de ser ultrapassado pelos companheiros-de-viagem.

Há muitas rivalidades e incompreensões dentro do Partido. Desde a crise de 1956, não conseguimos recompor a direção. O Secretário-Geral pensa que tudo vai bem. Está iludido. Tenho certeza de que haverá novas defecções. As opiniões sobre a ação política e a ação armada variam e existem tendências para a formação de grupos dirigentes.

Quero conversar com o Secretário-Geral. Ele tem se esquivado depois que o acusei frontalmente de mandar espionar-me. Andam desconfiados de mim. Tenho sido seguido por agentes do Partido.

No outro dia, durante minha ausência, entraram em minha casa e vasculharam meus papéis. Já me sinto com certa insegurança.

Estive com o Padre Paz. A impressão que me ficou da conversa com ele é a de que a Igreja resolveu tirar dos comunistas o argumento de defesa dos oprimidos. Querem roubar nossas bandeiras. Há naturalmente alguns padres que são comunistas e defendem os ideais de nosso Partido. Outros são nossos amigos sinceros. Mas a grande maioria é contra nós e farão tudo para nos destruir.

Por essa razão, penso que devemos cada vez mais penetrar na Igreja e conseguir um apoio mais sólido. Isso não acarretará nenhum compromisso. Depois de assumirmos o

poder, entraremos na doutrina da liberdade religiosa. E alienaremos a Igreja naturalmente.

Saudações marxistas

Gustavo R.

Rio de Janeiro, 12 de março de 1964

Prezado Camarada Antônio

Escrevo a você do Hospital. Levei dois tiros de um desconhecido que me assaltou quando eu regressava a minha casa, no dia 15 do mês passado. Não tenho passado bem.

Não posso acusar ninguém. Na verdade, rompi com o Partido e isso pode ter dado margem a uma vingança pessoal. Tenho transigido muito e feito os piores papéis. Estou cansado dessa vida de hipocrisia e de ambições. Durante toda a minha vida, dediquei-me ao Partido Comunista de corpo e alma. Só tive em troca sacrifícios e incompreensões.

Aconselhei a violência e fui vítima dela. Preconizei a irreverência da moral comunista e fui vítima dela. Estou colhendo o que semeei. Estou recebendo o que mereci.

O Brasil está nas vésperas de um golpe-de-estado. Dentro de pouco tempo, possivelmente, o Comunismo Internacional tomará o poder nesse país. Teremos provavelmente uma guerra interna, sangrenta e duradoura. O Brasil será o Vietnã da América Latina. Só mesmo um milagre poderá salvar o País desse terrível desenlace.

Expus ao Comitê Central essa opinião. Não me deram ouvidos. Estão fanatizados pela perspectivas do poder. Não percebem que os companheiros-de-viagem se tornaram mais fortes, ambiciosos e audaciosos do que a tripulação do barco. Então, pedi minha exclusão dos quadros do Partido.

Procurei um Comando Militar e expus a situação. Ficou impressionado. Pediu pormenores. Tive escrúpulos pela primeira vez. Não quis denunciar os camaradas.

Amanhã haverá um grande comício na Central do Brasil. É o começo do golpe.

Tenho a impressão de que não viverei muito tempo. Gostaria de rever meu filho. Queria dar-lhe uns conselhos. Mas não sei onde anda ele.

No outro dia, estava sozinho no quarto do hospital quando ouvi nitidamente a voz de minha falecida esposa. Penso que estava sonhando. Mas ouvi a sua voz, como há tantos anos passados. Ela rezava por mim e por meu filho, como era seu hábito, todas as noites.

Então senti um grande remorso dentro de mim. Eu fui um péssimo elemento. A política me fascinou. O comunismo torna a nossa alma fria e insensível. Deixamos de ser humanos para nos transformarmos em autômatos fanatizados.

Por que os homens da religião, que trazem dentro de si a força extraordinária que lhes dá a Fé, estão eles mesmos apagando essa chama e se entregando ao ateísmo marxista? Eu, que sou materialista, que me dediquei ao comunismo, sinto-me inferiorizado diante do homem que tem uma crença, que tem um Deus, por mais humilde que seja esse indivíduo. Eu não tenho nada dentro de mim. Tenho um vazio no coração. Sou como um náufrago que não tem nada em volta de si, onde se possa agarrar.

Gostaria que alguém viesse aqui e me desse uma esperança. Gostaria que alguém dividisse comigo um pouco de sua religiosidade.

Na cabeceira de meu leito vejo um crucifixo. Penso que, há quase dois mil anos, esse homem chamado Jesus deu ao mundo um exemplo de sacrifício pelo bem da humanidade. Ele tinha dentro de si uma fé inabalável que o transmutou em um ser sublime, e o elevou às alturas das divindades. Ninguém poderá destruir a filosofia que ele criou com a sua palavra e com a sua comovente imolação. Que a sua figura me conduza ao caminho que só agora estou divisando entre as sombras confusas de uma vida perdida.

Saudações cristãs

Gustavo R.

Observação

Gustavo morreu no dia 31 de março de 1964.
Soube no Hospital que ninguém compareceu ao seu sepultamento. Nem o próprio filho.

Antônio

VI – OS SIMPATIZANTES

A ação do trabalho clandestino dos profissionais comunistas, apoiados e cobertos por um número imenso de simpatizantes, proporciona alto grau de eficiência destrutiva às atividades bolchevistas. Assim dizia Lenine:

> "A participação mais ativa e mais ampla das massas numa manifestação não só não sairá prejudicada, como, pelo contrário, terá muito mais probabilidade de êxito se uma "dezena" de revolucionários profissionais bem adestrados, pelo menos tão bem como a polícia, centralizar o trabalho clandestino em todos os seus aspectos." (Lenine, em "Que fazer?")

Os simpatizantes são os homens que, de punho levantado, aplaudem os comícios comunistas. São os que seguram os cartazes e empunham as bandeiras vermelhas. Embora não lhes seja facultado transpor a soleira da porta do Partido Comunista, formam a grande "torcida ensaiada" dos espetáculos marxistas-leninistas. Por essa razão, constituem o elemento maciço da manobra, objeto da agitação e da permanente doutrinação ideológica. "Aprender com as massas, para ensinar as massas", dizia Lenine. Isto significa que os comunistas devem explorar os anseios e interesses dos simpatizantes, para conduzi-los e assegurar a sua adesão incondicional.

OS SIMPATIZANTES

Os simpatizantes são pessoas que, ainda não sendo comunistas ativos, são condescendentes com o comunismo ou parcialmente adeptas da causa comunista, de seus objetivos ou cúmplices dos membros do Partido Comunista. Os simpatizantes constituem o grupo mais numeroso de auxiliares dos comunistas, formando uma grande parte das massas lideradas por eles.

Gervásio Tobias assumiu, naquela tarde de agosto de 1962, a direção do Conselho do Planejamento da Reforma Agrária, também conhecido como COPRA. Na ocasião, festejada com champanha e salgadinhos, leu protocolarmente seu discurso de posse, encomendado, com a única restrição de ter duração máxima de vinte minutos, a um jornalista amigo, o Carlos Passos. Se bem que nenhum dos dois, nem Tobias, nem Passos, entendesse qualquer coisa de reforma agrária, a eloqüência vazia das frases feitas ecoou no recinto, sem que os presentes lhe dessem grande atenção. De agricultura, Tobias conhecia apenas o que lhe ensinara, sobre a plantação de couve e de cenoura, o caseiro do sítio que possuía em Friburgo para os fins de semana no verão.

Era uma figura respeitável e formal, de colarinho alto e gravata francesa. Causava impressão de notória competência. A discrição com que se expressava, soltando aqui e ali uma frase irônica, encobria uma bagagem cultural de almanaque de boticário. Somente os mais íntimos sabiam que, se a mediocridade fosse um mal contagioso, todos deviam fugir dele como o diabo da cruz.

Mas o Conselho do Planejamento da Reforma Agrária não fora criado para glorificar intelectuais, nem para reestruturar as condições agrícolas do País. A Alta Administração da República, com sábia inspiração, constituíra ali um depósito de personalidades favorecidas, reunidas como uma

reserva estratégica em situação de expectativa, a qual, na ausência de outros afazeres, iria planejando uma revisão do sistema agrário nacional, para implementação em longínquo futuro, antes do ano 2000 da era cristã..

Gervásio Tobias, como vários outros membros do COPRA, inclusive o jornalista Carlos Passos, fora indicado pelo Partido Comunista, não por ser ele, como era, um auxiliar submisso do Comitê Central, mas principalmente porque jamais estivera relacionado entre os quadros efetivos do Partido, tendo assim livre trânsito nos salões sociais e nas repartições públicas.

A afinidade de Gervásio Tobias com o Partido Comunista vinha de longa data. Nos bancos universitários da Faculdade de Direito, Tobias se tornara um afeiçoado amigo do Romão Cerejo, notório comunista, que, em troca de almoços e favores pecuniários, lhe prestava inestimável auxílio nas provas escritas. Pois foi Romão Cerejo quem convenceu Tobias a realizar um curso de capacitação política de quarenta e oito horas, numa escola do Partido, em Botafogo.

A aprendizagem não teve a eficiência desejada, pois, a Polícia invadiu o casarão em que funcionava o curso. Não conseguiu prender ninguém. Toda a turma se evadiu por uma saída do porão, à exceção de Tobias, que teve de trancar-se no banheiro com a dona da casa, e esta conseguiu retardar o investigador que batia na porta, alegando achar-se em trajes menores, dando tempo a Gervásio para fugir pelo forro do edifício.

Mas o incidente constituiu dura lição para o jovem estudante que se tornou refratário ao ativismo comunista, revelando-se, porém, um simpatizante incondicional.

Posição difícil, verdadeiro sacrifício pela causa. Sujeito a perseguições e ofensas de ambos os lados. Quantas vezes não teve de aturar as agressões dos membros radicais do Partido! Assim considerava Tobias a sua situação, na penumbra ideológica das indefinições. Nada assinava que importasse em compromissos. Considerava-se como um apóstolo silencioso, sacrificado pelas incompreensões.

Trabalhava para o Partido secretamente. Cumpria missões que vinham determinadas pela direção suprema através

de sigilosos intermediários. Espionava personalidades. Tirava cópias de documentos. Colaborava na sabotagem. Enviava relatórios verbais, transmitidos em surdina a emissários de confiança. Contribuía financeiramente. Tudo isso com o maior desinteresse e dedicação. E, mesmo assim, teve um dia que se queixar ao Comitê Central, porque um comunista o chamara de "oportunista sujo" e "burguês porco".

Revelou, certa vez, ao elemento de contato do Partido, que gostaria de visitar a União Soviética. E logo lhe mandaram passagem e passaporte. Esteve em Moscou e Leningrado, passando por Berlim e Budapeste. No turismo orientado que lhe permitiram, quase nada pôde ver, senão aqueles lugares clássicos, como o metrô da capital e o túmulo de Lenine.

Ao regressar, porém, escreveu, com o auxílio de Carlos Passos, que lhe policiava a precária redação, uma série de artigos intitulados: "O que vi e o que não vi na Rússia". O trabalho foi publicado num desses jornais populares, mais procurados pelas histórias dos crimes e desastres. Se a repercussão não foi o que esperava o autor, pelo menos despertou a atenção do Partido que o interpelou pela inclusão de alguns comentários desairosos, como por exemplo, sobre a falta de papel higiênico no Teatro de Leningrado. Tobias alegou que incluíra essas observações para equilibrar os elogios que fizera, e assim despertar a burguesia reacionária. Um entendido explicou que a escassez observada era decorrente da rigidez com que se cumpria o Orçamento-Programa do Plano Qüinqüenal.

Considerava-se um comunista independente, descompromissado. Um comunista sem partido. Graças a essa concepção, estava livre das querelas partidárias e das obrigações disciplinares da organização marxista-leninista.

Para o Partido era um elemento necessário. Era um aríete, através do qual o Partido podia penetrar em muitos setores que lhes eram normalmente vedados, inclusive em alguns clubes da alta sociedade. "Esses homens são necessários", dizia um dirigente. "Como poderíamos obter informações sobre o que se está passando nos níveis mais elevados da área social e da área econômica? Essa gente são os nossos olhos e nossos ouvidos. São bem recebidos em qualquer lugar. Não estão sujeitos a prisão ou a demissões. Eles formam uma classe especial que precisa ser valorizada."

Ao assumir a direção do COPRA, Gervásio Tobias percebeu que devia o posto ao Partido Comunista. A sinecura representava-lhe uma dívida que seria fatalmente cobrada. Era uma obrigação a que ele não poderia fugir.

O que mais o preocupava era como o Partido cobraria o débito. O que desejariam dele? Dinheiro? Informações? Proteção?

O jornalista Carlos Passos era vinho de outra pipa. Rapaz inteligente e bem falante. Boa redação e colunas em vários jornais. Freqüentava rodas de alto nível social onde alardeava a sua paixão doentia pela liberdade e pela democracia, aproveitando as ocasiões para trocar boatos com personalidades políticas, nos cantos, à meia luz.

Tinha casa à beira do lago em Brasília e apartamento em São Paulo. Já atingira um nível de abundância que faria inveja a qualquer burguês autêntico, mas nem por isso refreava suas tendências socialistas, não porque desejasse o socialismo, mas justamente baseado na crença íntima de que um regime desses jamais seria implantado em nosso país.

Contribuía para o Partido Comunista, material e espiritualmente, com todas as precauções impostas pelas normas da ação clandestina. Em seus artigos e conferências procurava equilibrar suas inventivas contra o capitalismo, distribuindo algumas críticas à União Soviética.

Já visitara os países da Cortina de Ferro e da Cortina de Bambu e guardava como relíquia os retratos autografados de Krushov e de Mao Tse-tung. Lera e relera o livrinho vermelho deste último líder, mas não concordava com o aforismo lançado pelo comunista chinês de que "o poder nasce da boca do fuzil". Porque, se gostava do poder, detestava o fuzil, já que tinha pavor de qualquer tipo de arma. Do serviço militar fora dispensado pela junta médica, graças ao "pé chato" que exibira à dita junta, deixando os médicos sumamente impressionados.

Escrevia, com o pseudônimo de Paulo de Almagro, no jornal "Novos Rumos", órgão oficial do PCB. O próprio Partido fazia questão de seu anonimato, pois ele constituía uma das pontas-de-lança que a organização mantinha na imprensa.

Mas não se podia dizer dele que fosse um comunista. Os seus conceitos sobre o capitalismo e sobre o comunismo eram, em grande parte, fruto de impressões pessoais, de casos isolados, de contrariedades que sofrera ou oportunidades que perdera. Sim, ele guardava íntimos ressentimentos. Tinha raiva do Exército porque um jovem oficial lhe roubara a namorada.

Defendia a liberdade com um vigor incoercível. Mas quando lhe pediram para definir o que era liberdade, embaraçou-se e saiu-se muito mal, pois a explicou como "o direito de fazer-se o que se quer", dando margem a que o interpelante lhe indagasse se era direito o cidadão andar nu pela rua, só porque assim o desejava. Aliás, nessa conferência, esteve na iminência de apanhar uns pescoções, pois alguns elementos direitistas da assistência se exaltaram e tentaram agredi-lo. "Consegui escapar ileso", disse depois, "porque ainda me consideram membro da oligarquia".

Em 1961, combateu tenazmente, em sua coluna, a candidatura presidencial de Jânio Quadros. Por essa razão, quando esse candidato alcançou o poder, Carlos Passos viu-se, de uma hora para outra, inteiramente desamparado. Sua situação tornou-se difícil, porque nas áreas democráticas era repelido como esquerdista, e nas áreas comunistas era visto com desconfiança por não ser autêntico.

Conseguiu um emprego como encarregado de Relações Públicas em um sindicato de classe. Manteve-se na obscuridade até a data memorável de 25 de agosto de 1961, quando o Presidente Jânio Quadros renunciou. Nesse dia, como que revigorado pelos meses de ostracismo, procurou a redação de um jornal de oposição, levando no bolso um entusiasmado artigo em que propugnava a posse de João Goulart. Intitulou-o "Sete meses de vigília cívica".

Desde então, tornou a brilhar a sua estrela. Em poucos meses conseguiu várias colocações que lhe davam uma renda apreciável. Por esse motivo escreveu uma parábola, denominada: "Sete meses de penúria, sete meses de abundância", na qual contava o sonho do Faraó egípcio, em edição contemporânea.

Foi nomeado assessor de imprensa de vários órgãos federais. Essa situação permitia-lhe executar um belo trabalho de informação para o Partido Comunista. E o fazia não porque fosse um ativista convicto, mas porque sentia que o seu respaldo partidário lhe dava prestígio e evitava contrariedades.

Poucos dias depois de sua posse, Gervásio Tobias recebeu um pedido do Comitê Central do PCB. O recado chegara-lhe através de um autor de novelas para televisão. O Partido precisava enviar dois elementos a vários Estados do Nordeste para fazer um levantamento da situação comunista e das possibilidades das forças reacionárias. Era necessário coordenar as atividades do líder camponês Julião naquela área, uma vez que haviam chegado informações de que as Ligas Camponesas estavam prejudicando o trabalho do PCB.

Tobias não poderia negar esse favor ao Comitê Central. Mandou uma secretária redigir imediatamente um ofício ao Ministro. Alegava a necessidade de dinamizar o COPRA. Para isso precisava mandar ao Nordeste dois elementos de sua confiança, com passagens e estadas pagas, a fim de colher subsídios sobre o problema da reforma agrária.

O documento foi aprovado sumariamente. A partir desse momento, a dinamização do COPRA serviu de cobertura para uma razoável movimentação de agentes comunistas em todo o País, à custa dos cofres públicos.

Não ignorava o Sr. Ministro a verdadeira finalidade daquela operação do COPRA. Mas como tinha também as suas simpatias e compromissos com o PC, chegou mesmo a apreciar a habilidade com que lhe era apresentado o problema, deixando-o à vontade para conceber o apoio pretendido. E logo os jornais da situação louvaram-lhe o incentivo de tão patrióticas medidas para solução do mais grave problema nacional: a reforma da obsoleta estrutura agrária do País.

Mas não se limitou a essa iniciativa o Diretor do COPRA. Conquanto não tivesse ainda, meses depois de assumir o oneroso encargo, tempo suficiente para ausentar-se do Rio,

excluindo-se ligeiras incursões a Brasília e São Paulo, decidiu patrocinar uma série de conferências sobre a reforma agrária, a serem realizadas pela União Nacional de Estudantes na Praia do Flamengo.

A maioria dos conferencistas e assistentes não conhecia do meio rural senão os arrabaldes do Rio de Janeiro, mas discutiam o assunto com desenvoltura, que, ao espectador desprevenido, davam a impressão de terem uma longa vivência dos mais recônditos sertões. Combatiam o latifúndio e pugnavam por uma reforma agrária radical, cujas bases não sabiam definir muito bem, mas que devia ser qualquer coisa parecida com os "kolkhozes" da União Soviética. E como eles também não sabiam como eram os "kolkhozes", as discussões sempre enveredavam por outros rumos mais práticos, como, por exemplo, o movimento grevista no meio estudantil.

As conferências sobre a reforma agrária na UNE eram pronunciadas por autoridades cuja simpatia pelas esquerdas não impediam que recebessem com a mão direita os generosos "jetons" que o COPRA proporcionava.

Gervásio Tobias foi chamado ao Gabinete do Sr. Ministro. Eudoro Real, o Chefe do Gabinete, era um desses tipos cronificados como "nacionalistas vermelhos". Seu chauvinismo ganhara impulsão, há muitos anos, durante a campanha do "O petróleo é nosso!". Nessa ocasião se aliara aos comunistas, mas, para ser honesto, não tinha com eles afinidade ideológica. Era um idealista e, sinceramente, lutava para que as nossas riquezas minerais não caíssem em mãos dos grandes trustes estrangeiros. Com o tempo, entretanto, essa aliança foi se estreitando e se transformando em verdadeiro envolvimento. Atendia, em seu gabinete, todos os elementos do Partido que o procuravam, resolvia suas postulações, conseguia empregos para eles. Já não era mais inocente, pois conhecia bem as suas origens e pretensões.

Naquela tarde, Eudoro Real disse ao Diretor do COPRA:

— O Ministro quer iniciar desde já as operações da re-

forma agrária. Deseja fazer várias desapropriações de terras e vamos começar por Minas Gerais.

— Mas, Dr. Eudoro, ponderou Gervásio Tobias, ainda não foi aprovada, nem decretada, nenhuma lei a respeito da reforma agrária.

— Não tem importância. Vamos desapropriar essas terras de qualquer jeito. Se formos esperar que saia a lei da reforma agrária, a coisa vai demorar demasiadamente.

— Creio que teremos grandes dificuldades. Em todo o caso, em que poderei ser útil?

— Existem duas grandes glebas em São João do Bananal. Pertencem a conhecidos latifundiários, chefes políticos da região que até hoje só fizeram explorar aquela pobre gente que vive por lá. O Ministro quer começar por eles. O senhor vai elaborar o decreto das desapropriações. Para isso, o senhor deverá fazer um levantamento local e recolher todos os dados que constam no cartório da cidade, para a minuta do decreto presidencial.

— E que destino daremos a essas terras?

— Os latifúndios deverão ser loteados em áreas de quatro a dez hectares, para pequenas propriedades. Um terço desses lotes deve ser reservado para distribuição pessoal pelo Sr. Ministro para pessoas de sua indicação. Os outros dois terços deverão ser sorteados para posseiros que se inscreverem no sindicato rural e que se comprometerem a apoiar a reforma agrária do Governo.

Poucos dias depois dessa entrevista com Eudoro Real, o Diretor do COPRA, acompanhado pelo jornalista Carlos Passos e mais dois funcionários, deslocou-se para São João do Bananal, a fim de cumprir a missão. Desde o momento em que o automóvel chegava à entrada da pequena cidade, a comissão da reforma agrária percebeu uma indisfarçável hostilidade. Teve de remover, a duras penas, um bloqueio de estrada. Era um pesado tronco, atravancando o caminho, tendo um cartaz afixado no qual se lia: "Fora COPRA".

À medida que o carro percorria as ruas poeirentas de barro vermelho, à procura de um hotel habitável, os quatro

forasteiros sentiam que as pessoas os olhavam silenciosamente, com um misto de rancor e desconfiança. No largo da matriz, uma faixa repetia o dístico: "Fora COPRA".

— Não estou gostando nada disso, falou preocupado Gervásio Tobias. O prefeito deveria vir receber-me. E não vejo ninguém.

Apearam defronte de uma espelunca intitulada significativamente Hotel Harmonia. Logo foram cercados por ruidoso grupo de meninos que disputavam o transporte da bagagem. Durante as confabulações na portaria do hotel, reclamando as melhores acomodações, Carlos Passos verificou que a sua mala havia desaparecido. O fato ocasionou a maior confusão, sem qualquer resultado mais prático do que a decepcionante conclusão de ter o jornalista ficado apenas com a roupa do corpo. Convocada, a polícia que se resumia a um cabo e a um soldado prometeu tomar severas providências, desde que o lesado comparecesse à delegacia para formalizar a queixa.

Gervásio Tobias encomendou ao dono do hotel um ramo de flores para a esposa do prefeito, no intuito de aliviar a tensão ambiente. Resolveu dirigir-se imediatamente ao cartório para tornar a sua permanência na cidade a mais breve possível.

Fazia um calor intenso. Na sala exígua do cartório havia apenas um funcionário que cochilava na mesa de trabalho. Atendeu à comissão bocejando de sono. O tabelião estava viajando, e ele, que apenas cuidava da limpeza, não tinha idéia de nada.

Gervásio Tobias e seus companheiros vasculharam o arquivo que lhes foi posto à disposição. Não conseguiram encontrar o registro das fazendas que deviam ser desapropriadas. O funcionário continuava a descansar indiferente. A comissão transpirava na improfícua pesquisa.

Carlos Passos resolveu sair um pouco para beber qualquer coisa. Nas ruas desertas havia um silêncio morno. Encontrou um bar na esquina. Na entrada observou um cartaz: "Fora COPRA". No interior, indivíduos mal-encarados confabulavam em voz baixa. Sentiu-se inseguro e resolveu voltar ao cartório, onde Tobias continuava a busca, sem conseguir seu intento.

— A situação não está boa, disse o jornalista. Vamos ser atacados e massacrados, a qualquer momento. É melhor dar o fora, enquanto é tempo.

Tobias concordou. Os quatro membros da comissão da reforma agrária iam deixando o cartório, quando divisaram, do outro lado da rua, dois sujeitos corpulentos, armados de cacete e com feições de bandoleiros, dirigindo-se para eles, seguramente com suspeitas intenções.

Foi o bastante para que a comissão partisse em desabalada carreira. A vergonhosa fuga só teve fim no Hotel Harmonia, onde os quatro chegaram, quase a um só tempo, transidos de pavor, sujos e suarentos.

— Vou pedir garantias ao delegado, disse Tobias.

— Que garantias, que nada, falou Carlos Passos. Vou é sair daqui, desta cidade desgraçada, o mais depressa possível.

Apanharam rapidamente as malas e tomaram o carro. Mas não puderam sair logo, pois alguém havia esvaziado um dos pneus. Tiveram de trocá-lo.

Quando deixavam a cidade, ouviram ainda espocar disparos e isso lhes incentivou a velocidade do automóvel que sumiu na curva em uma nuvem de poeira vermelha. A primeira operação da reforma agrária havia fracassado.

O episódio ficou conhecido, na crônica de Minas Gerais, como "O incidente de São João do Bananal", descrito por Carlos Passos em vários jornais, que narravam a gloriosa façanha de quatro heróis temerários, enfrentando, de peito aberto, uma população inteira, sedenta de ódio e vingança.

— Cheguei a mandar flores para a mulher do prefeito, disse Gervásio Tobias. Mas aquela gente queria beber o nosso sangue.

— Com flores ou com sangue, faremos a reforma agrária, declarou enfaticamente Carlos Passos. E com esse título preparou um novo artigo para o dia seguinte.

Mas o insucesso da reforma agrária em São João do Bananal não seria o único nos anais do COPRA. Um outro caso surgiu, eclipsando, de certo modo, o traumatismo do incidente.

Eis que apareceu no gabinete do Dr. Gervásio um engenheiro agrônomo, chamado Júlio Hertzog, que oferecia uma grande área de terras, na estrada que liga Magé a um pequeno lugarejo, chamado Casa Branca, para um empreendimento agrário experimental, dentro de um planejamento que ficaria marcado na história da agricultura nacional. Hertzog estendeu sobre a prancheta a planta notável do projeto que consistia na criação de uma imensa cooperativa de pequenos sitiantes, capaz de obscurecer as realizações de Israel no vale do Jordão.

Fizeram-se os reconhecimentos locais. Uma equipe de topógrafos realizou precisas medições, durante vários dias, acampada em Casa Branca. Traçaram-se plantas, demarcando os sítios e chácaras. Houve inscrições para a distribuição dos terrenos, dando-se preferência a pessoas que tivessem condições de utilizar economicamente aquelas terras, como senadores, deputados, altos funcionários e outros, chegando mesmo a ser contemplados alguns secretários e motoristas de altas autoridades. Tudo prometia um desenvolvimento inaudito, se, de repente, não aparecesse o dono real daquela gleba, um fazendeiro de Mato Grosso que interpôs imediata ação na Justiça para invalidar a invasão desautorizada de sua propriedade.

Ficou então comprovado que o tal Dr. Hertzog nada mais era do que um audacioso impostor, identificado na polícia por semelhantes tratantadas.

A desmoralização do COPRA por esses insucessos foi levada ao conhecimento do Partido Comunista, por intermédio do jornalista Carlos Passos, em entrevista pessoal com o Secretário-Geral do Partido. Declarou-se ele desgostoso com suas funções naquela organização e pediu ao Chefe Supremo do PC que intercedesse por ele, junto às autoridades maiores, para obter uma nova posição, como, por exemplo, na assessoria da imprensa do Palácio Presidencial. Ele sabia que, se o Partido postulasse aquela colocação, certamente seria atendido.

Gervásio Tobias foi convocado à presença do Secretário-Geral do PC para esclarecer as acusações que lhe pesavam. Afinal, ele havia sido colocado naquele posto pelo Partido.

Desfez-se o Diretor do COPRA em explicações e protestos de fidelidade ao Partido, declarando-se mesmo disposto a ingressar em seus quadros permanentes. Mas o camarada Chefe do PC lhe assegurou que ele seria muito mais útil como simpatizante do que como membro efetivo da organização.

Aproveitou-se, então, Gervásio Tobias para indagar ao Secretário-Geral se não tinha ele qualquer missão no exterior, na qual pudesse prestar serviços ao Partido, sem os aborrecimentos que lhe traziam os constantes problemas da reforma agrária brasileira.

Vinha Gervásio Tobias pela rua, pensativo, recordando a sua entrevista no Partido, quando se lhe deparou a figura de um velho amigo, companheiro desde os tempos da Universidade. Era o poeta e advogado Joaquim Prado, personagem original de esquerdista teórico, a um só tempo romântico e irreverente, autor de alguns livros sem sucesso. Boêmio inveterado, aliciador de malandros noctívagos que perambulavam pelos botequins da Lapa, Joaquim Prado era o tipo de desencaminhador pernicioso.

Alto e magro, como um permanente subalimentado, tinha um semblante inofensivo, que se transfigurava após algumas doses de bebida, dando-lhe luminosidade no olhar e inspiração literária. Ditava então os seus poemas para algum voluntário que se prontificasse a escrever-lhe os versos criados nas mesas dos bares.

Descendia de ilustre família, uma espécie de ramo decadente de uma genealogia nobre. Esforçaram-se os seus pais em dar-lhe uma boa educação em colégios caros, mas em nenhum se conseguiu dominar a força criadora a jorrar de sua personalidade em manifestações originais que o tornavam indesejável em qualquer estabelecimento cioso de suas tradições.

Era um tipo de simpatizante do Partido Comunista que o próprio Partido gostava de manter à distância, porque mais prejuízos do que benefícios trazia à organização.

Perguntou-lhe Tobias como passava, ofereceu-lhe um café e, durante a palestra, inteirou-se da suprema miséria em que se debatia o intelectual.

— Queres trabalhar comigo?, indagou-lhe Gervásio Tobias.

E ofereceu-lhe um emprego de assessor de relações públicas no COPRA. Afinal, comungava das mesmas idéias e não era justo deixá-lo assim nessa pobreza franciscana.

Não era fácil porém disciplinar um tipo como Joaquim Prado, nos quadros limitados de um emprego público. A sua figura se expandia além das fronteiras da burocracia rotineira. Não respeitava horários, nem normas regulamentares. Logo instituiu um sistema de apostas na repartição, conjugando os jogos de futebol e as corridas de cavalo. Criou um caso amoroso com uma secretária, a quem dedicou vários sonetos lúbricos.

Gervásio Tobias sentiu que a presença de Joaquim no COPRA estava criando problemas tendentes a agravar-se. Em um dia de luminosa inspiração, surgiu-lhe a idéia de enviar o poeta para o interior do País em uma cruzada de propaganda pela reforma agrária. Marcou, em um grande mapa na parede de seu gabinete, o roteiro da caravana do propagandista que levaria alguns auxiliares e passaria pelo menos dois meses fora da sede do COPRA.

Preparou-se a expedição com farto material impresso e recursos audiovisuais, além de preleções escritas.

Tudo indicava que, pela primeira vez, a filosofia da reforma agrária teria um encaminhamento consentâneo, com a orientação e os esclarecimentos da massa campesina, neutralizando a tendência de manter o assunto adstrito às discussões urbanas de elementos leigos na matéria, especializados apenas na chamada "agricultura asfalto".

Assim, com esse espírito, a comissão difusora da reforma agrária chegou a São Francisco do Borracho, no interior do Paraná. No cinema da cidade, Joaquim Prado, o conferencista, enfrentou uma assistência de cerca de oitocentos lavradores. Ao lado do prefeito, do vigário e da diretora do ginásio, iniciou sua palestra definindo a expressão "reforma agrária" desde a sua etimologia latina até a sua atual concepção. Ficou, desde logo, evidenciado que aquela gente hu-

milde que mourejava nos campos de sol a sol nada entendia de reforma agrária, e uma inquietação muito grande se propagou no auditório quando o conferencista declarou que "o latifúndio estava com seus dias contados", pois muita gente não sabia o que era latifúndio.

Durante dois meses a comissão peregrinou por diferentes lugares do interior e, embora como esclarecedora da reforma agrária fosse um completo insucesso, serviu para permitir um contato com elementos do Partido Comunista que atuavam no meio rural, porquanto dois dos membros da equipe eram também membros do Partido, escalados expressamente para tal missão. Esses elementos realizaram minucioso levantamento de todos os sindicatos rurais de uma extensa área, transmitindo diretivas do Partido e recolhendo informes sobre o trabalho partidário no meio camponês.

A conclusão que trouxeram era a de que a principal contradição que existia naquele meio era o contraste entre os latifundiários ricos e os camponeses sem terra e que, por conseguinte, esse deveria ser o ponto mais explorado na propaganda subversiva. Verificaram também que o movimento de Julião estava em profunda discrepância com a opinião do PC, pois tinha como objetivo "sair para a revolução socialista com o campesinato à frente".

Esse relatório constitui a base para um pronunciamento do Comitê Central do Partido que finalizava dizendo: "Em suma, consideramos errôneas ambas as teses defendidas pelo deputado Julião; é pernicioso caracterizar-se como revolução socialista a presente etapa do processo revolucionário brasileiro e igualmente pernicioso negar-se o papel de vanguarda de classe operária."

— Os simpatizantes constituem uma verdadeira frente legal do Partido, dizia G.D., membro do Comitê Central do PC a um companheiro que se queixava das prerrogativas dessas pessoas em detrimento dos comunistas autênticos.

Havia dentro do Partido Comunista vários preconceitos contra essa classe de aliados que só usufruíam vantagens, sem se exporem aos sacrifícios e aos riscos da ação partidária.

— Os simpatizantes, continuou G.D., abrangem uma imensa escala de tipos, desde o ideólogo doutrinário que não

quer a mínima aproximação com o PC, até o colaborador pressuroso que vem aqui receber missões. É verdade que existem numerosos elementos que só pensam em usufruir vantagens, mas há também um grande contingente de abnegados. Não se pode exigir que um simpatizante possua uma formação política completa. Não é necessário que compreenda as bases do marxismo-leninismo. O que se deseja deles é simpatia, boa vontade, condescendência. É o professor que dá melhores notas para os alunos esquerdistas. É o juiz que absolve nossos camaradas. É o empresário ou a autoridade que emprega nossos elementos, sem indagar-lhes a sua ideologia ou o seu passado. É o delegado que protege nossas reuniões e nossos comícios. É o político que apresenta projetos de lei de acordo com nossa política. É o funcionário que nos envia informações. É o bancário que facilita empréstimos para nosso pessoal. É o padre que realiza sermões socialistas. É, enfim, todo esse contingente de pessoas que, interessada ou desinteressadamente, nos ajuda a cumprir nossas missões partidárias.

E concluiu:

— Temos que tratar os simpatizantes com simpatia.

Estava Gervásio Tobias folheando o relatório que Joaquim Prado lhe apresentara, descrevendo a "expedição da reforma agrária" como um inexcedível sucesso, quando a secretária veio dizer-lhe que um tal de Honório Avelino desejava falar-lhe. Gervásio pensou um pouco.

— Diga-lhe que espere um pouco.

Conhecia Honório há longa data. Pensavam de modo diverso, conquanto fossem amigos. Porque Honório era um terrível reacionário, um anticomunista de quatro costados, extremamente religioso e conservador. O que desejaria ele?

Após quinze minutos de meditação, pensando no diálogo que manteria com o outro, mandou-o entrar.

Honório vinha com feições deprimidas. Estava abatido e magro.

— Vim aqui, meu caro amigo, disse ele, apelar para tua boa vontade, como um amigo.

— Mas o que houve?, indagou Gervásio.

— Fui aposentado dos Correios e Telégrafos. A diretoria é toda de comunistas. Criaram um ambiente de tal hostilidade, que fui obrigado a pedir aposentadoria. Com os magros vencimentos de aposentado, estou na miséria, depois de trinta anos de serviço dedicados e pontuais.

— Isso é uma injustiça, disse Gervásio.

— Queria perguntar se você não me poderia conseguir um modesto "bico", aqui, em tua organização, para ajudar minha sobrevivência.

Gervásio Tobias abanou a cabeça.

— Infelizmente, não é possível agora. Nosso quadro de efetivos está completo. Em todo o caso, deixa comigo teu endereço. Se aparecer qualquer oportunidade, mandar-te-ei avisar.

Honório agradeceu com humildade. Conversaram um pouco sobre assuntos banais.

Depois que o amigo saiu, Gervásio pensou: "Que seria de mim se eu admitisse aqui no COPRA um reacionário anticomunista?"

Depois da Revolução de 1964, o COPRA foi extinto. Houve um inquérito sobre as atividades da organização, mas não chegou a ser considerado na Justiça. O relator alegou deficiência de provas. Na realidade lera perfunctoriamente o relatório e verificara que havia muita gente importante envolvida no caso.

Gervásio Tobias foi removido para um posto secundário no Ministério, e Carlos Passos continuou trabalhando na imprensa da oposição. Todos os fatos ligados à ação do COPRA foram se esmaecendo na memória das pessoas, com o decorrer dos anos. Os simpatizantes do Partido Comunista encolheram-se, procurando mascarar suas ligações com o PC, preferindo apresentar-se como antipatizantes do regime revolucionário.

Alguns anos depois, o jornalista Carlos Passos voltou a assinar seus artigos, advogando o afrouxamento político, a conciliação e a adoção em nosso País de um modelo democrático ainda inédito no mundo, mas que, segundo um analista que o estudou, era um misto entre os sistemas adotados pelos pigmeus africanos e os esquimós das Groenlândia.

Gervásio Tobias demonstrava grande capacidade de re-

cuperação. Foi paulatinamente reconquistando as posições perdidas, naturalmente à custa de muita adulação e pusilanimidade. Mas ele considerava isto como um inevitável sacrifício pela causa que denominava de "processo de ressurreição". Quando conseguiu uma colocação no gabinete do Diretor-Geral, iniciou o reaproveitamento de seus antigos auxiliares do COPRA.

Certo dia, procurou-o seu velho amigo Honório Avelino.

— Como vamos?, perguntou-lhe. Resolveu sua situação?

— Que nada! Continuo aposentado e em sérias dificuldades financeiras.

— É pena, disse Gervásio com ar contristado. Se fosse antigamente, poderia ajudar-te. Mas, agora, a Revolução instaurou dispositivos de contenção e não podemos admitir ninguém. Não podemos abrir exceções. Sei que vou perder amigos, mas não podemos abrir uma brecha nos princípios revolucionários de 1964.

E estendeu a mão a Honório Avelino, como se o convidasse a sair.

Logo em seguida, Carlos Pasos entrou-lhe no confortável gabinete.

— O sujeito que saiu, disse ao chegar, parece que já o vi em algum lugar.

— Na certa, confirmou Tobias. Era o Honório Avelino, um anticomunista de quatro costados, um radical. Veio pedir emprego. Se o coloco aqui ele vai descobrir comunismo até no ar que estamos respirando. Naquela época em que eu estava chefiando o COPRA, ele vivia conspirando pra derrubar o governo. Agora vem se queixar da sorte.

— São os tais revolucionários. Eles não queriam isso? Agora agüentem. Como dizia Machado de Assis: "Aos vencedores, as batatas!" Nós podemos parodiar: "Aos revolucionários, as pelancas!"

— Muito boa, Passos. Você é um gênio. Aos revolucionários, as pelancas! Muito bem sacado. Aos revolucionários, as pelancas!

E saíram para o almoço no Clube, rindo sob a ressonância mental do malicioso aforismo que lhes inspirara a dignidade da figura do anticomunista: "Aos revolucionários, as pelancas!."

VII – OS CONTESTADORES

Contestar é seguramente uma forma de demolir. A contestação é um processo muito usado ou incentivado pelos comunistas para abalar e desmoralizar as instituições vigentes.

Massas de constestadores, principalmente formadas por jovens estudantes ou operários, exacerbadas em torno de idéias e reivindicações, fermentadas pela insatisfação, pela suspeita e pela incompreensão em relação aos pais, aos professores, aos chefes e às autoridades legais, constituem o imenso exército manipulado em movimentos de vandalismo e autodestruição masoquista.

Essas agitações coletivas que se propagam pelo mundo inteiro obedecem a planejamentos, em geral despercebidos por seus participantes, cujo fanatismo é orientado sobre objetivos que só servem aos bolchevistas, mas que nada representam de proveitoso para os que por eles se sacrificam.

Os marxistas-leninistas consideram que não existe revolução espontânea. Como dizia Stalin: "A vitória da revolução nunca virá por si mesma. É preciso prepará-la e conquistá-la."

E a contestação é o primeiro passo no preparo da revolução comunista.

Os contestadores são, em sua maioria, comunistas e não comunistas que auxiliam o Partido Comunista através de sua ação negativista ou destrutiva, investindo sistematicamente contra os valores e as instituições tradicionais.

Depois que deixou o Exército ativo, o Coronel Alberto Hinds dedicou-se exclusivamente a estudos psicológicos. Durante seus trinta e oito anos de excelentes serviços, nas funções militares, acumulara um vasto cabedal de observações valiosas. Agora, na cômoda tranqüilidade de sua residência em Cabo Frio, coordenava fatos e conclusões, dentro do projeto global que se impusera visando a sugerir rumos para a educação da juventude brasileira, considerando os aspectos essencialmente peculiares do caráter nacional. Pretendia elaborar um trabalho solidamente alicerçado.

Naquela manhã de julho de 1973, estava escrevendo algumas notas em sua secretária, quando sua esposa o interrompeu para dizer que um cidadão, de nome Deodato Marcos, desejava falar com ele. O Coronel tinha uma idéia da pessoa, que lhe fora apresentada há anos, em algum lugar.

Deodato o esperava na varanda. Era um cidadão alto, de cabelos grisalhos, rosto simpático e uma atitude de discreta dignidade.

– Perdoe-me incomodá-lo, Coronel, disse, estendendo a mão. Vim a Cabo Frio especialmente para falar com o senhor. Tenho acompanhado de longa data a sua carreira e seus trabalhos. Desejava pedir-lhe uma orientação.

– Agradeço a distinção de sua confiança, respondeu o oficial. Se estiver a meu alcance, será um grande prazer auxiliá-lo. Por favor, sentemo-nos. Está bem aqui?

– Perfeitamente.

Sentaram-se na larga varanda que os gerânios floridos

tornavam um dos recantos mais aprazíveis da casa. Dona Marta, a esposa do Coronel, serviu uma xícara de café e logo retirou-se.

— Não sei se o senhor se recorda do dia em que nos conhecemos, disse Deodato. Sou um industrial, dono de uma pequena fábrica de papel. Estivemos juntos em 1964, na casa do Dr. Abelardo Fraga, na preparação do movimento revolucionário de 31 de março.

— Sim, agora recordo-me exatamente. Lembro-me de que o senhor colocou todos os recursos da fábrica a nossa disposição. Felizmente, não tivemos necessidade de lançar mão deles.

— É verdade. Naquela época admirei o seu trabalho, a sua energia e seu caráter decidido. Tenho lido vários artigos seus, particularmente os que têm encarado o problema de nossa juventude. E foi essa leitura que me trouxe aqui para consultá-lo sobre um caso pessoal.

— Tenho procurado estudar esses assuntos e dar minha modesta contribuição a esse fenômeno que interessa a todos os nossos homens de responsabilidade. Mas, qual é o caso que o preocupa?

— É sobre meu filho. Chama-se Henrique. É um rapaz de dezoito anos, forte, boa saúde, bom caráter. Muito crédulo e bem intencionado. De uns dois anos para cá tem sido envolvido, na Universidade, por péssimos elementos. Tornou-se contestador. Adquiriu um pessimismo latente. Para ele, tudo está errado. Os professores são uns incapazes. O Governo é uma oligarquia de opressores. Não existe liberdade. O povo é explorado por empresários desumanos. Considera que a única saída para a sociedade é a adoção de um sistema político inteiramente novo. Não gosta de discutir comigo. Acha que estou completamente ultrapassado.

— Essa mentalidade é o resultado de um trabalho de doutrinação a que vem sendo submetida a nossa mocidade, despercebida de que está sofrendo uma tremenda exploração.

— Há poucos dias, Henrique declarou-me que recebeu um convite para comparecer ao 10.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes Comunistas, em Berlim Oriental.

O lema do festival é "Por uma solidariedade antiimperialista pela paz e pela amizade". O objetivo é unir jovens do mundo inteiro, para integrá-los no sistema socialista, composto de Estados "firmemente unidos em torno da União Soviética", incentivando-os à luta "contra o imperialismo, principal inimigo da humanidade". Ele terá passagem e estada paga. Recebeu material de propaganda, livros e panfletos, onde aparece a juventude comunista, entre sorrisos e flores, demonstrando uma felicidade exuberante.

Deodato interrompeu-se por uns momentos e perguntou:

— E agora que devo fazer? O senhor conhece esse assunto profundamente, Coronel. Tenho certeza de que me dará um bom conselho.

O Coronel Alberto pensou um pouco e, sorrindo, declarou:

— Vou dizer-lhe o que faria no seu caso. Deixá-lo-ia ir.

— Deixá-lo ir? Isso não havia passado por minha cabeça.

— Pois, a meu ver, é a melhor solução.

— Como assim?

— Se o senhor o retivesse aqui, o rapaz ficaria sempre sonhando o paraíso que ele tem na imaginação. Indo, ele conhecerá a realidade.

— Mas é uma realidade programada. Os comunistas terão naturalmente todo o interesse em iludir a juventude.

— É verdade. Mas, ainda assim, vale a pena correr o risco. Indo ao festival ainda existirá a possibilidade de que ele perceba a verdade das coisas. Não indo, jamais haverá essa possibilidade. Ele será uma eterna vítima da mentira.

— Creio que o senhor tem razão, Coronel. Como o senhor diz, vamos correr o risco. Ou o recuperaremos, ou o perderemos definitivamente.

Deodato Marcos levantou-se. O Coronel abraçou-o.

— Espero revê-lo daqui a algum tempo, com uma boa notícia.

— Se Deus quiser, disse Deodato.

Despediu-se do Coronel e da esposa deste. E retirou-se.

Henrique Marcos compareceu à reunião do grupo de estudantes que articulavam uma greve de protesto contra o

Decreto-lei n.º 477 e contra a proibição de tratar de assuntos políticos dentro da Universidade.

Havia vários esquerdistas entre os alunos. Os debates tumultuavam-se, por vezes. Não se chegava a uma conclusão, em virtude da grande variedade de opiniões.

No momento em que Henrique entrou no recinto, falava o comunista Manuel Pilar, um dos líderes do movimento.

— A área estudantil está sendo oprimida como nunca, dizia o orador. Não podemos aceitar essa ingerência do Estado em nossas atividades. Isso é fascismo. Como poderemos formar a elite que vai governar este país, se dentro da Universidade não nos é lícito praticar o debate político?

— Querem criar uma geração de tecnocratas submissos, "vaquinhas de presépio", declarou um estudante.

— Tudo isso começou, continuou Manuel Pilar, depois da famigerada Revolução de 1964. A pretexto de que o Brasil estava vivendo uma crise de anarquia econômica e falta de autoridade, lançaram sobre a mocidade todo o peso das restrições. Ora, nós é quem somos os menos culpados daquela situação. Nem queremos saber o que aconteceu. Não nos interessa. O que pretendemos é uma Universidade que, além de ser uma organização de ensino, seja um local de formação e mobilização da elite política da Nação. Se essa elite não se formar aqui, onde se vai formar? Nos botequins ou nos restaurantes? Nas esquinas ou nas praias? Nos campos de futebol ou nas escolas de samba?

— Acho que a elite vai se formar nas academias militares, disse ironicamente outro aparteante.

— As autoridades não permitem a política na Universidade, prosseguiu o orador, porque têm medo que o estudante influencie a política.

Vários aplausos apoiaram essa figura literária.

— Tive conhecimento, declarou Henrique Marcos, de que, nos países socialistas, os assuntos políticos são obrigatórios, e de que esses assuntos, muitas vezes, superam, em número de horas, os próprios assuntos acadêmicos.

— Exatamente, confirmou Manuel Pilar. Nesses países socialistas, como, por exemplo, na União Soviética, o ensino é livre. Há uma liberdade consciente. Nessas condições, a

motivação política é um fator primordial de incentivo das atividades estudantis.

— O homem é um animal político, já dizia Aristóteles, falou Henrique.

— É preciso democratizar o ensino. E para democratizar o ensino temos que, em primeiro lugar, democratizar a Universidade, derrubando o Decreto-lei n.º 477.

— Um momento, pediu Henrique. Tenho ouvido muita gente atacar o 477. Há vários professores e estudantes que defendem o 477. Agora, vocês dizem que devemos pô-lo abaixo. Mas confesso que, até hoje, não sei o que diz o 477. Gostaria que o companheiro analisasse para nós o texto desse Decreto.

— Não há necessidade de analisar o 477, respondeu Pilar, para concluir que deve ser derrubado. Foi um decreto que nasceu da repressão. Seja qual for o seu texto, será sempre um instrumento da repressão.

— Mas, por que você não quer analisar o 477? Como se pode condenar uma coisa sem analisá-la? Pode ser que você esteja com a razão. Mas gostaria de poder declarar que estou condenando conscientemente esse decreto.

— Eu nunca li o Decreto 477, confessou Manuel Pilar. Nem quero lê-lo. É um instrumento de opressão do estudante. Basta que esteja consciente disso para lutar contra ele.

— Já que você nunca leu o 477, disse Henrique, talvez aqui nesta sala algum outro companheiro que o tenha lido possa esclarecer.

O silêncio que se seguiu demonstrou que nenhum dos presentes conhecia o texto do Decreto-lei n.º 477.

Henrique sorriu e declarou:

— O que me admira é estarmos nós a discutir uma coisa que não conhecemos.

— O que interessa, disse Pilar, não é conhecer o Decreto, mas sim derrubá-lo. Essa é a premissa.

— Perdoe-me o prezado companheiro, mas não concordo, disse Henrique. Essa premissa é uma arbitrariedade. E nós estamos aqui justamente condenando as arbitrariedades.

— Você está defendendo o Decreto.

— Absolutamente. Nem estou defendendo, nem atacando. Apenas, para não fazermos papel ridículo diante das

autoridades, acho que, em primeiro lugar, devemos estudar o assunto, para depois discuti-lo com base razoável.

Nesse momento, o ambiente se agitou. Havia partidários de ambos os interlocutores. A discussão se generalizou.

Henrique retirou-se da sala. Descia as escadas para o jardim da Universidade, quando uma colega o chamou. Era Rosa Maria, uma jovem que participara da reunião. Henrique sentia por ela uma afeição especial. Não sabia se era amor, mas a verdade é que o seu rosto gracioso e a sua personalidade cativante já há muito se tinham fixado em seu pensamento.

— Você estava exaltado, disse Rosa.

— Não, não estava. Acho que devemos ter bom senso. É isso que falta a esses pretensos líderes. Os comunistas têm a mania de liderar todos nós. Ficam fanatizados por uma idéia. Eu não sou assim. Só acredito naquilo que se baseia na razão.

— Acho que os comunistas têm que agir assim. Eles recebem a palavra-de-ordem do Partido. É necessário disciplina na ação partidária. Você talvez não compreenda isso. Mas o Partido Comunista precisa de disciplina para sobreviver.

— Sim, compreendo que os comunistas sejam disciplinados. Mas disciplina não é subserviência. Aprecio, nos comunistas, o seu espírito de luta. Acho que muitos são idealistas. Eu não sou um comunista, embora esteja de acordo com eles em muitas coisas.

— Afinal, como você se classificaria? Sei que você tem muitas idéias esquerdistas.

— Eu sou apenas um rebelde, um inconformado. Acho que há muita coisa errada. Na verdade, não sei exatamente o que é certo.

— Você acredita em Deus?

— Se lhe dissesse que sim ou que não, estaria mentindo. Não posso acreditar, mas também não posso deixar de acreditar. Desejo apenas que se Deus existe, possa eu um dia ter uma prova de sua existência.

— Você é admirável, disse ela num sorriso. Até outro dia.

E afastou-se graciosamente em direção à Biblioteca da Faculdade.

Manuel Pilar e Rosa Maria discutiam algumas idéias sobre o convite que acabava de chegar às suas mãos, através da Seção de Relações Exteriores do Partido Comunista.

— O Partido nos pede que indiquemos dois representantes de nossa Faculdade para o 10.º Festival da Juventude, em Berlim Oriental, disse Manuel. A delegação terá representantes de várias faculdades.

— O Partido está sempre nos pedindo gente, respondeu ela. Eles não sabem como isso nos atrapalha.

— Quem você mandaria?, indagou Manuel.

— É preciso que não sejam comunistas fichados, pois, do contrário, não chegariam a embarcar.

— Dê uma sugestão.

— O pior não é a sugestão. É preciso indicar pessoas que aceitem a missão e que não nos tragam problemas.

— Isso é evidente.

— Eu indicaria Henrique Marcos como um dos representantes.

— Mas Henrique não é comunista.

— Sim, ainda não é um comunista, disse ela sublinhando o "ainda". Mas está no limiar. O Festival será decisivo para ele. E como não é comunista, não nos comprometerá.

— Acho que você tem razão. Mas será que você só o está indicando por isso?

— Não há dúvida de que gosto muito do Henrique. Chego mesmo a pensar que o estou influenciando com meu amor.

— Rosa Maria, você é uma flor delicada. Henrique é um rebelde. Acho que vocês dois nunca se acertarão.

— Eu gosto dele, mas jamais desejaria usar a minha afeição para convertê-lo ao comunismo. Se um dia sentir que estou misturando idéias e sentimento, então nunca mais quero vê-lo.

— Está bem, disse Manuel Pilar. Henrique irá a Berlim. Tenho um pressentimento de que será um insucesso.

— Por que diz isso?

— Não sei, Rosa Maria. Sou um comunista supersticioso. Você já viu uma coisa assim?

— Algo também me diz que você está certo, disse ela, sorrindo.

A pequena representação brasileira ao 10.º Festival da Juventude desembarcou em Paris no dia 23 de julho. Eram alguns rapazes e moças que iam aparentemente em viagem de turismo à França e à Alemanha. Ao grupo se associaram vários elementos comunistas que estavam exilados na França, inclusive dois velhos militantes do Partido Comunista, cujos cabelos grisalhos não se coadunavam bem com uma representação a um Festival da Juventude.

Henrique admirava a paisagem européia no ônibus que os levava através da França, em direção a Berlim. As pequenas cidades francesas da Lorena e da Alsácia causavam-lhe uma impressão estranhamente agradável de que seria delicioso viver-se em lugares assim. Pouco depois de Estrasburgo, o ônibus estacou. Era a fronteira com a Alemanha Ocidental. Rapidamente atendidas as formalidades, sem mesmo necessidade de que descessem os passageiros, o veículo prosseguiu a viagem.

Algumas horas depois chegaram à fronteira da República Democrática Alemã. Henrique teve aí a sua primeira desilusão. Esperava que uma receptiva comissão os viesse acolher. Mas isso não aconteceu. Um guarda mal-encarado entrou no ônibus e determinou rudemente que descessem todos. Levaram-nos como um rebanho para uma sala, onde foram revistados. A bagagem foi minuciosamente vasculhada. Os que tinham máquinas fotográficas receberam ordem para inutilizar os filmes na frente dos guardas. O ônibus foi também inspecionado demoradamente. Um passageiro não foi liberado para prosseguir viagem e teve que retornar. Descobriram, em sua bagagem, um exemplar da Bíblia.

Depois de duas horas perdidas em longas verificações, o ônibus partiu com uma nova guarnição. Henrique percebeu nitidamente o contraste do desenvolvimento entre as duas Alemanhas. A superioridade da Alemanha Ocidental era evidente.

Desde que entrou na Alemanha Oriental, o ônibus só parava para ser inspecionado pela polícia, o que aconteceu inúmeras vezes. Os guardas eram ríspidos e ameaçadores. Olhavam os passageiros com ar de superioridade, como se estivessem diante de animais. Henrique já se sentia arrependido de ter vindo a esse Festival. Os seus companheiros comunistas, entretanto, enfrentavam essas brutalidades com uma subserviência ridícula, sorrindo e tentando cativar os guardas estúpidos.

Quando chegaram a Berlim, os brasileiros foram encaminhados para um alojamento improvisado em uma escola primária, cujos alunos estavam em férias naquele período. Não havia separação de sexo nos alojamentos que acomodavam várias delegações. No mesmo edifício dessa escola encontravam-se as delegações de Camboja, de Bangladesh, do Quênia e da Argélia. Parece que o Comitê de Organização tivera o cuidado de separar os países que falavam línguas semelhantes.

Um funcionário russo informou aos componentes da delegação brasileira que não poderiam deixar o local, a não ser quando se deslocassem para os centros de reunião, acompanhados de membros designados do Comitê da Organização. Havia um programa de trabalho para toda a semana, do dia 28 de julho a 5 de agosto, comportando várias sessões em um local denominado Centro Internacional de Solidariedade, um concurso de canções políticas e o ato final de encerramento na Praça Marx-Engels. A maior parte das sessões seria dedicada à constituição de um Grande Tribunal onde seriam apresentados e julgados "crimes do imperialismo".

Henrique sentia uma grande depressão que lhe invadia a alma. Uma jovem brasileira aproximou-se dele e perguntou:

— Então, que é que há com você? Está doente?

— Não, contestou Henrique.

— Estou notando que você está abatido.

— Estou com um pouco de dor de cabeça.

— Está gostando disto aqui?

— Mais ou menos. E você?

— Eu nem sei. Sabe, estou longe do Brasil há mais de dois anos. Fugi de lá para não ser presa, pois a polícia andava a minha procura. Eu pertencia a um grupo subversivo. Assaltamos vários bancos.

Henrique admirou-se da tranqüilidade com que a moça declarava suas atividades.

— Como se chama você?, perguntou.

— Isabel, respondeu ela.

— Isabel, você não sente saudades do Brasil?

— Sei lá. Já estou me acostumando. E depois não adianta.

— Você não acha que estamos sem liberdade aqui?

— Você vai ver. Nos países socialistas, tudo é programado. A própria liberdade é programada.

Nessa tarde vários rapazes russos estiveram no alojamento. Vieram confraternizar-se com os brasileiros. Tinham algum conhecimento de português. Pertenciam à organização da juventude soviética denominada Konsomol. Um deles aproximou-se de Henrique:

— Como vai, amigo?, perguntou.

Henrique notou que ele não tinha o tipo eslavo, como os demais. Era moreno, cabelos pretos e rosto comprido.

— Vou bem, respondeu. De onde você é?

— Nasci na Ucrânia. Chamo-me Nicolai Petrenko. Tenho dezenove anos e estudo Engenharia. Você é Henrique Marcos?

— Sim, sou do Rio de Janeiro. Estudo Psicologia. Você é do Partido Comunista da União Soviética?

— Não. Tenho esperança de um dia poder entrar para o Partido. Mas não é fácil. Por enquanto estou na Konsomol.

— Quando vai concluir seu curso?

— No ano que vem.

— Que tal o curso de Engenharia?

Nicolai pensou um instante.

— O curso é bom. Seria melhor se não tivesse tanto tempo dedicado à política. Vocês discutem assuntos políticos na Faculdade?

— Não. No Brasil, é proibido falar de política nas escolas.

— Quer dizer que não tratam de política nas escolas brasileiras?

— Não.

— E vocês ficam satisfeitos?

— Não.

— Quer dizer que preferiam gastar tempo em assuntos políticos?

— Sim.

— Pois na União Soviética é o contrário. Os professores e os estudantes gostariam que tivéssemos mais assuntos acadêmicos e menos política. E que fazem vocês quando terminam os cursos?

— Arranjamos um emprego e vamos trabalhar na profissão em que nos formamos.

— Não são obrigados a trabalhar como operários ou lavradores?

— Não.

— Bem, na União Soviética, nós, depois de terminarmos o curso universitário, somos obrigados a trabalhar três anos nas fábricas ou no campo, para compensar o que o Estado gastou conosco.

Nesse momento, um elemento do grupo de soviéticos convocou os demais para se retirarem.

— Boa tarde, Henrique, disse Nicolai. Gostei de nossa conversa.

— Boa tarde, Nicolai.

Henrique ficou a meditar sobre a palestra com Nicolai. Ele lhe dissera claramente que os estudantes soviéticos abominavam a interferência da política em detrimento dos assuntos acadêmicos nas escolas. Lembrou-se de que esse problema era matéria para intensas dicussões entre os estudantes brasileiros. Achou curioso o contraste do pensamento dos comunistas no Brasil e nos países socialistas.

Começou a refletir sobre a constante impregnação mental que os comunistas realizavam sobre os jovens estudantes, conduzindo-os naturalmente para o caminho da contestação, como um rebanho orientado para a entrada do curral. Uma vez lá dentro, fechava-se a porteira da imaginação e o rebanho nada mais podia fazer do que permanecer no estreito espaço do cercado.

Lembrava-se de que tivera várias discussões sérias, mas eles tinham uma dialética preparada, argumentos convincentes, difíceis de rebater. E ele foi sendo conduzido como um nadador que deseja enfrentar a corrente, mas que acaba se entregando a ela, deixando-se levar inapelavelmente.

Não se considerava ainda um comunista convicto. Mas sentia que estava prestes a submeter-se à corrente. E esse

comparecimento ao Festival era uma prova disso. Estava entregando-se.

Olhou em torno. No alojamento, os brasileiros conversavam em um grupo. Os dois líderes do PC estavam no meio deles. Que tinham esses homens com o Festival da Juventude? Eles davam instruções ao pessoal. Um dos dois aproximou-se dele.

— Ei, rapaz!, disse o comunista. Você anda arredio. Que é que há? Não está satisfeito, por acaso?

— Não gosto de você, respondeu Henrique.

E virou-lhe as costas.

No dia seguinte, após o café, os jovens foram convocados para tirar fotografias. O fotógrafo fazia questão que todos saíssem sorrindo. Para conseguir isso, um auxiliar vestido de palhaço fazia umas gaiatices no momento de bater a chapa. Misturava-se o pessoal das diversas delegações para dar uma impressão de confraternização. Tirada a fotografia, porém, os grupos se separavam.

Foram levados para os ônibus que os aguardavam no portão da escola. Desembarcaram no edifício em que se localizava o grande anfiteatro denominado Centro Internacional de Solidariedade. A confusão era grande. Havia os setores de cada delegação, mas existiam dificuldades para identificar-se esses locais. No palco, uma grande mesa, tendo no fundo as bandeiras de todas as nações participantes. Um grande retrato de Lenine encimava a cortina vermelha. As autoridades ocuparam os seus assentos e começaram os discursos que se prolongaram durante todo o dia, com um intervalo para o almoço, servido num pátio de estacionamento, junto do edifício.

Henrique não entendeu nada, pois os oradores, na maioria alemães e soviéticos, falavam em suas línguas e não havia tradução.

Retornaram ao entardecer para o alojamento.

À noite, os brasileiros foram convocados para uma palestra com um professor soviético. Foram reunidos em uma sala de aula. O professor era um cidadão de barba e óculos, com rosto inexpressivo. Falava baixo e em espanhol.

Começou dizendo que a Revolução Bolchevista tinha como um de seus objetivos principais criar um Homem Novo, um homem livre dos defeitos de formação das criaturas

engendradas nos regimes imperialistas. Seria um homem isento de individualismo, inteiramente convicto de seu papel social dentro da comunidade, um homem que colocava o interesse coletivo acima de tudo. Para isso a juventude era educada em um ambiente onde os fatores econômicos e sociais favorecem o coletivismo. A Konsomol soviética, como outras organizações semelhantes nos países socialistas, constituía o padrão para a formação desse Homem Novo. Essa organização desenvolvia modelos rígidos de conduta social e estabelecia medidas punitivas para os que revelassem falhas de caráter e transgressões de conduta. Essas punições variavam desde as repreensões em público até a condenação a trabalhos no campo, durante determinados períodos de tempo.

Henrique recordou-se de que certa vez havia tomado parte em um protesto, em virtude de alguns estudantes terem sido suspensos por conduta inconveniente. O que dizer do regime em que os rapazes podiam ser degradados publicamente ou condenados a trabalhos forçados por transgressões disciplinares?

Nessa noite, estava ainda acordado em seu leito, quando alguém chegou junto dele e o chamou. Era Nicolai.

Henrique vestiu-se rapidamente e saiu. Nicolai esperava-o. Dirigiram-se a uma sala nos fundos da escola. O russo trancou a porta. Estava um pouco nervoso.

— Preciso falar com você. Gostaria que me contasse algo sobre a vida no Brasil. Os estudantes podem cursar o que desejam ou são obrigados a estudar o que o Estado lhes determina?

— A escolha da Faculdade é livre. Há, naturalmente, um exame vestibular para a seleção dos estudantes, dentro das vagas existentes.

— Na União Soviética, o estudo não é livre. O estudante é induzido a estudar o assunto que interessa ao Estado. Existe ainda uma série de dificuldades. Os gerentes nas indústrias não gostam de aceitar, como empregados, os estudantes jovens, pois, como a eficiência desses gerentes é medida em termos de produção, procuram evitar a admissão de gente sem experiência que, além disso, é obrigada a reservar parte do tempo de trabalho para estudar.

— Mas você não pertence à Konsomol?

— A Konsomol é uma organização privilegiada. Mas muita gente abandona-a por aborrecimento ou insatisfação. Na verdade, quem não pertence à Konsomol sofre restrições e, para quem for expulso dela, é ainda pior: passa a ser perseguido. Vocês têm alguma organização semelhante no Brasil ?

— Não. Tivemos a União Nacional de Estudantes, mas era uma organização política de mobilização de massa. Não tinha aspecto social.

— Tenho a impressão de que vocês estudam em melhores condições de liberdade do que nós.

— No entanto, no Brasil os estudantes se queixam de falta de liberdade.

— Eles não conhecem o ensino nos países socialistas. Por favor, não revele a ninguém o que conversamos aqui. Se soubessem, eu seria expulso da Konsomol, e punido severamente.

Nicolai abaixou a voz.

— Henrique, continuou o soviético, tenho confiança em você. Sei que é um rapaz sério. Gostaria de confiar-lhe uma carta para um parente meu que vive no Brasil. Assim que soube da vinda dos brasileiros, pensei em escrever essa carta. Mas não confio nos camaradas comunistas. Tenho um tio que foi para o Brasil em 1945. Era irmão do meu pai. Foi aprisionado pelos alemães durante a guerra. Quando os aliados libertaram os prisioneiros, ele conseguiu ir para a França. Mas não querendo permanecer aí, com receio de ser recambiado para a União Soviética, fugiu para o Brasil, onde vive hoje. Estou há anos esperando a oportunidade de escrever-lhe, mas receio que as autoridades do meu país interceptem minha carta.

— Pode confiar em mim. Farei tudo para entregar a sua carta.

Nicolai tirou do bolso um envelope que o outro guardou rapidamente.

— Por motivos de segurança, não assinei, nem coloquei o nome do destinatário. Peço a você que faça todo o possível para que essa carta não caia em mãos das autoridades dos países comunistas. Quando chegar ao Brasil, abra o envelope e leia a carta, antes de entregá-la. Gostaria que você soubesse o que digo aí.

— A quem devo entregar a carta?

— Meu tio chama-se Alexandre Nifichita. Mora no Rio de Janeiro. Não conheço o endereço exato. Você terá de localizá-lo.

— Penso que não será difícil, assegurou Henrique. Pode ficar certo de que essa carta será entregue.

— Muito obrigado, brasileiro, disse Nicolai. Seja muito feliz. Adeus.

Nicolai abriu a porta e desapareceu rapidamente.

No dia seguinte, foi instalado no auditório do Centro Internacional de Solidariedade o chamado Grande Tribunal para acusação e julgamento dos "crimes do imperialismo". Formou-se um corpo de jurados com membros de todas as delegações. O representante brasileiro era um comunista exilado na Argélia, que havia conseguido fugir do Brasil como parte do resgate exigido durante o seqüestro de um embaixador norte-americano. Estava envolvido em vários assaltos a mão armada e no assassinato de um oficial estrangeiro. Assim como ele, quase todos os representantes ocidentais do corpo de jurados eram elementos evadidos de seus países de origem por envolvimentos criminosos. Henrique fez essa observação, estranhando que esses fossem justamente designados como juízes.

As acusações iniciaram-se com a representação norte-americana que expôs os problemas do racismo, da máfia, da corrupção política, do militarismo, da corrida armamentista, da guerra bacteriológica e outras ações de que era responsabilizada a elite dominante nos Estados Unidos.

Henrique estava chocado. Lá estavam Angela Davis e muitos outros americanos, assistindo sorridentes ao enxovalhamento de sua pátria, apontada como o mais hediondo centro de criminosos da humanidade.

À tarde, o representante brasileiro foi convocado para fazer sua exposição. Declarou que ia mostrar três filmes que comprovavam os crimes do "fascismo brasileiro". As três produções exibidas foram intituladas: "Não é hora de chorar", sobre as "torturas" policiais; "Os estudantes", sobre a rebelião estudantil; "A ameaça brasileira", sobre o "expan-

sionismo" brasileiro contra os países vizinhos. Henrique percebeu que eram filmes forjados, produzidos fora do Brasil, possivelmente na França ou na Argélia. Os cenários e os tipos eram inteiramente diferentes dos brasileiros. Teve ímpetos de protestar contra aquela falsificação, mas sentiu que sua voz jamais seria ouvida no seio daquela massa humana que aplaudia no grande recinto.

Quando chegou ao alojamento, procurou o sujeito que havia feito a apresentação.

— Você é um canalha sujo!, disse-lhe indignado.

O outro avançou para ele, mas Henrique deu-lhe um murro no rosto que o atirou no chão.

Várias pessoas acorreram ao local da briga. Rapidamente afastaram os contendores.

Um dia depois do incidente, Henrique foi posto em um avião com destino a Paris. E assim terminava, de modo melancólico, a sua participação no 10.º Festival Mundial da Juventude.

Ao desembarcar em Paris, observou que, desde o aeroporto, estava sendo seguido. O avião para o Brasil só partiria no dia seguinte. Procurou um hotel modesto. Estava na portaria, assinando as fichas, quando chegou junto dele um cidadão bem vestido.

— Sou da Polícia francesa, disse mostrando uma carteira de identidade. Podíamos conversar um pouco?

Falava um português lusitano, mas Henrique podia entendê-lo perfeitamente.

— Pois não, respondeu.

Sentaram-se numa poltrona do salão de espera.

— Sou o Inspetor Clebert. A Polícia já tomou conhecimento de que o senhor foi expulso do 10.º Festival em Berlim. Qual a razão?

— Não concordei com a sujeira que estão fazendo, atacando o Brasil com mentiras e ofensas. Nunca pensei que um Festival de Juventude consistisse nisso. Não compreendo como brasileiros se prestam a esse papel de denegrir o seu país no estrangeiro.

— O senhor bem mostra que é um novato. Todos os festivais são dessa mesma espécie. O senhor é comunista?

— Tive uma tendência para me tornar comunista por idealismo. Agora vejo que estava completamente errado. Estou decepcionado com tudo a que assisti. Aprendi muito nesses poucos dias.

— A Polícia francesa está preocupada com as represálias que os comunistas podem cometer. O senhor tornou-se um homem perigoso, em virtude do que poderá fazer, testemunhando o que viu. Terá que ficar sob nossa proteção até o embarque. Vamos entrar em ligação com a Polícia brasileira, através da Interpol. O senhor não pode ficar neste hotel. É muito vulnerável.

— Nesse caso, gostaria de ficar na Embaixada do Brasil.

— É uma boa idéia. Vamos para lá.

Durante o caminho para a embaixada, o Inspetor Clebert observou que o carro estava sendo seguido. Tirou o seu revólver.

Quando o automóvel parou defronte da Embaixada do Brasil, o carro que vinha à retaguarda tomou velocidade.

— Abaixe-se, gritou o Inspetor.

Os homens jogaram-se no chão, enquanto, do carro que passava, partia uma saraivada de balas. Ninguém, entretanto, estava ferido.

— Viu como são eles?, disse o Inspetor. Por pouco não nos atingem.

Henrique estava assustado. O Inspetor sorriu.

— Não sossegarei enquanto você não embarcar no avião de volta para o Brasil.

— Muito obrigado, Inspetor, disse Henrique.

Entraram na Embaixada. No dia seguinte, Henrique embarcou no Aeroporto de Orly.

Enquanto o quadrimotor a jato deslizava nos espaços azulados sobre o imenso Atlântico, depois de deixar Lisboa, Henrique meditava acerca de seu futuro no Brasil. Como iria enfrentar os seus companheiros depois do decepcionante incidente em Berlim? Que diriam seus pais sobre as suas desilusões? E Rosa Maria, como reagiria ela quando ele lhe contasse os episódios que testemunhara? E a carta de Nicolai Petrenko que ele trazia no bolso? O que diria aquela missiva?

Como conseguiria ele entregá-la a seu destinatário? Como encontrar Alexandre Nifichitz?

Não lhe podia sair da lembrança a figura aflita de Nicolai, no último dia em que estiveram conversando. Ele tinha em seu olhar os sentimentos de uma juventude aprisionada nas restrições de um regime policial, de um ambiente de desconfiança em que o indivíduo é compelido a violentar as tendências essencialmente humanas. Pobre Nicolai!

De repente, houve um estremecimento no avião. As turbinas começaram a roncar mais fortemente. Henrique pressentiu que havia qualquer anormalidade. Notou, pela posição do sol, que o aparelho mudara inteiramente de rumo. Ficou um pouco assustado, mas conteve a sua preocupação. Embaixo, o oceano era uma planície infinita.

O comandante do avião apareceu sorrindo e começou a conversar despreocupadamente com os passageiros. As aeromoças serviam drinques com toda a naturalidade.

Uma hora depois, o alto-falante de bordo anunciou:

— Senhores e senhoras. Em virtude de uma falha técnica em uma das turbinas de nossa aeronave, retornamos e vamos pousar em Casablanca, onde permaneceremos o tempo suficiente para os reparos. Os passageiros ficarão em uma sala especial no aeroporto. Se houver grande demora, providenciaremos acomodações no hotel.

A aterragem em Casablanca foi normal, embora no aeroporto fosse evidente a preocupação. A polícia marroquina revisou os passaportes de todos os passageiros. Um deles, que viajava ao lado de Henrique, confidenciou-lhe a causa do ocorrido. O avião sofrera uma sabotagem em Lisboa. Alguém preparara um dispositivo que deveria paralisar duas turbinas. No entanto, milagrosamente, só uma delas havia parado. Isso permitiu o retorno do avião, usando apenas três motores. Se o dispositivo tivesse funcionado como previra o sabotador, o aparelho deveria ter caído no Atlântico.

Henrique lembrou-se do atentado em Paris e agora, diante da sabotagem de Lisboa, começava a pensar que a sorte o estava protegendo.

As equipes de manutenção trabalharam rapidamente. Em duas horas, o avião estava liberado para continuar o vôo.

Os passageiros embarcaram. O comandante, contrariado com o atraso, procurou acelerar a decolagem.

Duas horas depois da partida de Casablanca, o comandante chamou Henrique à cabina.

— Você é que se chama Henrique Marcos?

— Sim, respondeu Henrique.

— A polícia marroquina estava a sua procura, meu caro amigo. Queriam interrogá-lo. Receberam qualquer informação de Lisboa a seu respeito. Quando chegou o comunicado de Casablanca, nosso avião já estava a mais de mil quilômetros da costa africana. Recusei-me a retornar. Por isso você livrou-se desse aborrecimento. Se nós tivéssemos permanecido um pouco mais no aeroporto, você teria ficado em Marrocos. Ma o que há com você?

— Não sei, comandante. A verdade é que, há dois dias, que estão me caçando. Estou louco para chegar ao Brasil.

Ao amanhecer, o avião aterrou no aeroporto do Rio de Janeiro. Três pessoas aguardavam Henrique: seu pai, o Coronel Hinds e o Inspetor Araújo, da Polícia Federal. Rapidamente desembaraçado, Henrique foi posto em um carro que rumou célere para a sua casa, na Tijuca.

— Recebemos o comunicado da Interpol, disse o Inspetor Araújo. Agora nos conte o que se passou com você em Berlim.

Estavam os três homens com Henrique, no gabinete do Sr. Deodato.

O rapaz narrou minuciosamente todos os episódios de sua estada na capital da Alemanha Oriental.

— Estou convencido de que os comunistas tudo fizeram para eliminar-me.

— Você teve a proteção divina, disse Deodato.

— Agora vejamos a carta que você trouxe, lembrou o Coronel Hinds. Nicolai pediu que você a lesse antes de entregá-la. Há portanto na carta alguma coisa que lhe interessa, e talvez, que nos interessa a todos.

Henrique tirou do bolso o envelope, abriu-o e desdobrou as folhas de papel datilografadas. E leu em voz alta:

Kiev, 20 de julho de 1973

Caro tio

Como você deve saber, meu pai, teu irmão mais moço, lutou em Stalingrado e foi ferido duas vezes em combate. Era tenente de infantaria e ganhou a Cruz de Sangue da União Soviética, além de outras condecorações por atos de bravura. Quando acabou a guerra, veio viver em Kiev, servindo em um regimento blindado. Ingressou no Partido Comunista da União Soviética, como prêmio de seus serviços no Exército. Casou-se alguns anos depois com minha mãe, uma moça de descendência polonesa e de formação católica. Lembro-me que minha mãe rezava todas as noites, mas meu pai, que era ateu, ridicularizava esse hábito. Meu pai não era político, mas era um comunista sincero.

Quando eu fiz quatorze anos, meu pai fez questão que eu ingressasse na Konsomol. Disse-me ele que isso traria grandes vantagens para o meu futuro, embora acarretasse muitas obrigações.

Em agosto de 1968, o regimento de meu pai deslocou-se para Praga em virtude da intervenção soviética na Tcheco-Eslováquia. Quando se despediu de nós, meu pai pediu que eu cuidasse de minha mãe. Abraçou-me e beijou-me. Foi esta a última vez em que pude vê-lo com vida.

A prisão de meu pai não foi até hoje bem esclarecida. Parece que ele se recusou a atirar sobre os civis em Praga, durante as agitações contra as forças soviéticas naquela cidade. Na verdade, ele foi fuzilado em Kiev. Quando nos entregaram o seu cadáver, observamos que o seu corpo estava marcado pelas torturas que havia sofrido, antes da execução.

Poucos dias depois, minha mãe foi presa sob a alegação de que havia uma denúncia contra ela por parte do tribunal que julgara meu pai. Ela era acusada de ter influído sobre a

atitude de meu pai. Foi mandada para uma prisão de mulheres na Sibéria e nunca mais a vi. Parece que morreu de pneumonia, devido ao trabalho forçado durante o inverno. Essa foi a notícia que recebi, sem confirmação, pois, em todos os lugares em que procurei investigar esse acontecimento, ninguém sabia de nada.

Fiquei solitário e tive que me recolher a um internato do Estado, para rapazes órfãos.

Como eu pertencia à Konsomol, tive a proteção que proporcionava a seus membros, mas fui obrigado a assinar uma declaração, reconhecendo que meus pais eram "traidores da pátria e da causa comunista" e que, por essa razão, eu os repudiava. Fui obrigado a mudar meu sobrenome. Em todos os meus papéis foram riscados, com tinta preta, os nomes de meus pais. Disseram-me que, daí por diante, eu jamais poderia citar aqueles nomes em qualquer lugar.

Eu tinha receio de que, com o tempo, viesse a esquecer as orações que minha mãe me ensinara. Parece que a estou vendo ainda, dizendo, com sua voz suave, preces que me penetravam na alma como um fluido benfazejo. Era uma linda mulher, de cabelos e olhos negros, contrastando com a pele muito branca. Assim, eu costumava, todas as noites, repetir baixinho, para que ninguém ouvisse, aquelas orações. E era um meio de sempre recordar a figura de minha mãe.

Quando ingressei no Internato, estudava pela manhã, durante a tarde e, muitas vezes, à noite, tinha que trabalhalhar em uma fundição. Embora o governo procure valorizar o operariado, na verdade nós até hoje consideramos o trabalho manual como degradante. Eu me sentia humilhado, não só por ter de trabalhar como operário, mas também por sentir-me inexperiente diante dos profissionais já habituados, há longos anos, àquelas tarefas.

Muitos companheiros desertaram da Konsomol, que precisa ter um constante recompletamento de seus efetivos. Apesar do esforço educativo que procura realizar, muitos rapazes cometem transgressões e até crimes. O vício da bebida é o principal responsável por essas deformações.

Uma outra razão de insatisfações, não só na Konsomol, mas em todas as organizações de ensino, é o excessivo tempo destinado às discussões e outras tarefas políticas. Isso nos

deixa entediados, além de prejudicar substancialmente o ensino das matérias acadêmicas e profissionais.

O comunista tem uma verdadeira obsessão pela política. Coloca os interesses políticos acima de qualquer outra coisa. Inventaram assim a canção política, a arte política, o esporte político e outras formas semelhantes de introduzirem a política em todas as atividades humanas.

Logo que ingressei na Faculdade de Engenharia tive de fazer parte de um Comitê político de estudantes. Nós observávamos a conduta dos outros estudantes e realizávamos julgamentos das transgressões cometidas. Conforme a gravidade das faltas, os transgressores sofriam punições que comportavam, por exemplo, repreensão em público, colocação de caricaturas do transgressor em murais, compulsão a uma autocrítica pública, expulsão, condenação a trabalhos no campo durante certo tempo.

Tenho uma verdadeira preocupação de não deixar que os camaradas percebam que acredito em Deus. Na União Soviética, a religião não é livre. Livre é a perseguição religiosa. A prática da religião pode ocasionar prisões e deportações.

Uma vez denunciado em qualquer tribunal, o indivíduo raramente é absolvido. Imediatamente começa a funcionar um dispositivo policial para compelir a pessoa a confessar não só o crime de que a acusam, como outros crimes que teriam sido cometidos anteriormente. E quanto mais se empenha a Polícia em obter a confissão, aplicando para isso métodos de violência, tanto mais se interessa ela em justificar esses métodos pela obtenção de confissões substanciosas.

Foi por essa razão que o cadáver de meu pai estava cheio de nódoas negras.

Eu soube que, nas prisões, eles dão um papel para o indivíduo e o obrigam a escrever suas confissões. Um russo, que tinha sido guarda na prisão, contava que eles diziam ao acusado: "Aqui na Rússia, temos liberdade de imprensa, você pode escrever aí todos os crimes que cometeu, nós te damos inteira liberdade para isso."

A mentalidade do jovem soviético é constantemente modelada, submetida a uma contínua compressão gerada pelas circunstâncias ambientais e pela ação permanente da propaganda. Se eu não tivesse uma secreta fé, teria sido inteiramente dominado.

Minha maior ambição é poder um dia deixar a União Soviética e viver em um país como o Brasil. Todas as noites, peço a Deus que me dê essa oportunidade. Não sei como o conseguirei, mas tenho grandes esperanças.

Escrevi esta carta para que saibam que um dia me unirei a vocês.

Embora o Artigo 12 da Constituição atual da União Soviética declare textualmente que o trabalho é um dever e uma honra, de acordo com o princípio de que "quem não trabalha não come", os jovens não encontram facilmente trabalho condigno. Há muitos preconceitos e restrições contra o trabalho dos jovens. Talvez eu possa conseguir algum emprego em projetos que os russos estão executando em outros países.

Meu caro tio. Quando o senhor estiver lendo esta carta, tenho a certeza de que sentirá pena de mim. Mas, na realidade, nós temos o que merecemos. Milhões de russos se revoltaram em 1918 para instalar esse regime em nosso país. E nunca mais tivemos capacidade para nos libertar dessa opressão. Construímos um poder tão grande, que ele nos está esmagando. Procuramos sustentar esse colosso, com o nosso sacrifício e o nosso sangue. Mas um dia chegará em que o anseio de liberdade nos dará forças para lutarmos por ela. E eu poderei restaurar os nomes de meus pais que morreram pela bondade e pela fé.

Que Deus os proteja

Quando acabou a leitura, Henrique estava emocionado. Levantou-se e chegou até a janela. Em sua lembrança, restaurava a figura amável de Nicolai Petrenko, que ele agora estimava como um irmão.

O Inspetor Araújo prontificou-se a tentar descobrir os tios de Nicolai.

O Coronel Hinds e Deodato Marcos estavam intimamente satisfeitos com a dura lição que trouxera Henrique à compreensão da realidade.

Era uma tarde de setembro. Henrique encontrou-se com Rosa Maria no jardim da Universidade. As amendoeiras deixavam cair suas folhas envelhecidas, antecipando a agonia do outono. Ficaram calados durante muito tempo.

— Sinto que você não aprovou minha conduta, disse Henrique.

— Na verdade, não aprovei, respondeu ela. Você agiu insensatamente.

— Por que diz isto?, indagou ele.

— Você se rebelou contra uma realidade. Você se alienou diante das circunstâncias.

— Você acha então que nos devemos submeter a tudo o que os comunistas nos desejarem impor?

— Nós somos contestadores. Nossa função é contestar. Toda a realidade tem pontos positivos e pontos negativos. Toda moeda tem duas faces. A função social da juventude moderna é descobrir as debilidades e contradições da sociedade atual e atacá-las.

— Para construir o quê?

— Não estamos pensando em construção. Precisamos inicialmente derrubar o que existe, para depois pensar em reconstruir.

— Quem pôs essas idéias loucas em sua linda cabecinha?, disse ele sorrindo.

— Foi a vida, fui eu mesma.

— Você está errada, minha querida.

— Pode ser que eu esteja errada. Mas vou continuar com meus erros.

Henrique fitou-a penalizado.

— Não tem importância, disse ele. Foi a vida que ensinou isso a você. Um dia a vida também lhe ensinará o que é certo, como ensinou a mim.

— Acho, Henrique, que nossas idéias não combinam mais. Penso até será melhor não discutirmos esses assuntos.

— Está bem, disse ele.

Rosa Maria estendeu a mão.

— Adeus, disse ela, com voz trêmula.

— Até quando?, perguntou Henrique.

Ela não respondeu. Afastou-se vagarosamente. Ele a seguiu com o olhar, vendo-a desaparecer na penumbra da tarde, como um sonho que se esvai.

VIII – OS COLABORADORES

Os comunistas, dentro de sua arraigada concepção de que os fins justificam os meios e que tudo que serve à construção do Comunismo é um bem, não vacilam em associar-se a colaboradores oportunistas ou delinqüentes.

Nos Estados Unidos, a associação entre comunistas e "gangsters" tornou-se tão evidente, que começou a prejudicar o próprio conceito do Partido perante a opinião pública.

Bernard Hutton registra instruções secretas de Krushov para obstar essas ligações:

"Os relatórios indicam que alguns camaradas formaram fortes alianças com chefes de poderosas organizações de 'gangsters'. Isso deve cessar."

Suslov também recomendava posteriormente:

"Apesar das ordens recebidas, nossos camaradas estão desobedecendo e continuando com suas alianças com gangsters'. Qualquer um que seja descoberto, desobedecendo esta ordem no futuro, será expulso do Partido."

Mas o Boletim do Partido Comunista dos EUA registrava em outubro de 1958 aprovando essas ligações:

"A decisão do secretário distrital do Partido em Chicago para **empregar assassinos profissionais** nos casos de pessoas que tentam investigar as atividades de nossos camaradas que praticam a subversão clandestina, foi, sem dúvida, **acertada.** Não havia outra coisa a fazer para garantir o trabalho de nossos camaradas clandestinos, mas as importâncias pagas pelos serviços foram excessivas, e esta mesma observação se aplica às despesas em Boston e New York..." (Bernard Hutton – "Os Subersivos")

Os colaboradores constituem uma classe de indivíduos que auxiliam o Partido Comunista por covardia física ou moral, receosos de suas represálias ou do que pode acontecer em caso de vitória do comunismo. Engloba também os mercenários que se prestam a executar tarefas para os comunistas, mediante compensações de toda a ordem.

Quando a ambulância chegou, já nada mais podia ser feito. O guarda bancário Amaral, jovem de 25 anos, casado, com dois filhos, jazia morto na poltrona em que o haviam colocado alguns populares.

O assalto ao banco não demorara mais de cinco minutos. Foi por volta de duas horas de uma tarde de maio de 1968. Os três homens entraram de revólveres em punho, ameaçando a todos com gritos enérgicos. O gerente abriu o cofre e encheu uma pasta com todo o dinheiro que existia lá. Ao saírem, os assaltantes balearam o guarda Amaral e fugiram em um automóvel que os aguardava na porta.

Nessa noite, Eduardo Cheid, o gerente, não pôde conciliar o sono. Levantou-se, pela madrugada, procurando não despertar a esposa. Sentou-se na sala, inquieto e oprimido. Pesava-lhe um profundo remorso, como um ácido venenoso que lhe corroesse as entranhas. Revia a figura do guarda morto. Era um rapaz sorridente e prestativo. Ainda no outro dia mostrara-lhe orgulhoso o retratinho do filho de dois meses.

E, no entanto, ele, gerente da agência bancária, era cúmplice no assalto. Um comunista falando um português com sotaque lusitano, procurara-o há alguns dias atrás. Expusera-lhe os planos do assalto. Ameaçara-o. Caso não quisesse cooperar ou o denunciasse à Polícia, seqüestrariam seu filho ou sua esposa. O seu papel seria distrair o guarda, na hora em que o assalto estivesse iminente, abrir o cofre e entregar o dinheiro.

Cheid acovardou-se. Comprometeu-se. Quando percebeu a chegada dos três assaltantes em frente ao banco, chamou o guarda, pedindo-lhe que o acompanhasse até a caixa-forte. Foi o suficiente para que os bandidos assegurassem a surpresa. Mas, ao perceber o assalto, o guarda Amaral ainda tentou reagir. Um dos terroristas fuzilou-o impiedosamente. E o assassino era justamente aquele homem que o havia ameaçado dias antes. Deveria ser um indivíduo perverso, sem entranhas.

Agora mortificava-se. Sentia-se culpado. Mas, o que fazer? Sabia que a organização comunista era implacável. Há pouco tempo, um gerente de banco tinha sido seqüestrado e morto. Naturalmente se recusara a colaborar.

"Eu devia fazer alguma coisa", pensava. "Confessar? Denunciar? Que adiantaria? Amanhã chamá-lo-iam na Polícia. Mostrar-lhe-iam uma porção de retratos de bandidos. Nenhum dos assaltantes estaria ali. Eram todos jovens comunistas fanáticos, vingativos e violentos. Agiam na mais dura clandestinidade. Sua única moral era a causa comunista."

Quantos, como ele, estariam cooperando para a expansão do comunismo por omissão ou covardia? Quantos estariam colaborando por ingenuidade ou por ambição pessoal? Ainda alguns dias, um político havia declarado: "Não devemos apoiar os anticomunistas." Como estava iludido ou iludindo outrem esse demagogo! Enquanto os assaltantes estariam, a essa hora, confabulando ou descansando calmamente, o guarda Amaral jazia na capela do cemitério, velado por sua jovem esposa e seus modestos familiares. E ele, o chefe do rapaz assassinado, nem tivera coragem de ir vê-lo.

Chegou à janela do apartamento. Amanhecia. O horizonte se tingia de faixas coloridas que variavam do vermelho sanguíneo ao amarelo-vivo. Quantos não veriam mais a luz desse dia que era a promessa de uma radiosa jornada estival!

O Secretário de Segurança do Estado estava seriamente preocupado. Aquele já era o décimo assalto a banco em um único mês. Os prejuízos alcançavam quase cinqüenta milhões de cruzeiros. Tudo indicava que essas ações eram obra de grupos terroristas. Mas a Polícia estava desorientada. E ele, como responsável, tinha seu prestígio pessoal seriamente

abalado. Qualquer dia poderia ser exonerado inapelavelmente. Convocou a seu gabinete o Chefe do Departamento da Ordem Política e Social.

— Quero saber a sua opinião sobre o problema dos recentes assaltos a bancos, disse ele ao Dr. Elias Vasconcelos.

— O problema é difícil, respondeu o Chefe do DOPS. Não se trata apenas de comunistas. Há indícios de criminosos comuns que podem estar agindo por conta própria ou em colaboração com os comunistas. Os comunistas são orientados por pessoal altamente treinado. Não são amadores. Não se sabe se é apenas uma organização centralizada ou se são várias organizações. Em suma, estamos diante de uma situação nebulosa. No final de contas, eles já conseguiram uma soma respeitável, além de vários mortos e feridos. Sempre tenho alertado ao senhor sobre a necessidade de uma reação exemplar contra esses subversivos e seus comparsas.

— Mas ainda não conseguimos prender nenhum deles. Agem com grande rapidez e por surpresa. Estão desmoralizando nossa Polícia.

— Creio que todos os assaltos são muito bem planejados e contam com colaboradores dentro dos próprios bancos.

— Por que desconfia que existem cúmplices nos próprios bancos?

— Simplesmente porque os bandidos encontram todas as facilidades e até agora ninguém se dispôs a ajudar a Polícia Além disso, já identificamos comunistas infiltrados nas agências bancárias. Se quiser que eu lhe seja franco, Chefe, acho que existem colaboradores aqui, dentro da própria Polícia.

— Se conseguíssemos identificar alguns desses colaboradores poderíamos, talvez, ter um fio da meada.

— Sem dúvida. Mas a Polícia não está motivada para essa operação.

— Por quê?

— O pessoal responsável se arrisca muito. Já tivemos homens mortos e feridos. O senhor sabe. Quando um terrorista desses é preso, desencadeia-se uma campanha pela imprensa. O processo dura meses e até anos. Muitas vezes, o terrorista é absolvido. Já houve casos até de ter sido condenado o policial que, ao efetuar uma prisão, maltratou um terrorista. Foi acusado de ter torturado o prisioneiro. Toda

a imprensa faz coro com os comunistas. A Igreja nos ataca. Ficamos com fama de algozes. E, no entanto, ninguém defende os policiais que tombam cumprindo o seu dever. Parece que pensam que nós somos feitos pra morrer.

— Essas incompreensões fazem parte da profissão do policial.

— É verdade, Chefe. Mas não são estímulos para ninguém. Às vezes fico pensando. O dinheiro que os bancos estão pagando para esses bandidos ou para o Comunismo é o tributo imposto ao povo por não acreditar em sua Polícia, por não prestigiá-la, nem querer dotá-la com os meios de que necessita para cumprir sua missão.

— Está bem, mas chamei-o aqui para encarregá-lo de traçar um plano contra os assaltos a banco. Vamos ver se podemos corrigir, da melhor forma possível, as falhas existentes. Isso não pode continuar.

— Um plano só poderia ter resultado se o senhor obtivesse "carta branca" do Governador do Estado.

— A questão não é assim tão simples. O Governador é político, tem compromissos de sua carreira. Não sei se gostará de comprometer seu prestígio político em uma campanha radical contra os comunistas. Talvez ele prefira que as Forças Armadas assumam a responsabilidade.

— Voltamos então à origem, Sr. Secretário. Em todo o caso, conte comigo. Vou ver se consigo levantar o ânimo do pessoal.

— Peço-lhe que se empenhe nessa missão. É um grande serviço que poderá prestar a nosso Estado.

— E que poderá custar os nossos cargos, tanto para mim, como para o Sr. Secretário.

— É verdade.

O Secretário de Segurança deu uma pancadinha no ombro do Diretor do DOPS. Conhecia muito bem o Dr. Elias Vasconcelos. Sabia que ele era um homem sério e decidido. Mas a Polícia era uma organização complexa e difícil. Uma série de fatores contribuía para dificultar o seu desempenho. Falta de recursos, deficiência de pessoal, injunções políticas, tudo conspirava para tornar a Polícia um organismo inerme e simplesmente burocrático, sem capacidade de ação ou reação.

No gabinete do Senador Raimundo Bertrand, presidente do Banco Geral Imobiliário, reuniam-se, naquela manhã, vários diretores e gerentes de bancos da cidade.

O Senador presidia a reunião, à cabeceira da grande mesa do salão de conferências, modernamente mobiliado. Sua figura respeitável, com sua cabeleira alva e seu semblante sisudo, conformava-se com a austeridade do ambiente.

— Meus Senhores, começou ele. Convoquei-os hoje para debatermos o grave problema que se desenhou para toda a rede bancária do Estado, com os sucessivos assaltos terroristas. Quase diariamente um banco é assaltado e uma grande quantia é roubada, além de morte e ferimentos que os assaltantes vão deixando como rastros de sua passagem. As empresas de seguros querem aumentar suas tarifas, em virtude dos prejuízos que estão sofrendo. As condições de conforto e segurança que sempre oferecemos a nossos clientes estão comprometidas. Mantemos guardas particulares, mas revelam-se deficientes. A Polícia não nos dá qualquer garantia. Até hoje, nenhuma prisão conseguiu efetuar nos assaltos recentes.

Em seguida, o Senador passou a historiar os acontecimentos, analisando, um por um, os assaltos bancários e apresentando uma impressiva estatística dos prejuízos sofridos.

O Dr. Elói Matos, gerente do Banco Regional, pediu a palavra.

— O quadro que nos apresentou o Senador Bertrand é deveras preocupante. Vivemos hoje sob uma constante ameaça. Declarou a Polícia que os assaltos têm sido realizados por comunistas, criminosos comuns ou por ambos. A procedência dos assaltantes não nos interessa muito, porque, no final de contas, o resultado é o mesmo. Não nos interessa se os ladrões são esquerdistas ou direitistas. Temos que combater o crime organizado. Pagamos impostos para se ter uma boa proteção, mas, apesar disso, o Governo do Estado não nos garante o mínimo de segurança indispensável a nosso trabalho e à manutenção de nossos bens. Assim sendo, só vemos duas soluções possíveis: ou o governo estadual coloca a sua polícia em condições de cumprir a missão, ou teremos que criar a nossa própria polícia.

— Não vejo como poderá a polícia estadual reestrutu-

rar-se, reequipar-se, rearmar-se para, em curto prazo, melhorar suas condições de eficiência, disse um dos participantes.

— Acho que temos que partir para a solução da polícia bancária, declarou outro.

A discussão generalizou-se. Cada um desejava apresentar uma idéia especial e salvadora. O Senador Bertrand bateu palmas, pedindo atenção.

- Meus Senhores, disse o Senador. Peço-lhes calma. Tive a idéia de convocar para essa reunião um representante da Secretaria de Segurança do Estado. E aqui está o Dr. Elias Vasconcelos, digno Diretor do DOPS, ao qual cederemos a palavra nesse momento, para que nos diga o que pretende fazer a Polícia nessas circunstâncias.

Todos se voltaram para o outro extremo da mesa, onde se achava o Dr. Elias Vasconcelos que, até aquela hora, mantinha-se calado e incógnito.

O Diretor do DOPS levantou-se e apresentou seu depoimento:

— Meus senhores. Não é preciso acentuar as preocupações e o interesse da Polícia Estadual nesse caso que está abalando o prestígio de nossa própria instituição. Achamos que os senhores têm toda a razão para estarem alarmados e revoltados, como se encontram. Na verdade, a nossa Polícia não estava e não está, moral e materialmente, preparada para enfrentar uma situação como esta. Não interessa culparmos administrações anteriores por esse despreparo. A Polícia é uma organização que tem de atualizar-se constantemente. Uma boa polícia hoje torna-se rapidamente obsoleta, daqui a um mês. Basta que os criminosos passem a utilizar um novo recurso ou uma nova técnica. E é isso o que vem ocorrendo. Os assaltantes de bancos se organizaram e adotaram a tática das guerrilhas urbanas. São verdadeiras operações militares, realizadas com a surpresa, a mobilidade e a potência de fogo de uma ação de guerra. A Polícia não tem atualmente condições para se opor a uma situação dessa natureza.

— Acha então preferível que organizemos uma polícia particular?, perguntou um diretor de banco.

— Absolutamente não. Uma polícia particular enfrentaria os mesmos problemas que enfrentamos, com a agravante da dispersão de esforços. A meu ver, a melhor solução seria combinarmos os nossos esforços, ao invés de dispersá-los. Julgo que seria interessante que os senhores nomeassem uma comissão para, em conjunto com a Polícia, propor medidas que devem ser adotadas, tanto pelos senhores, como por nós, para uma ação conjunta. Gostaria, entretanto, de antecipar a sugestão de duas medidas que julgo essenciais: a primeira é solicitar do Legislativo novas leis que dêem maior apoio ao policial no exercício de sua função; a segunda, é que os senhores controlem com maior rigor o pessoal que trabalha nas agências bancárias, pois estão infiltradas por comunistas e colaboracionistas que fornecem informações e auxiliam os assaltantes nessas operações.

— Essas duas sugestões estão aceitas, disse o Senador Bertrand. Eu pessoalmente incumbir-me-ei de levá-las avante. Todos estão de acordo?

Ninguém contestou. O Senador agradeceu e deu por encerrada a reunião.

A casa ficava na Ilha do Governador. Era um prédio antigo, nos fundos de um pomar de mangueiras. Tinha um aspecto soturno, com seu reboco sujo e carcomido. Quase não se viam os seus ocupantes, sempre misteriosos, a ponto de desconfiarem os vizinhos de estranhas atividades. Corria que ali se encontravam traficantes e contrabandistas em velados conciliábulos.

Nessa noite, alguns indivíduos ali se reuniam: Raimundo Soares, vulgo "Quatro Dedos"; Rafael de Tal, também conhecido como "Cara de Boneca", "Zezinho Cicatriz" e o mulato bicheiro Ramon Franco, chefe do bando. Eram representantes autênticos da elite de pistoleiros da cidade.

— Eu digo a vocês, falava Ramon Franco, que não agüento mais. Depois que esses "comunas" invadiram nosso território, o prejuízo está sendo muito grande.

— Temos que tomar uma atitude, disse Zezinho, cuja cicatriz no rosto mais se evidenciava à fraca luminosidade do aposento.

— Os "comunas" são uma rapaziada decidida e treinada, esclareceu Rafael. Dizem que eles foram treinados no estrangeiro.

— Mas eu não posso tolerar essa gente, "comunas" ou não "comunas", agindo na minha área. Eles levaram no outro dia dez milhões do Banco Geral.

— E se a Polícia botar a mão em um de nós, disse Raimundo, vamos pagar pelo que eles estão fazendo.

— Esse mês, acrescentou Ramon Franco, só conseguimos um milhão. Você divide isso pelo pessoal. Paga à turma de vigilância, paga à casa, paga à Polícia. Quase não sobrou nada.

O bicheiro sorveu um pouco do copo de uísque que tinha à sua frente, afastou a cadeira para trás e pôs os pés em cima da mesa.

— Chamei aqui vocês, recomeçou, para dizer-lhes que já tomei minhas providências. Mandei apanhar o Donato.

— Mas o que é que há ?, perguntou Raimundo.

— Vocês sabem, disse Ramon, que os "comunas" não estão sozinhos. Estão trabalhando com pilantras colaboradores que dão todo o serviço para eles. Contrataram além disso o bando do Aristeu, elas por elas.

— Quer dizer que o Aristeu também está agindo no setor?, perguntou Zezinho.

— É verdade, Aristeu fez um acordo com os "comunas". A turma dele faz a cobertura e recebe cinqüenta por cento, explicou Ramon Franco. Mas eu hoje mandei buscar o Donato que conhece todo o problema. Ou ele dá o serviço, ou nós vamos ter que enterrar um cabrito nos fundos do quintal. Já mandei fazer um buraco dentro do galinheiro. Enquanto não chegam, que tal uma rodada?

Rafael apanhou um baralho e distribuiu as cartas. A atmosfera ia-se tornando densa pelo fumo dos cigarros.

Os homens permaneceram distraídos no jogo e na bebida, até que bateram na porta com algumas pancadas secas.

— Acho que são eles, disse Zezinho.

— Abra, comandou Ramon Franco.

Entraram dois homens, enquadrando um terceiro que vinha com uma fisionomia evidentemente apavorada.

— Taí o cabra, disse um da escolta. Ele foi bonitinho, não reagiu.

— Donato, senta ali naquela cadeira, disse Ramon. Senta, bem confortável, porque nós vamos conversar. Você vai falar a verdade pra mim, não é? Você sabe que, se você quiser me embromar, você não vai ver mais o galo cantar. Mandei fazer um buraco lá fora que cabe você inteirinho. E prometo plantar uma horta de couve no canteiro. Tá bem?

— Eu vou falar a verdade, Ramon. Mas você sabe que eu não sei de tudo o que se passa.

— Você não sabe o que sabe. Mas você vai se lembrar de muita coisa. Eu tenho uma coisa que refresca qualquer memória.

E Ramon Franco mostrou-lhe um punhal cuja lâmina brilhava ameaçadoramente.

— Nós sangramos você aqui com toda a calma. Você não terá tempo nem pra dar um gritinho, nem chamar por "mamãe".

— Eu vou dizer a verdade, Ramon, murmurou Donato. Eu juro.

— Bom. Em primeiro lugar, vocês estão trabalhando com os "comunas", não é?

— O Aristeu combinou com eles uns assaltos a banco revelou Donato. Eu não sei como foi o acordo. Parece que os comunistas queriam aproveitar nossa organização.

— E foram trabalhar na minha área, não é? O Aristeu sabia que aquela área era minha. Ainda assim se juntou com os "comunas" pra me prejudicar. Agora você vai me dar o serviço. Quero saber onde está o dinheiro e quero saber quem são os comunistas. Onde eles se reúnem. Quero tudo sobre eles.

— Eu não sei de nada sobre os comunistas. Eles não dizem nada a nós.

— Você sabe, sim, seu salafrário.

E Ramon deu uma bofetada em Donato com tal força, que o outro caiu com a cadeira e ficou sentado no chão. O bicheiro ergueu o punhal.

— Calma, Ramon, implorou Donato. Vou dizer tudo o que sei.

— Fala, então, desgraçado, blasfemou Ramon.

— Os outros cinco comparsas distraíam-se, gozando o pavor que se apoderava de Donato. Levantaram-no e o recolocaram na cadeira. E ele começou a falar:

— Os comunistas são chefiados por um tal de Afonso Mojica. É um espanhol, mas parece português. Mora em Madureira. Mostro a casa a vocês. Fica perto de uma oficina de automóveis. Eles se reúnem lá. É para lá que eles levam o dinheiro. Dizem que é para o Partido. A casa tem um porão. Eu acho que o dinheiro é guardado lá. Mas só por um ou dois dias. Depois, um sujeito vem buscar. Parece que é o elemento do Partido. Eles são muito disciplinados. Nosso pessoal rouba os automóveis para o transporte. Damos também a cobertura em dois carros, um que fica à frente e outro atrás do carro do pessoal do assalto. O da frente abre caminho. O de trás protege pelo fogo, se necessário. Há sempre um outro carro, a um ou dois quilômetros, para o revezamento. Quando a Polícia persegue, nosso carro da retaguarda dá uma batida para engarrafar o trânsito. Toda essa tarefa está a nosso cargo. Eles é que entram no banco e apanham o dinheiro. Depois do assalto, o dinheiro é levado para um ponto combinado no dia, poucas horas antes do assalto. Daí é que é transportado para Madureira, onde nós recebemos nossa parte. Os comunistas são muito corretos. É gente séria. Nunca nos passou a perna.

— Está bem, você deu o serviço. Vou deixá-lo vivo. Como prometi. Mas se você revelar a alguém o que se passou aqui, vou sangrá-lo como a um porco. Agora você vai sair comigo e vai mostrar-me onde fica a casa desse tal Afonso Mojica.

— Se o Aristeu souber que eu contei a vocês tudo isso, vai matar-me.

— Bom, isso é problema dele. Vamos embora.

E o grupo saiu em dois carros, em direção a Madureira.

Afonso Mojica era membro do Partido Comunista Espanhol, com curso de guerrilhas urbanas realizado em Cuba. Estava em missão especial no Brasil, orientando a ação de grupos radicais esquerdistas, atuando em assaltos a banco

nas grandes cidades. Falava muito bem o português, com um sotaque lusitano.

Sua presença fora solicitada a Fidel Castro, em carta escrita por um elemento do Partido. Quando Mojica chegou ao Brasil, Tavares Dias fora recebê-lo. Admirou-se da compleição franzina do guerrilheiro. Ninguém dava nada por ele. Sujeito magro, baixo, com um ar tímido. Ninguém imaginava o vulcão de coragem e sangue frio que se escondia sob aquela aparência.

Dissera-lhe Tavares Dias:

— Neste ano, fizemos um estudo de nossa situação e chegamos à conclusão de que havia condições para iniciar uma ação armada e de que a situação econômica do Partido impunha medidas radicais. Formamos um grupo denominado Movimento Revolucionário 8 de Outubro. Compreendemos que se desejávamos iniciar a luta armada, teríamos que começar a assaltar bancos e a fazer outros tipos de expropriação financeira. O dinheiro é necessário para comprar armas e para cobrir os gastos da organização. Temos que tirá-lo dos burgueses.

— Quando se fala em assaltos armados, dissera Afonso Mojica, há companheiros que fraquejam e chegam mesmo a desaprovar esse tipo de ação. Quando se discute política é muito fácil falar de luta armada, mas uma coisa diferente é a luta armada na prática. Conversar e teorizar é muito bonito, mas na hora de pegar um revólver ou um fuzil para assaltar um banco ou um quartel, muita gente sente um medo insuperável. Esse medo resulta da falta de consciência ideológica. Alguns pensam: "Vou assaltar um banco. Posso ser preso . Posso morrer. Se eu morrer, minha mulher vai ficar sozinha, meus filhos vão passar fome e meus amigos vão dizer que eu era apenas um delinqüente." E se o sujeito não tem uma consciência ideológica, começa a encontrar uma porção de pretextos para não fazer nada.

— Na verdade, informou Tavares Dias, contamos com muito poucos camaradas decididos no MR 8.

— Nesse caso, será interessante que nos associemos com um grupo de assaltantes experimentados. Daremos uma comissão para eles.

Poucos dias depois dessa conversa, o grupo de assalto

comunista estabeleceu um acordo com um pistoleiro de nome Aristeu e combinou o primeiro assalto. Essa ação de estréia fracassou, entretanto. Embora tudo estivesse planejado e ensaiado, ocorreu um imprevisto. Na hora marcada, por uma estranha coincidência, um carro-patrulha da Polícia estacionou defronte do banco. Afonso Mojica resolveu adiar a ação e retirar-se.

A segunda ação foi executada com sucesso. Daí por diante, novos assaltos se sucederam. O grupo comunista começou a considerar assalto a um banco como um dos tipos mais simples de ação armada.

Afonso Mojica realizava, certa vez, um balanço das ações executadas.

— Os assaltos já deram ao Partido mais de oito milhões de cruzeiros, sem que tivéssemos uma única baixa.

— Os bancos, dissera Tavares Dias, sempre declaram terem sido expropriados de uma importância maior do que a roubada. Procuram tirar mais dinheiro das companhias de seguro. Eles têm também a sua técnica de aproveitar nossos assaltos.

— Chegamos a executar dois assaltos no mesmo dia. Mas tudo isso tem sido possível graças a nossa organização. Um fator importante são os nossos colaboradores dentro das próprias agências bancárias. Como uma regra quase geral, a resistência é mínima. E a Polícia chega sempre atrasada.

Nesse momento, entrou Fujita Kojo, um comunista descendente de japonês e um dos mais ativos elementos do grupo de assalto.

— Tenho uma informação muito importante, declarou ele.

— Diga, falou Mojica.

— Temos uma guerra em vista. Um bando de pistoleiros, rival do grupo de Aristeu, que costuma assaltar na mesma área em que estamos operando, seqüestrou um dos homens do Aristeu e obrigou-o a falar. Localizaram nosso aparelho ontem à noite.

— Como você soube?

— O próprio Aristeu me informou. Ele colocou o tal de

Donato no confessionário e ele revelou tudo o que havia dito para o outro grupo. É provável que eles montem um ataque contra nós.

— A coisa está se complicando. Não tenho medo da Polícia, mas esses bandidos são perigosos. Temos que preparar um plano. Vamos reunir o grupo.

Era no dia 21 de junho de 1968. O Senador Raimundo Bertrand conversava com alguns deputados sobre o problema dos assaltos a banco em seu gabinete de trabalho em Brasília.

— Chegamos à conclusão, dizia ele, que com uma Polícia desaparelhada e desestimulada jamais conseguiremos enfrentar as ações de surpresa realizadas pelos comunistas em suas guerrilhas urbanas. Temos que elaborar um projeto de lei que estabeleça prioritariamente o reaparelhamento material e moral dos órgãos de segurança pública.

— Meu caro Bertrand, disse um dos deputados, o projeto é inviável. O assunto encontra resistências políticas muito sérias. O senhor sabe que a oposição deseja o insucesso do Governo diante da guerrilha urbana. O fracasso do Governo representa votos para a oposição. Existem além disso os colaboradores do Partido Comunista infiltrados no Congresso. Há comprometimentos dentro do próprio Partido situacionista. De mais a mais, sabe o senhor que tudo iria depender da Justiça. E nós sabemos que esses rapazes guerrilheiros estão sendo absolvidos, apesar de existirem leis severas.

— A Polícia, Senador, disse outro deputado, foi sempre esse mesmo problema. Ela sofre as influências da política estadual. Existe infiltração comunista na Polícia. O Partido Comunista está a par de tudo o que se passa dentro da Polícia.

— Como vêem os senhores a solução desse problema?, perguntou o Senador. Os bancos estão sendo assaltados. Não existe o mínimo indispensável de segurança. Não podemos ficar de braços cruzados. Temos que fazer alguma coisa.

— No Brasil, disse um outro congressista, ainda existe muita gente que não crê no perigo comunista. Somente no

dia em que um quartel ou uma personalidade importante forem atacados pelos comunistas é que o Governo se alarmará e começará a tomar providências .

— É lamentável, disse o Senador, que fiquemos na dependência de um acontecimento infausto para começarmos a ter a consciência do perigo. O senhor me faz lembrar o episódio de Pearl Harbour na Segunda Guerra Mundial. Dizem alguns autores que, embora tivesse conhecimento do perigo, o Governo americano deixou que ocorresse o ataque japonês como um recurso para motivar a opinião pública americana.

O Senador levantou-se.

— Muito obrigado, meus senhores, disse ele. Vamos pois esperar que alguma coisa aconteça e desperte o leão.

No dia seguinte, os terroristas atacaram um hospital militar e quatro dias depois lançaram uma bomba em um quartel-general do Exército.

O encontro entre Aristeu e Ramon Franco ocorreu uma noite em um bar de Copacabana. Ambos os pistoleiros acompanhavam-se por dois capangas. Ramon tinha marcado essa reunião por telefone.

Sentaram-se numa das mesas da calçada, aspirando o ar fresco que vinha do mar.

— Bonita noite hoje, disse Ramon.

— Bonita noite, disse Aristeu. Você me chamou, eu estou aqui.

— Estou em missão de paz, disse Ramon. Acho que é melhor nos entendermos do que nos guerrearmos.

— Também penso assim.

— Você se juntou com os "comunas" e quebrou o nosso acordo.

— Não quebrei o nosso acordo. Eu me comprometi apenas a dar cobertura para os "comunas". Mas não sou eu que estou fazendo os assaltos.

— De qualquer modo, isso está me prejudicando.

— Longe de mim qualquer intenção de prejudicar um amigo como você.

— Bem, eu queria propor um negócio.

— Eu topo qualquer negócio com você.

Ramon Franco mandou buscar cerveja. Levantou o copo e brindou à saúde do rival.

— Que Deus lhe dê uma vida longa.

— O mesmo pra você, disse Aristeu.

— O negócio é o seguinte: eu descobri que a alma disso tudo é o espanhol chamado Mojica.

— Bom, ele é o chefe. Veio do estrangeiro para ensinar a técnica para a rapaziada.

— Eu queria que você me entregasse ele. Só isso.

— Quase impossível.

— Por quê?

— Ele é muito arisco. Tem o faro do perigo.

— Mas você vai dar um jeito, não é ? Eu te dou um milhão por ele.

— Vou fazer o possível. Você vai esperar um telefonema. Mas deve me dar qualquer coisa por adiantamento, não é?

— Dou a metade. Pode mandar alguém receber em meu escritório amanhã.

Aristeu sorveu de um trago o restante do copo.

— Combinado. Gosto de lidar com gente de palavra.

— Eu também.

Apertaram-se as mãos.

Dois homens entraram na loja do comerciante. Queriam falar com o dono do estabelecimento.

— Mande-os entrar, disse Isac Ognestein.

Era um judeu de origem polonesa. Fugira do gueto de Varsóvia quando os russos tomaram a capital da Polônia. Viera para o Brasil e trabalhara duramente. Hoje a sua fábrica de jóias era uma organização modelar e florescente

— Que desejam os senhores, disse ele aos dois visitantes que sentaram defronte de sua secretária de trabalho. Trata-se de negócio? Como vêem, sou um homem muito ocupado.

— Não vamos tomar muito de seu tempo, disse um dos dois desconhecidos. Vamos ser muito breves. Nós somos membros do Partido Comunista e viemos solicitar uma contribuição para o Partido.

Isac olhou-os espantado.

— O quê? Contribuição para o Partido Comunista? Os senhores estão loucos?

— Não, não estamos, Sr. Isac Ognestein. Tenho aqui uma carta do Partido Comunista da Polônia, recomendando que o procurasse no Brasil. O senhor tem parentes lá. A saúde e o bem-estar de seus parentes dependem da resposta que enviarmos para a Polônia. Se dissermos que o senhor colaborou conosco, eles gozarão boa saúde e terão uma vida confortável. Mas se o PC Polonês souber que o senhor se recusou, naturalmente eles serão considerados como traidores.

— Os senhores não podem fazer isso, disse o comerciante indignado. Isso é uma chantagem vil e indigna.

— Seja lá o que for. Nós não temos nada com isso. Somos apenas intermediários do Partido. O senhor veio para o Brasil gozar as delícias do capitalismo. Aqui, em nosso país, o senhor explora o trabalho do povo. É justo que o senhor seja obrigado a colaborar com o partido do povo: o Partido Comunista.

— Saibam vocês que eu não vim para o Brasil a fim de gozar o que vocês chamam de "delícias do capitalismo". Eu vim fugindo do inferno comunista. Eu vim para evitar a prisão e o fuzilamento. Cheguei aqui, trabalhei e conquistei essa posição com o suor do meu rosto. Não explorei ninguém. Vendi fazenda na rua. Aprendi ourivesaria. Trabalhava sozinho dia e noite, até que pude ampliar a minha fábrica. Vocês é que são os exploradores do trabalho alheio. Exploração e chantagem é o que vocês estão fazendo agora. Mas está bem. Estou disposto a pagar a segurança de meus parentes na Polônia. Digam o que desejam.

O comunista que tinha tomado a iniciativa da conversa virou-se para o outro que se mantinha calado e perguntou:

— Quanto você acha que devemos pedir a esse judeu imperialista?

O outro disse entre os dentes:

— Podemos estabelecer uma contribuição mensal de cinco mil cruzeiros.

— É um absurdo, protestou Isac, vocês querem levar vários dias de meu trabalho.

— Não, camarada judeu imperialista, estamos levando apenas a mais-valia.

Isac Ognestein abriu o cofre e retirou um maço de notas. Entregou-o aos comunistas.

Os dois indivíduos desceram as escadas do escritório.

— Mojica, disse um deles na saída. Essa operação é mais fácil que o assalto a banco.

— Mas rende muito menos, disse o outro.

Na esquina, entraram em um carro que os esperava. Não repararam que um outro carro passou a seguí-los a distância.

Quando chegaram em uma rua calma do subúrbio, o carro de trás buzinou.

— Olá Mojica, disse um dos indivíduos que vinham no automóvel à retaguarda. O Aristeu pediu-me que te procurasse. Deseja muito falar com você. É assunto importantíssimo. Um negócio de milhões para amanhã.

— Está bem. Onde está ele?

— Na Tijuca. Vamos levá-los lá.

— Os dois carros retornaram e saíram em boa velocidade em direção à Tijuca.

Quando os dois automóveis chegaram, pelo caminho íngreme e deserto, à casa antiga, perdida nas matas da Tijuca, Aristeu, que olhava pela vidraça da janela, disse a Ramon Franco:

— Os homens estão aí. A promessa está cumprida.

O outro levantou-se da confortável poltrona em que se aconchegava, sorvendo calmamente o seu copo de uísque.

— Obrigado, companheiro. Você é um homem de palavra.

De repente, ouviram-se tiros e gritos. Surgiu, na sala, esbaforido, um dos bandidos.

— Matamos um dos "comunas", mas o espanhol fugiu. Está ferido. Embrenhou-se na mata. Temos vários homens atrás dele. Não escapará.

— Vocês são uns paspalhões, disse Ramon Franco. Como é que vão perder um "cara" desses. Vocês vão ter que me dar conta dele. Se não o pegarmos hoje, não o pegaremos nunca mais.

— É o diabo, disse Aristeu. Eu devia ter tomado o assunto a meu cargo pessoal.

— Eu sei, companheiro, falou Ramon. Você não tem culpa nenhuma.

Olhou pela janela. A noite vinha descendo rapidamente e caía uma chuva fina e insistente.

— Vai ser difícil achar esse "comuna" no meio do mato e com um tempo desses, disse Ramon.

Duas horas depois, os homens de Ramon e Aristeu regressavam à base. Tinham sido improfícuas as batidas na mata. O espanhol tinha escapado mesmo.

O bancário Domingos Luz vinha do trabalho para casa, nessa noite, dirigindo seu carro, na estrada da Barra da Tijuca, quando alguém lhe acenou pedindo que parasse. Observou melhor à luz dos faróis. O homem estava esfarrapado e havia sangue em suas vestes. Resolveu parar o veículo.

— Fui assaltado, disse o desconhecido, com um sotaque lusitano. Estou ferido. Por favor, socorra-me.

— Entre, disse Domingos. Vou levá-lo a um hospital.

O outro entrou no carro.

— Por favor, não me leve a um hospital. Meu ferimento não é grave. Basta um pequeno curativo. Eu não queria que minha família soubesse que estou por aqui. Se for a um hospital, haverá escândalo.

— Compreendo, disse Domingos. Levá-lo-ei para minha casa. Tenho um vizinho que é médico. Pedirei que ele o atenda.

— Muito obrigado. Telefonarei para minha família, tranqüilizando-a.

Quinze minutos depois, o bancário chegava à casa. Com auxílio de sua esposa e de seus dois filhos atenderam ao ferido, oferecendo o banheiro e roupas limpas.

— Vou chamar o médico. Se quiser usar o telefone, o aparelho está em meu escritório.

Subiu ao primeiro andar para apanhar um guarda-chuva. Ouviu em uma extensão telefônica do quarto o som da campainha denunciando a discagem. Teve curiosidade de escutar o que diria ao telefone o desconhecido. Colocou o fone no ouvido e testemunhou um estranho diálogo:

— Fomos traídos, dizia o espanhol em voz baixa. O Tavares está morto. Eu consegui fugir.

— Mas quem fez isso?, perguntou a outra voz.

— Foi o Aristeu e seu pessoal. Eles nos atraíram para uma casa na Tijuca. Quando percebi a cilada, corremos. O Tavares foi atingido e caiu. Eu só fiquei ferido no braço e pude escapar.

— Onde é que você está?

— Na Barra da Tijuca. Não pude perceber o nome da rua. Mas é perto da ponte. Logo depois. O nome do sujeito é Domingos Luz.

— Fique tranqüilo que logo descobriremos e vamos apanhá-lo. O Partido vai tomar conta desse caso. Procure permanecer onde está.

— Certo.

Domingos ouviu o ruído do desligar do telefone. Estava intrigado. Saiu à procura do médico vizinho.

— Doutor Mendes, tenho um ferido em minha casa. Pediu-me carona na estrada. Disse que tinha sido assaltado. Foi baleado no braço. O senhor poderia vê-lo.

— Esses casos de ferimento a bala devem ser levados a um hospital.

— O ferido pediu-me que não fizesse isso. Alegou que temia um escândalo. Não queria que a família soubesse. Mas, por acaso, ouvi a conversa que manteve no telefone com outra pessoa. Contava uma história diferente. Falava que tinham sido traídos. Que alguém havia sido morto e que ele havia escapado. A outra voz declarou que o Partido iria tomar conta do caso. Disse-lhe que esperasse, pois viriam buscá-lo.

— A coisa está complicada, disse o médico. Já percebi. Esse Partido é o Partido Comunista e o senhor está com um comunista ferido em sua casa.

— O que, doutor? Não me diga! Que acha que devemos fazer?

— Antes de mais nada, vou telefonar para a Polícia. Depois, vamos atender ao ferido como se nada houvesse.

O Doutor Mendes ligou para a delegacia. Chamou o delegado. Não estavam: nem o delegado, nem o comissário. Atendeu de má vontade, um investigador.

— Sou o Dr. Mendes Trigueiro. Queria que os senhores tomassem uma providência. Temos aqui um comunista que foi baleado. Está em casa do Sr. Domingos Luz, na Barra da Tijuca.

— O comunista está vivo ou morto?, perguntou o investigador.

— Está vivo.

— E que o senhor quer que eu faça? Leve-o a um médico.

— Eu sou médico.

— Então trate dele, doutor. Eu não posso fazer nada. Estou sozinho na delegacia e estou atendendo a uma mulher que apanhou de um marido bêbado.

— Mas, meu amigo, o homem é um comunista.

— Isso não quer dizer nada. O homem que bateu na mulher também pode ser comunista. O que interessa é o fato e não as idéias do homem.

— Mas ele está baleado.

— Se ele está vivo, mande para um hospital. Se ele morrer, chame o Instituto Médico Legal. Boa noite, doutor.

E desligou o telefone.

O médico colocou o fone no gancho, desanimado.

— E agora, o que faremos, doutor?, perguntou o bancário.

— Vamos fazer o que o investigador mandou: vamos tratar do homem.

Saíram. Quando chegaram à casa do bancário, a esposa deste declarou:

— Vocês demoraram muito. Ele já foi. Vieram buscá-lo. Dez minutos depois que Domingos saiu, parou um carro com dois indivíduos e levaram o ferido. Ele agradeceu e disse que não podia esperar.

— Que carro foi?, perguntou Domingos.

— Parecia um Galaxie cinza.

Poucos dias depois, o bancário Domingos Luz foi chamado à Delegacia para prestar um depoimento. Um indivíduo sério, com ares misteriosos, cumprimentou-o secamente e mandou que se sentasse:

— Sou da Seção de Informações Sigilosas da Polícia.

Tenho uma denúncia de que o senhor socorreu e deu asilo a um terrorista ferido. Não sei se o senhor ignora que está incurso na Lei de Segurança Nacional.

— Não sei de nada disso, declarou o bancário. Um homem pediu-me socorro na estrada. Apanhei-o e o trouxe para minha casa. Ele estava ferido.

— Por que não o levou para um hospital?

— Porque ele me pediu. Chamei um médico para vê-lo.

— Por que não comunicou à Polícia?

— O Dr. Mendes chamou a Polícia, mas o investigador disse que não podia atender, que estava sozinho na Delegacia cuidando de uma mulher que havia apanhado de um marido bêbado.

— Isso é uma história em que não posso acreditar. Qual o nome desse investigador?

— Não sei. Quem falou com ele foi o Dr. Mendes Trigueiro.

— Vamos apurar isso. Agora quero saber há quanto tempo o senhor está no Partido Comunista?

— Nunca pertenci ao Partido Comunista. Nem sei o que é isso.

— Então o senhor nega que pertence ao Partido Comunista?

— Nego. Estou admirado de me perguntarem semelhante absurdo.

— Muito bem. Vou então apresentar-lhe uma pessoa que o senhor deve conhecer muito bem e foi quem o denunciou.

O agente tocou uma campainha e deu uma ordem rápida a um guarda. Dentro de alguns minutos, surgiu de volta o guarda trazendo um preso, com o braço enfaixado numa tipóia. Domingos reconheceu nele o homem que havia socorrido.

— Conhece este homem?, perguntou o policial ao preso.

— Sim, conheço. É um companheiro de nosso grupo de assalto.

— O quê?, disse Domingos espantado. Do seu grupo? Nunca pertenci a grupo de espécie alguma.

— Ele pertence ou não pertence ao grupo e ao Partido?, indagou novamente o policial.

— Ele é um companheiro do Partido e trabalha conosco, reafirmou o prisioneiro. É conhecido no Partido pelo pseudônimo de "Rocha". É um bom rapaz. Nos assaltos ele só dirigia os carros.

— Esse homem está louco, esbravejou Domingos, pálido de indignação. Está mentindo. Nunca o tinha visto antes do dia em que o socorri na estrada.

— Sinto muito, declarou o agente. Até que apuremos isso, o senhor ficará detido.

O guarda levou os dois presos e os trancou no xadrez. Domingos estava arrasado.

— Por que você mentiu dessa maneira cínica e solerte?, perguntou ao comunista.

— Você vai desculpar-me, respondeu o outro. Sei que é uma sujeita, mas nós, os comunistas, temos uma outra moral.

— Mas o que você está ganhando, envolvendo um homem inocente?

— Quanto mais gente for envolvida nisso e quanto maior for a confusão, melhor será para nós.

— Vocês são uns patifes, sem escrúpulos, falou Domingos enraivecido.

— Calma, rapaz, respondeu o outro, esse negócio de escrúpulos é muito bom para vocês, imperialistas. Nós, os comunistas, estamos em uma luta muito mais importante do que os escrúpulos do imperialismo.

Domingos chegou até a porta da prisão e chamou um guarda.

— Por favor, senhor, não queria ficar preso ao lado deste homem.

— Infelizmente não podemos atendê-lo, declarou o guarda.

— Queria falar com minha esposa, ela não sabe que estou preso.

— Impossível, disse o guarda, o senhor está incomunicável.

Domingos sentou-se numa das camas do xadrez, com a cabeça entre as mãos. Não sabia o que fazer. Estava completamente desorientado.

Enquanto isto, Afonso Mojica fazia flexões de pernas.

— É preciso manter a forma física durante o tempo da prisão, disse ele. Isso faz parte da técnica. Nós, os comunistas, estamos preparados para suportar quaisquer tipos de restrições. Você vai aprender muita coisa, camarada.

Domingos não respondeu nada.

O Capitão Horácio Alves, do Serviço Secreto, trocava idéias com o Dr. Elias Vasconcelos, Chefe do DOPS.

— Estou intrigado, dizia o Dr. Vasconcelos. Esse rapaz já foi interrogado várias vezes. Protesta a sua inocência, enquanto o terrorista insiste em incriminá-lo. Investigamos todos os seus antecedentes. Não existe nada contra ele. Seu conceito no banco é excelente. Não está fichado como membro do Partido. O Dr. Mendes Trigueiro confirmou a sua versão dos fatos. Não compreendo por que o Partido demonstrou tanto interesse por ele. Os três advogados do setor jurídico do Partido estão defendendo-o com tanta veemência como a Afonso Mojica.

— O Partido atua, certas vezes, desse modo para despistar as investigações. Associando os casos de Domingos Luz e Afonso Mojica, estão enfraquecendo as acusações contra o segundo. Querem demonstrar à Justiça que a Polícia age discricionariamente e sem provas. É preciso que vocês não caiam nessa armadilha. Se o Partido conseguir unificar os processos, vai obter a absolvição de Mojica. Toda a argumentação focalizará a inocência de Domingos.

— Mas quem teria atirado em Mojica?

— O Dr. Trigueiro, em seu depoimento, declarou que Mojica havia mencionado, na conversa telefônica, um outro comunista morto. Se, como sabemos, não houve nenhum encontro com a Polícia naquele dia, então trata-se de uma luta entre grupos rivais por causa dos assaltos a banco. Nós sabemos que o pessoal do MR-8 associou-se a bandidos colaboradores que lhe dão cobertura nos assaltos aos bancos. É possível que tenha ocorrido um desentendimento entre os comunistas e os pistoleiros.

— Tivemos notícia de que a Justiça concederá "habeas-corpus" aos dois presos. Gostaria de saber como o senhor acha que devemos proceder.

— O Serviço deseja que a Polícia aparente uma desorientação completa. O terrorista deverá ser posto em liberdade imediatamente, mas deverá ser destacada uma vigilância para acompanhar todos os seus movimentos. Agora, o Domingos Luz só deverá ser posto em liberdade após a concessão do "habeas-corpus".

— Qual o objetivo dessa atitude?

— É uma tática do Chefe do Serviço. Não compreendi bem a sua manobra. Mas ele geralmente age por surpresa.

O Dr. Elias Vasconcelos chamou um investigador e deu as ordens para execução das ações que acabavam de assentar.

Dois dias depois de ter sido detido incomunicável, Domingos Luz foi posto em liberdade. Havia sido interrogado várias vezes. Já estava ficando perturbado.

— Não conseguimos apurar as suas ligações com o Partido Comunista, disse-lhe o delegado Gerson Gonçalves. O senhor será, entretanto, processado por ter colaborado com um comunista assaltante e terrorista.

— Eu ignorava isto completamente, respondeu Domingos. Afinal os comunistas não são diferentes de quaisquer outras pessoas, penso eu.

— O senhor está enganado, disse o policial. Eles são completamente diferentes.

Domingos despediu-se do delegado. Pareceu-lhe um homem sério e enérgico. Pensando naquela acusação descabida que motivara a sua prisão, concordava com o delegado. Sim, os comunistas eram pessoas completamente diferentes. Lembrava-se do sorriso cínico daquele mentiroso, incriminando o homem que o havia socorrido.

Ao chegar a casa, esperavam-no a esposa e os filhos ansiosos. A mulher abraçou-o com lágrimas nos olhos.

— Ficamos muito preocupados com a sua prisão, meu querido, disse ela. Mas, na Polícia, foram muito gentis conosco. Disse-me o Diretor do DOPS que não me desesperasse, pois você seria posto em liberdade dentro em pouco, mas que havia necessidade de mantê-lo preso. Não me quis revelar o motivo.

— Eu também não compreendo a razão por que liber-

taram o comunista que me acusou e me mantiveram preso um dia mais. Estou completamente aéreo.

— O Gustavo descobriu de quem era o automóvel que veio aqui buscar o terrorista.

Gustavo era o filho mais velho de Domingos. Era um menino inteligente e dotado de grande vivacidade.

— Vem aqui, Gustavo, chamou a mãe. Conte ao pai de quem é o carro que apanhou o comunista.

— O carro, papai, era um Galaxie cinza, modelo 1974. Naquela noite em que estiveram aqui, reparei que a terminação da placa era 61. Investigando com alguns companheiros, descobri que o automóvel era guardado em uma casa aqui perto. Soubemos que pertence ao Dr. Elói Matos, gerente do Banco Regional.

— Espere, vou anotar esses dados. Mas, por favor, não revele a ninguém que você descobriu isso, está bem?

— Sim, papai.

O bancário ficou pensativo.

— Que é que você vai fazer?, indagou-lhe a esposa. Vai denunciá-lo à Polícia?

— Não. Não vou fazer nada. Há muita gente importante envolvida nisso. Vou dar graças a Deus se conseguir provar que não fui eu quem assaltou os bancos.

E foi descansar porque há dois dias não dormia.

Alguns dias depois, estava o bancário Domingos Luz em sua mesa de trabalho, despachando uns papéis, quando foi chamado ao gabinete do gerente.

— Domingos, disse-lhe o chefe, há um oficial que deseja conversar sigilosamente com você. É o Capitão Horácio Alves. Vocês ficarão na sala de reuniões.

Domingos dirigiu-se para o local e, logo em seguida, chegou o oficial, acompanhado de um contínuo que se retirou, fechando a porta.

— Sou o Capitão Horácio Alves e estou investigando o caso dos assaltos aos bancos. Queria fazer-lhe algumas perguntas.

— Já me interrogaram muito na Polícia, disse Domingos. Já revelei praticamente tudo o que sei.

— Mas existem alguns detalhes que precisamos descobrir.

O Capitão era uma figura simpática e infundia confiança.

— Peço-lhe que fique inteiramente à vontade. Esta conversa é absolutamente informal. Nada tem com o processo policial. Aliás, estou inteiramente convencido de sua inocência nesse caso.

— Terei o maior prazer em responder-lhe, declarou Domingos. Estou revoltado com as acusações que aquele patife me fez.

— O senhor recolheu o comunista Afonso Mojica na estrada da Barra. Ele estava ferido e com as roupas rasgadas, sujas e ensangüentadas. Parecia muito cansado. Devia ter corrido, através da mata, talvez um quilômetro, não acha?

— Sim, ele estava desesperado e com a fisionomia transtornada. Notei que suas roupas haviam sido rasgadas por espinhos. Devia ter corrido por dentro da floresta, possivelmente.

— Ele estava ofegante?

— Sim, estava.

— Isso indica que possivelmente ele havia subido uma elevação. O local de onde veio deveria estar abaixo. Muito bem. O senhor o trouxe à sua casa e, em seguida, ouviu a conversa telefônica na extensão existente em seu quarto. Na conversa, o senhor ouviu algum nome mencionado?

— Realmente, eu me recordo que Mojica disse que um tal de Aristeu é quem tinha armado a cilada e que o Tavares havia sido morto.

O Capitão Horácio anotou esses nomes numa caderneta.

— Depois, o senhor foi buscar o médico, o Dr. Trigueiro. Quando o senhor voltou, o comunista já tinha partido. Tem uma idéia do automóvel que o levou?

— Era um Galaxie cinza. Meu filho disse-me que havia identificado esse carro.

— Devia ser de alguém que reside próximo de sua casa, não?

— Meu filho disse que o carro pertence ao Dr. Elói Matos, gerente do Banco Regional. Mas eu não posso assegurar a veracidade dessa informação. Não vi o carro. A única

observação que me deixou propenso a acreditar nessa versão foi que muito pouco tempo decorreu entre o telefonema e a chegada do carro.

— Quantos minutos aproximadamente?

— Uns quinze minutos.

— O Capitão fez novas anotações em sua caderneta.

— Sr. Domingos Luz, parece que já me deu as informações de que eu necessitava. Quero pedir-lhe apenas para não mencionar essa conversa a ninguém.

— Sim, senhor. Posso perguntar-lhe se tem conhecimento de processo que a Polícia vai instaurar contra mim?

— Creio que o senhor será liberado, disse o oficial. E apertou-lhe a mão.

No dia seguinte, o Capitão Horácio Alves destacou uma vigilância especial para acompanhar todos os movimentos do gerente bancário Elói Matos.

Tudo decorria sem acontecimentos dignos de nota quando, mais ou menos uma semana depois, entrou em seu gabinete o Dr. Elias Vasconcelos, extremamente preocupado.

— O homem vai fugir. O Elói Matos. Solicitou passaporte para a França, a Alemanha e a Áustria. Vamos prendê-lo.

— Absolutamente. Não façam nada ao Dr. Elói Matos.

— Mas ele vai fugir.

— Não, contestou o oficial com segurança. Garanto-lhe que não vai fugir.

— Acha então que devemos conceder-lhe o passaporte?

— Claro. Sem nenhuma objeção.

— O que vai fazer ele na Europa?

— Vai passear.

— E se ele não voltar mais?

— Se não voltar, ficaremos livres de um colaborador dos comunistas.

O Dr. Elias Vasconcelos baixou o olhar desanimado.

— Eles têm tantos colaboradores que um a menos não fará falta, não é?

— É verdade.

— Sinto que não possamos usar contra eles as mesmas armas que usam contra nós.

— Nossa moral é diferente. Nossos processos não podem ser idênticos.

— Estimo que esteja com a razão, disse o Dr. Elias, sorrindo.

— Certamente que estou, meu nobre amigo. E agora está convidado para tomar um cafezinho.

IX — A LISTA

Eram oito horas quando José Pires foi chamado pelo Secretário-Geral (Substituto) do Partido Comunista. Apanhou a correspondência para despacho. Havia vários casos a resolver. Um estudante na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou, estava criando problemas e deveria ser recambiado para o Brasil. Uma grande quantidade de livros e revistas de propaganda soviética havia sido apreendida pela Polícia no Sul do País. A Seção Juvenil do Partido tinha elaborado um projeto de Resolução Política para a Juventude.

José Pires era um jovem universitário de vinte e cinco anos, calmo e eficiente. Organizava todos os dias o expediente e estabelecia a agenda de trabalho do Secretário-Geral. Tinha facilidade de redação e possuía uma excelente memória.

— José, disse Soares, deixe aqui a correspondência de hoje e faça-me um resumo sobre os indivíduos dessa lista.

Entregou-lhe o papel a que se referia e acrescentou:

— Já os conheço quase todos. Mas preciso confirmar minha impressão e obter mais alguns dados sobre eles.

José recebeu a lista e retirou-se. Estava acostumado a trabalhar com Soares. Sabia que ele gostava que as coisas fossem feitas com brevidade. Assim, dentro de uma hora já estava de regresso com os resultados.

Sentou-se junto à mesa de Soares e abriu o "dossier" que organizara.

— Vejamos o que tem você sobre esses camaradas. Quero as características principais de cada um.

— Esse primeiro, começou José Pires, é Alexandre Caiado, diretor da Faculdade de Psicologia da Universidade. É um elemento do Partido, lotado no Comitê Estadual, mas não é ativista, nem atua na fração da Faculdade. Isto porque seu trabalho é principalmente clandestino. Não está fichado na Polícia. Mantém estreito contato com a Comissão Executiva, por intermédio do camarada Tomás Bicalho. É um dos melhores agentes de informações infiltrados no meio universitário. Atualmente, seus planos de agitação e propaganda têm sofrido certa oposição de um grupo de estudantes reacionários. É um indivíduo fechado, pouco comunicativo. Não temos nenhuma observação especial sobre sua fidelidade partidária. É inteligente e goza de bom conceito na congregação da Universidade. Tem amizades no gabinete do Ministro da Educação.

O Secretário-Geral fez algumas anotações em sua caderneta e mandou que José Pires continuasse.

— Esse outro, prosseguiu o rapaz, é o ex-deputado Salomão Nelino. É um sujeito vivo e oportunista. Enriqueceu à custa de negócios e teve grande projeção política, no tempo de João Goulart. Está hoje em decadência. Aderiu aparentemente à Revolução de 1964 e inscreveu-se no Partido do Governo, talvez receoso de uma investigação mais profunda sobre sua conduta política e seus negócios. Tem amigos em todos os lados. É insinuante e escorregadio. Não sei como não foi penalizado. Continua prestando serviços ao nosso Partido, contribuindo financeiramente e fornecendo informações. É covarde e pusilânime. Ainda exerce influência política e mantém interesses em negócios imobiliários com importantes grupos econômicos.

— Um grande salafrário, em suma, sintetizou Soares.

— Exato. O terceiro nome da lista é o do professor Miguel Lindemberg. Esse é um cientista que já participou de vários congressos internacionais comunistas, mas em cuja capacitação ideológica não se pode confiar. É um Sakharov brasileiro. Sujeito irresponsável e ingênuo. Pode ser facilmente manipulado pelo Partido, mas, de repente, escapa de nossas mãos. Só se preocupa com suas pesquisas. É idealista e acredita que poderá haver paz no mundo no dia em que os cientistas assumirem o controle do Universo. É inteiramente inofensivo. Tem prestado serviços ao Partido, na maioria das vezes sem saber o que está fazendo.

— Vejamos o quarto nome.

— Este é o jornalista Azevedo Franco. É um desses católicos progressistas. Leciona na Pontifícia Universidade Católica e escreve nos principais jornais do Rio e de São Paulo. Não é comunista, mas seus artigos de oposição ao Governo acompanham nossa linha política. Por isso procuramos uma aproximação com ele. Recebeu-nos com simpatia. Manteve um diálogo amigável conosco. Oferecemos a ele uma viagem à União Soviética. Aceitou e retornou bem impressionado. Isso nos permitiu cerrar o contato e assegurar um acordo tácito de auxílios mútuos. Nossos elementos no meio literário e jornalístico procuraram apoiá-lo e ele nos é muito grato por causa disso. É um excelente "companheiro-de-viagem".

— Precisamos preservar esse entrosamento, pois camaradas como o escritor Azevedo Franco constituem uma inestimável base de apoio das ações e da Política do Partido.

— O quinto nome da lista, continuou José Pires, é Gervásio Tobias. É um canastrão, com muitos serviços prestados ao Partido, quando estava na direção do Conselho do Planejamento da Reforma Agrária. Atualmente afastou-se, mas pode ser recuperado. Seus dotes intelectuais são muito fracos. Não tem caráter. É um desses simpatizantes que sempre aparecem quando o Partido está mandando. Desses que, na hora do perigo, fogem e até passam para o outro lado. Não se pode confiar nele.

— É também essa a minha impressão, confirmou Soares.

— Temos aqui um sexto nome. A estudante Rosa Maria de Almeida. Boa moça. É uma ativa e sincera comunista. Pertence a uma fração na Universidade. É inteligente. Namorava um jovem reacionário. Tentou convertê-lo inutilmente. Indicou-o para a nossa delegação ao 10º Festival da Juventude, mas ele deu uma alteração e teve de ser recambiado. O Partido impôs que ela rompesse com ele. Rosa Maria obedeceu, mas sentimos que o fez muito constrangida. É difícil dizer até onde vai a sua fidelidade partidária, diante de seus sentimentos de mulher.

José Pires fez um pequeno intervalo, esperando um comentário do seu chefe, mas ele nada disse.

— O sétimo nome, retornou o rapaz, é o do Dr. Elói Matos. Este é gerente do Banco Regional. Tem colaborado com o Partido, fornecendo informações sobre a rede bancária. É inteiramente insuspeito. Apoiou Afonso Mojica, do MR-8, quando este foi ferido. Não tem formação político-ideológica. Sua adesão atende a interesses pessoais. O assalto a seu banco foi planejado com seu assentimento e colaboração. Ganhou alguns milhões nessa operação, pois recebeu muito mais da companhia de seguros do que foi realmente roubado. Aparentemente é um dos mais exaltados nos protestos contra os assaltos.

José Pires fechou o seu "dossier" e perguntou:

— Deseja mais algum dado, ch[illegible]

— O quê? Um passeio a Paris? Fala sério?

Elói Matos sempre desejara voltar a Paris, onde estivera há muitos anos atrás. Depois, as atribulações profissionais não lhe permitiram mais voltar à França. E ele guardara eternas recordações daquela semana que lá passara, deliciando-se nas inumeráveis distrações da capital francesa.

— Recebemos um pedido para mandar um emissário, com passagem e estada pagas, durante uma semana. Terá apenas que trazer uma pasta ou maleta de documentos que nos são destinados, mas que devem ser transportados pessoalmente.

— É assunto de responsabilidade?

— Penso que sim. A maleta virá fechada. E o senhor não precisará preocupar-se, pois tomaremos todas as precauções de segurança.

— Não haverá problemas na Alfândega? Poderão exigir que a maleta seja aberta.

— Não, haverá elementos nossos para facilitar tanto sua partida de Paris, como sua chegada ao Rio de Janeiro.

— E onde devo apanhar essa maleta?

— Quando o senhor chegar a Paris, haverá um elemento nosso aguardando. Tudo virá ao seu encontro. Então, concorda?

— A proposta é irrecusável.

Pouco depois, João Fábio procurou Soares Cunha, na sede da Comissão Executiva do PC.

— O homem aceitou. Podemos [illegible]

X – A VIAGEM

Oficialmente, os episódios ligados à viagem do Dr. Elói a Paris não ficaram esclarecidos. Ele partira do Rio de Janeiro em novembro de 1970 com destino a Paris. A missão, que lhe fora atribuída pelo Partido Comunista, consistia em trazer uma maleta de mão lacrada com documentos. Na verdade, ele desconhecia que nessa maleta viriam para o Brasil duzentos mil dólares americanos, destinados a custear atividades comunistas no País.

Elói Matos despediu-se muito alegre de sua família no Galeão, com a promessa de voltar na semana seguinte. E nunca mais o viram os seus familiares. Apesar de todos os esforços de seus parentes e das autoridades brasileiras em localizá-lo, não chegaram a uma conclusão sobre o seu destino. O assunto não teve divulgação pela imprensa, pois ninguém tinha interesse em trazer à luz esses acontecimentos.

Um relatório da Interpol à Polícia brasileira apresentou duas versões. A primeira, era a de que Elói Matos teria falecido em um desastre aéreo, ocorrido no dia 1.º de janeiro de 1971, em Moscou, com um avião II-18 da Aeroflot, que se destroçou durante a decolagem, matando noventa pessoas. A outra versão era a de que o brasileiro teria fugido com o dinheiro para Portugal, onde permanecia.

Ambas essas versões eram verossímeis, pois realmente Elói Matos devia ter partido de Moscou naquela data, conforme consta de uma carta que enviou à família. Descobriu-se, por outro lado, que um indivíduo chamado Pierre Blancard, acompanhado de um brasileiro, cujos traços correspondiam aos de Elói Matos, alugara um carro em Paris com destino a Lisboa. Mas a identidade de Blancard era falsa e a Interpol perdeu inteiramente a sua pista.

Um oficial do Serviço Secreto realizou um estudo paciente e meticuloso sobre o caso. Coletou um sem-número de indícios e de informações sobre todas as fontes disponíveis e elaborou um relatório mais elucidativo, o qual possivelmente corresponde à realidade. É o seguinte o teor parcial do documento:

Relatório Sintético

Depois de exaustivas investigações em torno do desaparecimento do Dr. Elói Matos, este Encarregado concluiu que a hipótese mais plausível é a de que o bancário tenha realmente conseguido regressar ao Brasil, onde foi assassinado, após cumprir a missão que lhe atribuíra o Partido Comunista.

O Dr. Elói Matos deixou o Brasil, em viagem aérea para Paris, a 23 de novembro de 1970. Nesse mesmo avião viajavam várias pessoas interessadas no caso, a saber: Takuro Yamava, descendente de japonês e membro do PC, encarregado da segurança do Dr. Elói Matos; John Tripplet, norte-americano, da Interpol; Paulo Bustamante, brasileiro, da Polícia Federal; Mano Cianescu, romeno, agente da KGB.

A viagem decorreu sem novidades. Em Lisboa houve uma parada mais prolongada para reparação do equipamento rádio de bordo. Aí embarcaram mais dois elementos: Jean Bernier, da Polícia francesa, e Raimundo Duarte, brasileiro, comunista, exilado em Paris.

Assim, quando desceu no Aeroporto de Orly, às quatorze horas do dia seguinte, Elói Matos estava, sem saber, acompanhado por seis pessoas com objetivos independentes.

Esperava-o, em Paris, Aristides Franco, comunista brasileiro, agente da KGB. Recebeu-o e conduziu-o para o Hotel Ile de France, onde tomou o quarto número 305. Os telefones do hotel passaram a ser censurados pela Polícia

francesa, em coordenação com a Interpol. Uma agente, disfarçada em camareira, colocou um microfone no aposento.

As gravações feitas revelaram que Aristides Franco tinha sido designado para apoiar o bancário brasileiro. Ele não mantinha um acompanhamento constante, talvez para não criar constrangimentos. Elói Matos perguntou pela maleta que deveria conduzir para o Brasil. Aristides informou que ele a receberia oportunamente e que ele próprio não sabia onde e quando seria feita a entrega.

Certa ocasião, quando Elói Matos fazia algumas compras em uma casa comercial, Paulo Bustamante, da Polícia Federal, aproximou-se dele e, a propósito do fato de terem viajado juntos, entabulou uma palestra com ele. Convidou-o para almoçar. Nessa noite, Bustamante foi vítima de um atentado a tiros, logrando, entretanto, escapar, ferido no ombro. Teve de ser imediatamente substituído por André Vidal, em virtude de ter sido identificado pelos agentes da KGB.

Elói Matos levava, em Paris, uma vida indolente, dedicada principalmente a distrações noturnas. Teve um encontro com uma moça não identificada, possivelmente uma comunista brasileira, vivendo em Paris.

No dia 30 de novembro, Elói Matos recebeu uma comunicação telefônica de Aristides Franco, com o qual combinara uma senha. Aristides disse-lhe que, em virtude de um atraso na preparação dos documentos, possivelmente ele teria que permanecer mais alguns dias em Paris.

Elói Matos escreveu uma carta à família, informando sobre a possibilidade de prolongar a sua permanência, alegando problemas de negócios.

Aparentemente, o bancário alegrou-se com essa perspectiva, pois estava gostando da vida em Paris.

No dia 5 de dezembro, subitamente, alguém se aproximou de Elói, entregando-lhe um bilhete. O agente Ranier, da Polícia francesa, não pôde acompanhar o brasileiro que tomou um carro, em companhia do desconhecido, e desapareceu. Voltou uma hora depois ao hotel, trazendo uma maleta preta. Subiu ao quarto, depositou a maleta no armário e saiu novamente. A Polícia, logo após sua saída, entrou no quarto, apanhou a maleta, pesou-a e colocou

uma outra maleta idêntica e com o mesmo peso, contendo papéis em branco, no local onde se achava a primeira.

Submetida à perícia no laboratório da Polícia francesa, verificou-se que a maleta primitiva nada continha senão revistas antigas. Havia sido um embuste para testar a vigilância policial. Imediatamente, a Polícia determinou que fosse desfeita a troca de maletas, mas Elói Matos já vinha saindo do hotel com a maleta substituta. Assim, a KGB teve ciência de que a Polícia francesa estava a par dos planos.

Nessa tarde, Elói Matos fechou sua conta no Hotel Ile de France e, acompanhado de Aristides Franco, mudou-se para o Hotel Savoy, quarto número 506, o que obrigou à Polícia a uma completa mudança do dispositivo de vigilância.

A Polícia francesa comunicou à Interpol que a vigilância de Elói Matos a estava onerando demasiadamente. A Interpol pediu um reforço de dois agentes à Polícia brasileira, mas esta, por dificuldades burocráticas, não pôde fornecer o apoio solicitado. Como resultado, a vigilância de Elói Matos foi reduzida.

No dia 15 de dezembro, Elói Matos requereu visto consular para visitar Viena, Praga e Moscou. Escreveu à família, dizendo que, em virtude de negócios, teria de viajar para essas cidades. Queixava-se do inverno e já não tinha o mesmo otimismo de suas cartas anteriores. A sua última carta à esposa foi datada de 17 de dezembro.

Em Viena, a Interpol perdeu o contato. Nem mesmo a Embaixada Brasileira na União Soviética teve notícia da chegada de Elói Matos a Moscou. Há, porém, certeza de que ele permaneceu vários dias nessa cidade, em virtude das seguintes informacões:

1 — Um estudante brasileiro na Universidade Patrice Lumumba referiu-se a um encontro em Moscou com o "Dr. Elói Matos, do Banco Regional". A descrição da pessoa coincidia com as características do bancário.

2 — Um turista norte-americano, em palestra com um brasileiro em New York, disse ter-se encontrado com o Dr. Elói Matos, em Moscou.

3 — Foram verificados os registros da partida de Elói Matos de Viena, com destino a Moscou, em avião comercial da Aeroflot.

As autoridades soviéticas declararam ignorar a presença de Elói Matos em Moscou, apesar da insistência das autoridades brasileiras em localizar o bancário desaparecido.

O estudante brasileiro na Patrice Lumumba declarou que o encontro com Elói Matos se deu no dia 31 de dezembro. Elói lhe teria dito que iria embarcar com destino ao Brasil no dia seguinte, perguntando-lhe inclusive se não desejava enviar alguma coisa por ele. O estudante respondera que, se pudesse, enviaria a sua própria pessoa, pois já estava farto da União Soviética.

Realmente, no dia seguinte, houve um grande desastre aéreo no Aeroporto de Moscou. Não houve menção de qualquer estrangeiro morto, entre as noventa vítimas do acidente com o avião II-18, mas as dúvidas são justificadas, porque não foi divulgada a lista oficial das referidas vítimas.

Há indícios de que Elói Matos chegou a Paris, proveniente de Viena, tendo reembarcado com destino a

usou um passaporte falsificado com o nome de Antônio Figueiredo da Silva. A fotografia, tirada por um amador, de várias pessoas que viajavam em um vôo das Aerolíneas Argentinas, no dia 5 de janeiro de 1971, permite reconhecer a pessoa de Elói Matos, no aeroporto de Lima, com a sua indefectível maleta preta. Todas as pessoas de sua família foram unânimes em declarar que era ele, sem dúvida. A aeromoça Isabel Leiton lembrou-se também do suposto Antônio de Figueiredo da Silva, pois, na hora de preencher a declaração da bagagem, pediu-lhe que escrevesse o nome, em letra de forma, por não entender a sua assinatura.

Desembarcando em Buenos Aires, Elói Matos seguiu para Montevidéu, atravessando o Prata em navio. Em Montevidéu, colheu-se uma informação de sua presença. Antônio Figueiredo da Silva passou a noite no Hotel Florido, perto do cais. No dia seguinte, encerrou a conta, tendo saído em companhia de dois desconhecidos em um táxi

XI — O DINHEIRO

Quando chegou pela manhã à sede da Comissão Executiva, Soares Cunha chamou José Pires em seu gabinete. Estava preocupado. Sua fisionomia denunciava uma noite de vigília e ansiedade.

— Então, perguntou, alguém telefonou para mim?

— Ainda não, respondeu o auxiliar. Mas temos um volumoso expediente para despachar.

— Vamos deixar isso para depois.

Procurou controlar sua impaciência. Mas depois que José Pires saiu, levantou-se e começou a caminhar pela sala. Reconstituía os acontecimentos dos últimos dias.

de três elementos em um carro, com destino a Bajé. O que teria ocorrido? Teria a Polícia interceptado o grupo? Teria Elói Matos desaparecido com o dinheiro? Não, este silêncio não era bom presságio.

Durante toda a manhã, Soares Cunha viveu o drama da ansiedade. Mas, às duas horas da tarde, recebeu um telefonema de João Fábio, dirigente da Seção de Relações Exteriores do Partido.

— A encomenda chegou, disse João Fábio, venha já.

Soares Cunha despencou-se para Santa Teresa.

— Aconteceu uma coisa muito estranha, informou-lhe, na chegada, João Fábio. A maleta foi-me trazida por um camarada de Santana do Livramento. Esse rapaz esteve com Eloi Matos no hotel de Rivera. Ele confiou-lhe a maleta, pedindo-lhe que ela me fosse entregue, com uma carta, dirigida a mim. Eis a carta.

Soares Cunha leu o papel que lhe mostrava João Fábio. Dizia apenas o seguinte:

Senhor João Fábio

Cheguei de Rivera, de madrugada, muito cansado, depois de uma estafante viagem desde Montevidéu. Os dois companheiros uruguaios que me acompanharam regressaram nessa mesma noite. Apareceram dois outros indivíduos que me disseram ter ordens de me proteger na viagem até Porto Alegre. Percebi que olhavam com insistência para a minha maleta. Fiquei ainda mais preocupado quando, depois do jantar, apareceu outra pessoa dizendo que havia sido incumbida de levar-me até Curitiba, passando por Santa Maria. Há uma contradição que preciso levantar.

Por casualidade, encontrei-me com um bancário, amigo

Quem trouxe a mala? perguntou Sgarra Cunha

— Não é isso. Chegaram os duzentos mil d

foice e o martelo pareceu-lhe uma acintosa mancha de sangue na alvura do ambiente. Levantou-se, arrancou o painel, amassou-o e jogou-o no fundo de uma cesta.

Chamou, em seguida, José Pires na sala vizinha.

— Junte minhas coisas, determinou, ponha tudo em envelopes e leve para minha casa hoje. Não voltarei mais aqui.

Desceu as velhas escadas do prédio e confundiu-se com os transeuntes que passavam naquela tarde quente de janeiro.

PROGRAMAÇÃO PARA 1978

Além desta e outras em estudo, constam da Programação deste ano as seguintes publicações:

UMA PONTE LONGE DEMAIS
Cornelius Ryan

OSÓRIO – Síntese de Seu Perfil Histórico
Cel João Baptista Magalhães

MEMÓRIAS DE GUERRA (2.º Vol. – A Unidade)
General de Gaulle

BATALHAS GANHAS E PERDIDAS
Hanson W. Baldwin

ADMINISTRANDO ATRAVÉS DAS PESSOAS
Dale Carnegie & Associates

ENIGMA – O Segredo de Hitler
F. W. Winterbotham

ALMIRANTE CANARIS – O Príncipe da Espionagem Alemã
André Brissaud

As melhores obras
dos melhores autores
aos assinantes da BIBLIEX
Valor da assinatura para 1978:
Cr$ 270,00

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO-EDITORA
Publicação 478

COLEÇÃO GENERAL BENÍCIO
Volume 157

1977